**PENTAGRAMA**

**MÁGICO**

**EDUARDO SISTEROLLI ALENCAR**

Apresentação

Viajei com o autor. Experimentei agradáveis surpresas e, a despeito de bem acessíveis os caminhos, a riqueza das descrições, a fluência das narrativas e a beleza da ambiência permitiram-me, além do mais, devaneios distanciados do lugar comum.

Os personagens bem talhados por precisamente qualificados para uma trama bem urdida e moldada adequadamente para a cultura apropriada experimental, sedimentária e de amplo alcance, em todos os sentidos.

Na linguagem revela-se a erudição do autor que expressa, em momentos azados, pulsos ternos da vivência familiar e, em toques líricos, as sugestões das paisagens.

De outro lado, o enredo humano, de todos os tempos, expendidos em sonhos reais que se entrosam, bem concatenados, sugere expectativas de surpreendentes suspenses que se abrandam em assimilações refletidas.

Esse caráter bivalente do homem na liça do dia a dia, em simbiose com aquele real, onírico, exibe-se, por si, como um valor a mais, de mais significativa ponderação, para a obra que, na verdade, se me mostra cativante.

E as abordagens se fazem, a todo passo, com maestria, por alguém, o autor que, a par dos vastos recursos líterocientíficos e humanos, ainda as faz como um conhecedor iniciado nos meandros da alquimia esotérica.

A todo o tempo, um convite a reflexões sobre o homem que se destina às excelsitudes, posto que dado aos embates em que ora atua como bruto, depois, sensível e, progressivamente, nessa roda viva do mundo cósmico a girar e girar ao vezo da eternidade.

E mais, àquela com reflexo no plano moral: a cada ação inexoravelmente corresponde outra de igual teor, em sentido contrário que bem sobraça a redundante seqüencial bem verdadeira, de longe, ditada de nossos antepassados – “Quem semeia ventos, colhe tempestades”.

Minhas congratulações sinceras ao autor.

Geraldo Deusimar Alencar.

Nota do Autor (orelha)

A maior virtude da leitura é o poder que tem de conduzir-nos, em velocidade supra-luminar, a outras dimensões, concedendo-nos imensurável deleite, pelo manuseio da mais ágil e pura forma de energia, o pensamento.

As páginas seguintes relatam a história de cinco personagens de expressiva bagagem intelectual e de poderio invejáveis. Cada qual tendo linhas de pensamento e objetivos distintos, expressando sua força de maneiras diversas e tendo seus destinos entrelaçados por motivos que a humanidade leiga jamais conseguiria explicar.

Influenciam-se mutuamente à égide de uma vontade maior e mais imperiosa que as suas próprias, gerando fatos de relevante significação, ora afetando positivamente nossos protagonistas, ora negativamente, sendo o epílogo de uma originalidade ímpar.

A narrativa não se passa nos dias atuais e, sim, nos séculos passados e envolve diversas gerações. Nem por isso perde-se no arcaísmo, pois trata de temas imutáveis, que se perpetuarão até os fins dos tempos, não importa o quão modernos nos tornemos.

O objetivo dessa obra nada mais é do que transportar-nos, momentaneamente, a esse outro universo, onde o sinergismo e o embate atemporais do negativo e do positivo, do 0 e do 1, do Yin e do Yang, se fazem presentes, em suas eternas encenações.

Os fatos contidos, nesse livro, longe dos sectarismos usuais, estão vinculados apenas à ciência mística universal, comum a quase todas as correntes de pensamento positivo atuais.

Desejo ao leitor um proveitoso ingresso no mundo particular desses indivíduos e que, de alguma forma, o conto sirva para o seu engrandecimento pessoal.

Biografia (final da orelha)

Eduardo Sisterolli Alencar é médico angiologista, casado, dois filhos, atualmente residindo na cidade de Goiânia, Goiás.

Agradecimentos

Agradeço principalmente ao “encadeamento das causas e efeitos” que me concedeu a convivência com uma família tão especial: minha esposa Valéria, companheira de todas as horas e maior incentivadora, e meus filhos Victor Hugo e Mariana, fontes inesgotáveis de orgulho e inspiração.

Seria injusto não citar aqui, nesse breve momento, meu pai, Deusimar, de retórica e conhecimento linguístico incomparáveis e paciente corretor, minha mãe, Leontina, que muito estimulou a concretização desse livro, e parentes próximos, que leram o rascunho desse romance, tecendo comentários sinceros e bem colocados.

Contra Capa

Há quase 2 séculos, um solitário e desiludido banqueiro impôs-se uma aposentadoria. Mudança de vida, que envolveu o desvencilhamento de todas as ocupações financeiras e a posterior transferência para outro país.

Mal imaginava os acontecimentos extraordinários que o abarcariam na interiorana Bornester, Inglaterra, onde um encontro surpreendente com o passado desconhecido se fez inevitável.

Uma trama que tratará de seres poderosos, atemporais, trabalhando em pontas opostas da estrela pentagramática, aventurando-se por dimensões diversas da existência e culminando em um final surpreendente.

Capítulo I

Órfão desde os primórdios, já que meus pais me abandonaram em uma instituição, logo nos meus primeiros dias de vida, dediquei-me, invariavelmente, a um só objetivo: progredir socialmente, provando àqueles que me enjeitaram, o valor de seu pupilo desprezado.

Após anos de estudo e de labor obsessivo, consegui me tornar dono de uma pequena empresa financeira que, com o tempo, cresceu em demasia, transformando-se em um dos maiores bancos de meu país.

Talvez, devido ao rancor, pelo menoscabo que meus progenitores me dedicaram talvez, pela aversão que a frívola sociedade me causava, nunca fui dado a amizades e a solidão foi minha companheira habitual.

Poderia ter tudo dos meus fartos rendimentos, mas qualquer reconhecimento sincero, de um verdadeiro amigo, jamais obtive, tendo em vista que apenas o interesse pessoal movia os que, habitualmente, me rodearam. Nem mesmo o paradeiro das pessoas que me deixaram, pequenino, aos cuidados de estranhos, despertou-me interesse.

Os negócios aos quais me dediquei, integralmente, durante toda a existência, raramente movidos com lisura, e a ganância descabida, em aumentar meu capital, não me permitiram constituir família, nem deixar descendentes. Isso tudo me tornou uma pessoa rude e de difícil trato.

Atualmente, com meus sessenta anos, me sinto mais só do que nunca, cercado, como sempre, de companhias cobiçosas. Vejo tudo o que produzi com muita animosidade. A falta de entusiasmo me abarcou, de algum tempo para cá, impondo-me uma mudança urgente nas minhas diretrizes.

Resolvi, então, vender tudo que possuía, inclusive o banco, e passar o resto de meus dias, isolado, em algum lugar aprazível, onde pudesse dedicá-los a algo menos estafante, fugindo, por assim dizer, da convivência humana. Lembrei-me, durante meus pensamentos aleatórios, de uma pequena cidade do interior inglês, na qual havia estado, por motivo de negócios, chamada Bornester e da qual me recordo bem, por sua beleza e pela tranqüilidade e bucolismo rotineiros.

Quando lá estive, o traçado de suas ruas calmas e a bela arquitetura, com os toques rústicos das moradas, aparentemente confortáveis, juntamente com a paisagem farta de árvores e de pássaros canoros, me fascinaram. Decidi, portanto, mandar um serviçal, àquelas paragens, com o fim de investigar a possibilidade da compra de alguma propriedade.

Pouco tempo depois, meu enviado retornou, trazendo a boa notícia:

- Sr. Rockwood, encontrei uma linda construção que, a despeito de não ser tão ampla, é primorosa em seu acabamento e conta com uma localização privilegiada, afastada um pouco da região central. Está a venda por uma pechincha e, tenho certeza, vos agradará muitíssimo.

A boa nova soou como um alento para minha mente impaciente. Sem delongas, me dirigi ao pequeno centro urbano. Lá chegando, vi as minhas expectativas confirmadas: continuava o mesmo lugar tranqüilo e encantador, no qual eu poderia despender o restante de minha jornada monozóica.

Procurei, imediatamente, a sua empresa imobiliária, onde deveria contatar o responsável. Ao adentrar o estabelecimento, deparei-me com um sujeito alto, ruivo, imberbe, de costeletas fartas, que aparentava seus trinta e cinco anos e que me recepcionou com um entusiasmo não tão comum aos ingleses. Logo que me apresentei, Sr. Kimberly foi me pondo a par da situação:

- Excelente negócio ireis realizar, Sr. Rockwood. A residência, em questão, encontra-se em ótimo estado de conservação, embora não esteja habitada há uma década. Os filhos do proprietário sempre a mantiveram sob cuidados e a manutenção foi feita periodicamente. Pertenceu a um dos mais nobres vultos dessa cidade, um verdadeiro patrono, Dr. Liam Penley que foi, durante muito tempo, diretor de duas das maiores instituições de Bornester: a Faculdade de Medicina e o Sainte Madeleine Children Hospital. Há dez anos, se mudou para Paris, de onde dirige a Sociedade Internacional de Medicina, ocupando o cargo de presidente. Nossa urbe se orgulha de tê-lo como filho.

- Sr. Kimberly, deixemos de lado, mais comentários, e procedamos logo ao assunto; quando seria possível a avaliação, de minha parte, da propriedade. – interrompi, menos amistosamente, dado que a longa e dispensável exposição me havia, de certa forma, entediado.

- Imediatamente, Sr. Rockwood. Acompanhai-me, e a minha carruagem nos conduzirá até o local. – respondeu-me, imprimindo um aspecto mais formal à sua fala.

Tomamos a condução e deixamos os limites do aprazível aglomerado, onde pude me deliciar com o inefável visual, exuberante em seus predicados naturais. Embeveci-me com o sol no horizonte, iluminando os vales e as pequenas elevações daquela topografia tão formosa. Os pequenos animais eram facilmente localizados sobre a relva verde e os pássaros compunham uma sinfonia capaz de abrandar o mais embrutecido coração.

Aquilo tudo, enlevava-me, sobremaneira, atenuando a aspereza de meu espírito asselvajado. Esse estado de beatitude só foi interrompido quando avistei, bem próximo, uma lindíssima morada, com características de desabitada, que supus ser a que iria comprar. Um grande jardim, necessitado de cuidados, antecedia a construção principal. A casa, de um tamanho considerável, juntamente com a bela vista que tinha a sua frente, satisfazia todos os meus anseios. Para a minha surpresa, o cocheiro passou diretamente, sem adentrá-la.

A minha decepção foi tamanha, que não pude me conter e interpelei o corretor:

- Que imponente residência é aquela pela qual acabamos de passar? Parecia-me desabitada e agradou-me muito. Por um momento, pensei que fosse ela o motivo de nossa jornada.

- Sinto muito, Sr. Rockwood, mas ela não é a que nos interessa. Coincidentemente, pertence também à família Penley, encontra-se igualmente abandonada há muitos anos, mas nunca esteve à venda. Infelizmente, ela não serviria aos vossos propósitos, porquanto nunca foi submetida a nenhuma manutenção e deve estar carecendo de uma grande reforma geral. – explicou.

- É uma pena! pois era realmente o que eu estava querendo – comentei desapontado.

A carruagem prosseguiu mais algumas milhas e, finalmente, chegou ao seu destino. Uma vivenda espaçosa e bem conservada mas, em nada comparável a que eu havia avistado, instantes atrás. Naquela hora, uma idéia me passou pela mente, muito habituada aos negócios. Em seguida a um breve exame do local, me dirigi ao corretor, solicitando uma reunião com o proprietário, o mais breve possível. Fui atendido, prontamente, em minha pretensão:

- O Sr. Igor Penley encontra-se em Bornester apenas para tratar da venda de sua propriedade. Vinde ao meu escritório, às duas horas da tarde, que lá estaremos, eu e ele, a aguardar-vos, para discutirmos os trâmites finais do negócio. – respondeu-me, sempre com a mesma atenção.

Retirei-me para a pequena pensão, na qual eu me instalara temporariamente e, ansiosamente, aguardei pela reunião. Às duas horas, em ponto, lá estava eu, novamente, na empresa de negócios imobiliários de Bornester. Encontrei o Sr. Kimberly já na companhia do Sr. Penley. À primeira impressão, Igor Penley se apresentava como um típico cidadão inglês, com o porte alto, o cavanhaque bem tratado e a sobriedade nos gestos e no modo de falar. Aparentava uns trinta anos de idade e estava trajado impecavelmente. O anfitrião se incumbiu de fazer as introduções:

- Sr. Rockwood, tenho o prazer de vos apresentar o Sr. Penley, o dono do imóvel que acabamos de visitar.

- É um prazer conhecer-vos, meu caro. Pois tratemos logo dos negócios que nos interessam e findemos o que aqui viemos fazer. – respondi, com minha objetividade usual.

Posteriormente a um breve cumprimento, o Sr. Penley se sentou e me olhou atentamente, esperando pela proposta. Continuei, após essa pausa:

- Me interessou bastante uma vivenda localizada algumas milhas antes da que colocastes à venda. Sr. Kimberly me informou que a mesma, apesar de desabitada, não estava sendo negociada, mas pertencia também à vossa família. Ela seria a ideal para que eu concretizasse os meus derradeiros desejos. Apesar do bom estado e da beleza da outra, essa me cativou em especial. Como o imóvel encontra-se sem moradores, há algum tempo, carece de uma boa reforma, que eu estaria disposto a custear. Proponho-vos a compra dos dois bens, em conjunto, sendo que, eu habitaria a residência que pertenceu a vossa família, apenas enquanto durarem as reformas daquela que mais me atraiu.

Ele ouviu o meu discurso em silêncio. Pensou um pouco e me respondeu:

- Sr. Rockwood, sinto não poder satisfazer os vossos anseios. Aquela habitação foi doada a meu pai pelo seu melhor amigo e colega, que desapareceu misteriosamente, há algumas décadas. Chamava-se Dr. Victor Olcott e exerceu sua profissão, durante muitos anos, na Faculdade de Medicina de Bornester, até que duas tragédias sucessivas o atingiram, findando no seu obscuro sumiço.

Desapontado com a negativa mas, ao mesmo tempo, seduzido pela fascinante história do lugar, não pude me conter e, interrompendo-o, indaguei:

- Que tragédias foram essas, meu caro?

Prosseguiu, então:

- Não sei relatar bem o que houve, na época em que tudo aconteceu, eu ainda nem havia nascido mas, depois disso tudo, a casa foi entregue a meu pai que a lacrou e, desde então, tem má fama pela região e os cidadãos supersticiosos daqui preferem evitar as suas proximidades, pois afirmam que alguma coisa sobrenatural emana daqueles muros.

As declarações estimularam, ainda mais, a minha vontade de adquiri-la, fazendo com que retrucasse:

- Não sou afeito a coisas sobrenaturais, nem mesmo acredito nelas e, sobretudo, fenômenos desse tipo, não me fazem medo. Continua de pé a minha proposta. Lembrai-vos que a casa precisa de uma boa reforma, com a qual eu arcaria, sem gerar ônus para os Penley.

Acuado pela minha insistência, finalizou:

- Tenta-me muito uma oferta como a vossa, mas terei que consultar primeiramente meu pai, que se encontra distante daqui, e que me deu ordens expressas, em tempos idos, para não dispor do bem.

Confiante em uma resposta positiva, concordei em esperar, ainda hospedado no pequeno albergue do vilarejo. No tempo em que lá fiquei, pus-me a conhecer as redondezas. Em uma dessas andanças, encontrei uma instituição denominada Sainte Madeleine Children Hospital, um misto de hospital e orfanato, dedicado somente às crianças, que fora dirigido pelo pai de Igor Penley e que, se me recordo bem, chamava-se Liam Penley. Evitei o contato, mais prolongado, com esse tipo de fundação, pois me fazia recordar dos traumas de minha infância. Em outra exploração, deparei-me com um vasto conjunto de prédios, que compunham a Faculdade de Medicina. Conversando com os residentes de Bornester, descobri que os dois estabelecimentos eram internacionalmente famosos, recebendo alunos e pacientes de todas as partes do mundo. Elas, em conjunto, eram as responsáveis pela maior parte do movimento do centro urbano, só não atrapalhando o seu sossego, em decorrência da distância, em que se encontravam, e das grandes alas de alojamentos, que se agregavam aos dois grandes estabelecimentos.

Decorridas duas semanas, fui contatado pelo Sr. Kimberly, que solicitou a minha presença, visto que o Sr. Penley já havia chegado a um consenso sobre o negócio. Encaminhei-me para lá e, assim que cheguei, foi ele mesmo quem primeiro se dirigiu a mim:

- Tenho boas notícias para vos dar, Sr. Rockwood. Ambas as propriedades são vossas. Podemos, por conseguinte, tratar das formalidades da venda.

A positividade da resposta fez-me parecer um novato no assunto de negócios e, só com muito esforço, consegui manter a sobriedade:

- Fico feliz pela aceitação da minha proposição, meu caro Sr. Penley. Passemos, então, à confecção das escrituras e o dinheiro vos será entregue imediatamente.

Procedemos, logo após, à conclusão da transação. Em poucos dias, estava de posse das duas herdades. Mais do que depressa, me mudei para a antiga residência dos Penley, e tratei de contatar operários para reformar a outra. A habitação, quando recuperada, seria a minha morada definitiva. O mestre de obras, que arranjei, não pôde encontrar funcionários, para realização dos serviços de reparo, na cidade; teve que contratá-los nos vilarejos próximos, uma vez que a crença infundada dos locais, insistia em taxar a região de mal assombrada.

Durante a reforma, que durou quase dois meses, era comum que alguns dos operários se queixassem de mal-estar constante, ou que insistissem na assertiva de que ouviam barulhos estranhos pelos corredores, sem que a origem fosse detectada. Eu ria de suas atitudes, fazendo pouco caso, e instigava-os ao trabalho.

O esforço valeu muito a pena, a beleza dos jardins e da casa, em seguida ao labor dos construtores, superou as minhas expectativas. O mobiliário novo realçou cada detalhe do lugar. Finalizada a obra, realizei a minha mudança de domicílio, transferindo tudo o que me pertencia, para o meu novo lar.

Mudei-me logo cedo e passei um dia maravilhoso. Era tudo o que eu esperava para os meus últimos anos, pois a paisagem prodigiosa me proporcionava um grande bem estar.

Para me servir, contratei um número mínimo de serviçais: uma arrumadeira que cuidaria da limpeza e um cozinheiro, que faria, também, as vezes de mordomo, me servindo as refeições. Nas minhas metas, para o meu fim de vida, incluía-se um isolamento quase total, que se aproximava da clausura. A convivência com a sociedade, que eu taxava de fútil e torpe, me tornara amargo e egoísta. A riqueza que consegui, seria sempre minha e comigo desapareceria; ninguém nesse mundo, mereceria desfrutar de algo que se deveu somente ao meu completo e solitário esforço.

Passei um dia benfazejo e, chegada a noite, recolhi-me aos meus aposentos privados e logo adormeci, depois de uma breve leitura de uma brochura sobre assuntos triviais. Tão logo o sono chegou, algo desagradável começou a se passar comigo. Um sonho de características muito reais me envolveu. A casa, antes limpíssima, se transmutou em um pântano pútrido e nauseabundo, habitado por criaturas bizarras e de aspecto repugnante. Uma névoa basca e um odor desagradável feriam os meus sentidos, sufocando-me. De repente, em meio a essa cena horrípila, surgiu uma figura de maiores proporções e de aparência obumbrada; vestia um manto negro e tinha as feições encobertas por um capuz. Transmitia uma grande tristeza, não obstante não me ser possível divisar seus traços faciais. Com um gesto, me pediu para seguí-la. Acompanhei-a, então, com meu corpo de sonho, malgrado o receio que a situação me infundia. Descemos até o nível inferior da morada, andando sempre por aquele ambiente limoso. A uma certa altura, no final do corredor, que conduzia à sala de jantar, ela parou e apontou, com o dedo, para uma parte da parede. Posteriormente, atravessou-a e não pude mais acolitá-la, em razão do intenso pavor. Depois daquilo, os teratogênicos seres, que me cercavam, se aproximaram mais e passaram a me enlaçar, num incômodo amplexo. Nessa hora, não mais suportei e fiz de tudo para acordar.

Despertei sobressaltado, em resposta à minha vontade desesperada. Escotomas e miríades de luzes encandeantes atrapalharam a minha visão inicial, mesmo depois da vigília. Transcorridos alguns minutos, uma calma relativa retornou, mas não mais consegui dormir. A insônia, devido à tensão que o fato me causou, foi minha companheira pelo resto da noite.

Capítulo II

Pela manhã, após passar pela noite mal dormida, desci até a sala de refeições, para o desjejum. Qual não foi o meu sobressalto, quando encontrei meus dois serviçais, a me esperar, com um terror intenso, estampado em suas feições. A arrumadeira foi a primeira a me interpelar:

- Sr. Rockwood, sou obrigada a vos falar, pela força das circunstâncias. Nessa noite, tive pesadelos horríveis, de uma realidade marcante. Não consegui dormir um só segundo, depois de sonhos aterrorizantes, nos quais seres infernais me perseguiam. O pior, foi que o mordomo passou pela mesma indigesta situação. Acredito que essa casa deve ser realmente amaldiçoada, como me disseram.

Perplexo com as declarações, gastei alguns segundos concatenando as idéias. Respondi, em seguida, tentando manter, ao máximo, a calma:

- Não se assustem por tão pouco, tudo o que aconteceu, deve ter sido, com certeza, uma coincidência. A mudança abrupta de ambiente gera, freqüentemente, reações psicológicas adversas e inesperadas. Eu, por exemplo, dormi muito bem e nada tenho a reclamar desse agradável lugar. Tenho certeza de que vocês estão passando por um período de adaptação e que hoje terão um excelente período de sono. Continuem o trabalho, portanto. Não vão ser acontecimentos tolos como esses que atrapalharão o nosso bem estar.

Tive que mentir, para garantir a tranqüilidade dos que me serviam mas, mesmo assim, pude perceber que o medo não se dissipou com o meu discurso. Eu, propriamente, estava impressionado com a simultaneidade dos fatos. Tentei, por conseguinte, convencer a mim mesmo de que se tratava de uma peça do destino, que não mais se repetiria.

O meu dia não foi tão prazeroso como o anterior, provavelmente, em conseqüência da recente insônia. Mas, a despeito disso, o lugar continuava me cativando e, cada vez mais, reforçava-se a vontade de ali permanecer definitivamente.

O crepúsculo chegou, e com ele um certo receio, reforçado por leves calafrios, que insistiam em se manifestar. Dirigi-me aos meus aposentos e, de novo, adormeci. Infelizmente, a mesma situação se repetiu: durante o sono, o mesmo enlapado espectro me fez descer as escadas e, logo depois, apontou na direção de uma parte da parede do corredor, por onde, logo em seguida, ele atravessou. Houve uma diferença marcante dessa vez; os deformes seres, que se encontravam também presentes, não mais se aproximaram de mim. A despeito da grande tensão que o momento me causava, uma curiosidade maior, coadjuvada por um desejo inescrutável de seguir o fantasma, me fez acompanhá-lo, transpondo o mesmo obstáculo com meu vaporoso corpo. No início, a barreira me ofereceu alguma resistência mas, com algum esforço, consegui rompê-la. Espantado, deparei-me com uma curta escada que dava acesso a um cômodo secreto. Relutei muito em prosseguir, pois o caminho me despertou, intuitivamente, uma apreensão intensa. No cômodo, o odor engulhoso e a atmosfera sufocante pioraram bastante. Comecei a descer os degraus, até que cheguei a uma sala. Símbolos luminosos, parecidos com as letras do alfabeto hebreu, circundavam todo o recinto e, ao centro, via-se uma grande estrela de cinco pontas, sendo que nela denotava-se uma deprimente cor negro-purpúrea. Em um dos lados, percebi uma mesa e, sentado em uma cadeira, logo atrás dela, a entidade que eu vinha seguindo. Ela manipulava algumas folhas de papel e parecia oferecê-las a mim. Subitamente, uma gélida brisa me fez tremer e um pavor, que jamais sentira, tomou conta do meu espírito que, àquela altura, beirava o descontrole. Antes não o tivesse feito mas, num ímpeto natural, virei-me para trás e deparei-me com a criatura mais hórrida que minha pobre mente jamais poderia imaginar. Um monstro com uma veste negra a cobrir-lhe todo o corpo deformado; por entre brechas de pano, podia-se ver que não possuía membros humanos e sim garras, parecidas com a de alguns insetos. As feições alteradas pareciam ter sido estragadas por graves queimaduras. A malícia e a maldade que transmitia pareciam infinitas. Não pude encarar aquilo, em razão do medo e da repugnância. De repente, essa aberração se aproximou e, agressivamente, abriu a boca, mostrando os dentes pontiagudos; em um só movimento, levantou uma das garras superiores e, num lance rápido, lacerou o meu corpo de sonho, à altura do peito.

Acordei instantaneamente em meu leito; as mesmas luzes, que me perturbaram na noite anterior, novamente se fizeram presentes. Mas, concomitantemente, uma dor mediastinal intensa me dificultava a respiração. Imediatamente, retirei a camisa, mas não pude notar nenhuma lesão. Somente as referidas pontadas lancinantes a me torturarem.

Aquilo havia sido demais para mim, essa casa deveria ser mesmo maldita. Como suportar noites seguidas com pesadelos semelhantes? Deveria haver uma explicação plausível. Não pude mais dormir, a ansiedade e o incômodo torácico não me permitiram.

Quando amanheceu, desci novamente para o desjejum mas, para a minha decepção, não mais encontrei os meus serviçais. Fui até seus aposentos e percebi que haviam me deixado. Logo entendi que, mais uma vez, sonhos semelhantes os haviam atormentado.

Sozinho, vi-me diante de uma única opção: a de mudar-me para a outra propriedade, a mesma que havia sido habitada pelos Penley. Pelo menos lá, a caseira poderia suprir minhas primeiras necessidades, enquanto eu procurasse novos criados. Passei um dia inquietante; a frustração de ver meus planos modificados por aqueles acontecimentos, faziam meu ser, desacostumado a derrotas, clamar por uma solução, asseguradora que minhas metas originais não se alterassem.

De tarde, procedi a uma longa caminhada, tentando amainar a inusitada sensação que os inexplicáveis fatos haviam me causado. O visual natural, que também era belo, não se comparava ao que fazia frente à antiga morada dos Olcott. À medida que a tarde findava e que a noite dava os seus primeiros sinais, uma determinação compelia-me a pensar incessantemente em um meio de me estabelecer na residência que era o alvo dos meus anseios.

Com o escurecer, me recolhi aos aposentos e adormeci rapidamente, em razão das horas de sono perdidas nas duas noites passadas, que geraram em mim uma forte fadiga. Mas uma vez, surpreso, nesse plano onírico, surgiu à minha frente, a figura do ser encapuzado, que me fizera seguí-lo, nas duas ocasiões anteriores. O sonho tinha características menos realistas mas, mesmo assim, transmitia-me uma profunda impressão. A grande tristeza da criatura inspirava-me uma notável compaixão e uma vontade de auxiliá-la, de algum modo. Decorrido um curto minuto, no qual me vi diante dessa figura tão intrigante, a forma se movimentou e retirou o capuz que lhe cobria as feições. Um rosto embrutecido, marcado por profundas cicatrizes, foi o que consegui divisar. Apesar de seu aspecto deplorável e, por mais incrível que me parecesse, simpatizei-me, de alguma maneira, com ele. Acordei logo depois. Ao contrário das outras noites, um sono reconfortante se seguiu e fez-me recuperar as energias.

Descansado, decidi desvendar o mistério que envolvia aquela construção. Logo de manhã, após um rápido desjejum, encaminhei-me para lá, munido de alguns apetrechos.

Assim que cheguei, dirigi-me ao seu interior e, com um gesto determinado, apossei-me de uma picareta correndo até o corredor e desferindo vários golpes na parede, no lugar exato por onde o espectro e eu havíamos transposto.

Pude observar, enquanto os tijolos eram derrubados, que realmente existia a escada, a qual eu havia visto, durante minhas transcendentes jornadas, e que esta conduzia ao mesmo cômodo secreto, que já conhecera durante o sono. Com algum esforço, consegui abrir uma brecha, suficiente para me permitir a passagem. Nesse ínterim, um desagradável cheiro emanou do recinto, fazendo com que um certo entorpecimento tomasse conta dos meus sentidos, e me desorientasse por alguns segundos.

Mesmo com um grande temor, e com a dor no peito ainda a me fustigar, estava resolvido a descobrir a causa daqueles sonhos aflitivos; desci, portanto, os degraus, até me postar no centro da sala. Pude notar a estrela de cinco pontas, todavia dela não emanava mais a cor negra. Também não pude perceber, no solo e nas paredes, as letras luminosas do alfabeto hebreu. Lembrei–me da mesa, atrás da qual se sentara o vulto sobrenatural. Virei-me para a sua localização e a percebi no mesmo lugar. Para meu arrebatamento, um esqueleto humano completo debruçava-se sobre ela. Sua mão empunhava uma caneta empoeirada e repousava sobre um calhamaço de papéis, situado num canto do móvel.

Afastei um pouco, a parte cárpica do esqueleto, e me apossei dos escritos. Quando comecei a lê-los, não pude mais parar. Eis o que continham:

“ Prisioneiro desse claustro, que eu próprio criei, sinto-me forçado, nesses que são os meus últimos dias, a deixar um relato dos eventos que me trouxeram a esse triste ponto.

Por erros crassos de avaliação, priorizei sempre a cobiça e o cultivo da exclusiva vantagem pessoal. O mal que causei aos que me circundavam e a mim mesmo, ocasionou muita dor e um torvelinho de acontecimentos que, em seqüência, desgraçaram-me. A minha única esperança, era de que não existisse vida, após deixar esse corpo de carne, para que, o silêncio total, cessasse a minha tortura moral e, com o passar do tempo, os que ficassem, esquecessem quem fui, ou o que fiz. Mas, mesmo eu, que sempre fui ateu, sinto-me incrédulo nessa possibilidade, pois esses terríveis seres etéricos que me cercam, confirmam o contrário.

Em minha arrogância, teimei em trilhar o caminho errado, sem saber que estava sendo manipulado por esses espíritos malignos, antes imperceptíveis, mas que agora se tornaram reais aos meus sentidos e me acompanham por onde quer que eu vá.

Irresponsavelmente, adentrei um laboratório que não conhecia e manipulei, simiescamente, forças perigosas, as quais me colocaram em contato com esse mundo infernal. Tive que, compulsoriamente, deixar os que me eram caros, a fim de não feri-los e trancafiar-me aqui, nesse cubículo, esperando a morte.

Os poderes malignos, que adquiri, permitem-me ver os fatos pretéritos em uma outra dimensão, como se deles não houvesse participado. Em contrapartida, angariei a companhia eterna desses enlaivados entes abissais.

Sei que morrerei em poucos dias, mas não sem antes deixar uma narrativa do que se sucedeu, no intuito de prevenir os incautos, que se acham superiores às leis inexoráveis da natureza. As mesmas leis que me fazem passar por tudo aquilo que desejei e que realizei de mal. Nesse meu inimaginável sofrimento final, com todas essas criaturas bisonhas a vociferar impropérios em meus ouvidos, tento criar alguma coisa boa, dado que em vida, só o mal produzi.

Findando a leitura desses escritos, quem quer que o faça, deixe essa casa, que antes era bela e abençoada, e que eu, com meu toque pernicioso, transformei em um charco pestilento, um genuíno ínfero na terra, que nem a passagem de longas décadas poderá sanear.

Como disse, os poderes a mim conferidos, me permitem ver os acontecimentos que se sucederam, como se deles não houvesse participado, e interpretar as verdadeiras intenções dos que neles tomaram parte. Agora percebo, que só de mim partiram as más ações, e que meus inimigos existiram somente na minha mordaz imaginação. Por isso mesmo, exporei o ocorrido, me postando como um observador, pois se torna mais fácil suportar as dores que as reminiscências me causam.

Perdoe-me a Grande Fraternidade da Tríplice Aliança, da qual um dia fiz parte, e que Deus me ajude a suportar esse tormento, e a terminar essa história que começo a relatar:”

No entusiasmo do momento, esqueci-me de onde estava. Uma intensa cefaléia, desencadeada pelas emanações do lugar, me fez sair rapidamente de lá, procurando um ambiente mais apropriado para continuar a leitura. Levei comigo os escritos para a antiga morada dos Penley, que agora me pertencia, e lá continuei o exame daqueles papéis.

Capítulo III

Prossegui a leitura, eis o que continha:

“Era outono, os primeiros sinais do inverno já haviam chegado e o clima agradabilíssimo convidava à contemplação da bela paisagem, que se descortinava pelo vale. As montanhas circunvizinhas, com seus cumes baixos e desbotados, davam um toque inefável, com sua densa vegetação, a transmitir todo o vigor da natureza, gerando um quadro verdadeiramente transcendente.

As alterações feitas pelo homem, naquelas paragens, se integravam ao contexto, mais completando do que atrapalhando as visões magníficas, que deleitavam o viandante. O clima de paz era corroborado pelos animaizinhos que, vez ou outra, se faziam presentes em seu labor, ou em suas inocentes traquinagens. Tudo parecia deixar bem longe os dramas humanos que se desenrolavam num estranho teatro, completamente adverso a essa simplicidade. Se os pequenos integrantes do reino animal pudessem vislumbrar o que a evolução lhes reservava, talvez viessem a desistir da tão falada inteligência racional, da qual o homem tanto se vangloria, e que traz, em conjunto, um turbilhão de sensações e emoções complicadas, por vezes danosas, ausentes nesses primórdios de seus engatinhantes desenvolvimentos.

Tamanha placidez, jamais sugeriria o palco dos incontáveis embates, que por ali estavam estreando.

Ao final da estreita estrada, chegava-se a largo descampado, de onde era possível observar-se, ao fundo, uma imponente construção, de janelas altas, cumeeiras agudas e de estilo característico do início do século XIX, lembrando muito as linhas arquitetônicas dos Smithsonianos. Descortinando-se à edificação, abria-se um belo jardim, com duas proporcionais fontes marmóreas de água cristalina. Ao seu redor, sobre a relva viçosa e bem aparada, jovens uniformizados discutiam em alegre farfalhar.

Frequentemente, viam-se outros indivíduos, trajados de branco, também de pouca idade, de aparência mais séria que, partindo de uma ala lateral do prédio, atravessavam rapidamente a área gramada, adentrando a parte central do complexo para, minutos depois, retornarem ao bloco de origem, pelo mesmo caminho. Observando os aparatos que conduziam, podia-se deduzir que se tratava de médicos em período de formação. De fato, estávamos em frente a uma Faculdade de Medicina, a de Bornester.

Sendo parte do conjunto seleto das raras entidades letivas de medicina daqueles tempos, a Escola Médica Superior de Bornester acolhia alunos de todas as partes do país e, até mesmo, de outros rincões, colocando-se como um ponto de referência para o tratamento de doentes das regiões próximas e longínquas. Esses pacientes, a seu turno, se dirigiam em grande quantidade, à instituição, à procura da cura das mais diversas patologias e, nesse intento, utilizavam a potencialidade do enorme hospital-escola, que a ela se agregava.

Facilmente identificava-se, na fachada, a entrada principal, pois, na parte central, que era destinada às atividades teóricas, se destacava um vistoso pórtico, com sua trabalhada porta de mogno. No interior do edifício, podia se perceber o cuidado esmerado de seus idealizadores durante o erguimento, dado que, não poupando gastos, revestiram-no internamente com primorosos blocos de mármore italiano.

Naquele dia, em especial, era possível, a partir do hall de entrada, ouvir, ao longe, o som de uma eloqüente discussão. Seguindo o zoar desse debate, depois de transpor um extenso corredor, chegamos a um anfiteatro, mobiliado com uma pesada mesa central, rodeada por inúmeras cadeiras, de uma cor vermelha muito escura, dispostas em círculos e que se arranjavam em planos concêntricos, sucessivamente mais altos, à medida que se distanciavam do meio da sala, somando, mais ou menos, duzentos lugares. Sentados ao redor da mesa, dez catedráticos expunham seus pontos de vista, enquanto eram observados por cerca de cinqüenta alunos que, atentamente, procuravam absorver o conhecimento dos mestres. No momento, discursava um dos professores, situado em uma posição de destaque que, com sua dialética, prendia a concentração de todos os circunstantes. Era um homem de olhar penetrante, que transparecia deter um grande desenvolvimento intelectual. Em um determinado ponto do seu discurso, concluiu:

- Finalmente, após muito aferir e, de acordo com as conclusões dos meus citados trabalhos, sigo a corrente de Hanneman, segundo a qual as patologias físicas estão grandemente relacionadas ao estado psicológico dos indivíduos. Várias observações nos mostram alterações na capacidade imunológica, de acordo com variações no humor do paciente. Prova disso é que a música, a psicoterapia e outros tratamentos alternativos auxiliares adequados, são benéficos como coadjuvantes nos casos de doentes submetidos à terapêutica de vários males, sejam eles de causa infecto-contagiosa ou não.

De repente, outro professor, situado próximo de si, sem mesmo dar-lhe tempo para que findasse as suas assertivas, o interrompeu:

- Dr. Olcott certamente vem dando muito realce às coisas de menos importância e deixando em segundo plano o principal: a própria doença. É corrente saber que existem pacientes psiquiátricos vivendo em estado de extrema depressão ou, às vezes, de elevada ansiedade e que nunca são acometidos por nenhuma patologia física, de qualquer tipo. O colega devia se dar ao trabalho de pesquisar mais profundamente o assunto, antes de seguir essa ou aquela corrente de pensamento pseudo-científico, difundindo idéias de conteúdo não comprovado e de pouquíssima aplicabilidade.

- Pouquíssima aplicabilidade, Dr. Murray? O bom senso nos levaria a achar uma infinidade de empregos para as condutas sugeridas pelos meus trabalhos. A incrementação dessa nova modalidade terapêutica, que se faria com a realização de auxílio psicoterápico, juntamente com o tratamento tradicional, tenderia a encurtar o período de permanência hospitalar do indivíduo. Tenho também observado que os pacientes se recuperam muito mais rapidamente quando acompanhados permanentemente por seus familiares, se comparados aos que ficam isolados durante sua internação. Além do mais, contrariamente ao que o senhor disse, o paciente psiquiátrico, com certeza, é portador de uma enfermidade somática ao nível do sistema nervoso central, meu caro doutor - retrucou Dr. Olcott, com uma certa irritação.

- Observações isoladas não deveriam servir como parâmetro para conclusões tão amplas. Convenhamos que nenhum artigo sério, até agora, comprovou realmente o que Dr. Olcott está querendo propagar. O colega baseia suas deduções apenas em suas reduzidas observações pessoais - nesse ponto, lançou um olhar ferino ao Dr. Olcott e continuou - Sejamos cientistas e não alquimistas dos tempos medievais.

Dr. Stanley Murray, o catedrático que acabara de discursar, era um sujeito alto, de olhos ameaçadores e fixos. Usava um cavanhaque bem aparado e roupas impecáveis. A despeito do indiscutível dom da oratória e da comprovada inteligência, possuía um caráter excessivamente defeituoso onde imperavam o orgulho, a inveja e a ambição. Ele acabava de repetir uma cena costumeira: sempre que podia, discordava dos colegas de profissão, mesmo que seus pensamentos estivessem lógicos e coerentes e que suas próprias idéias fossem congruentes com os mesmos. Não se importava em prejudicar alguém para conseguir seu propósito e, como na discussão recém travada, não fazia ele questão de debater e, a partir das informações científicas, chegar a uma conclusão. Sua verdadeira intenção era a de rebaixar as novas teorias, desde que não fossem de sua autoria, ao ponto de torná-las ridículas, mesmo sem o prévio conhecimento do assunto. Sob a égide maquiavélica, trilhava a sua personalidade e, seguindo essa linha, visava sempre diminuir quem ousasse se sobressair.

O ínclito doutor que iniciara a discussão, antes de ser interpelado por Murray, era Victor Olcott, uma pessoa de estatura alta, com seu um metro e oitenta e cinco de porte, cabelos escuros, imberbe e um olhar penetrante ímpar. Com modos tipicamente ingleses, tinha a índole bondosa e serena, não obstante freqüentemente exteriorizar sinais de uma grande tristeza interna. Dentre as inúmeras qualidades das quais se imbuía, se destacavam a de ser desprovido das máscaras que estragavam a sociedade da época, e a de possuir uma notável amabilidade no trato com os colegas, alunos e pacientes. Murray cultivava um ódio especial por Olcott pois, há alguns anos, fora preterido, em suas intenções amorosas, por uma bela jovem que, mais tarde, viria a se tornar a esposa de Olcott; esse fato originou-lhe uma mágoa profunda, que nem mesmo o tempo conseguiu amainar. Olcott era também o candidato favorito para ocupar, em breve, o cargo da chefia dos professores titulares do departamento científico da Faculdade de Medicina, gerando mais um motivo para as repetidas investidas de Murray, que também ambicionava o posto. Durante um grande período, Olcott vinha suportando suas calúnias e tentativas malogradas de macular o seu currículo.

O competente doutor era tido em grande conta por todo o corpo docente da faculdade pois, nos poucos anos de magistério, se dedicou, com afinco, a todo tipo de investigação médica, deixando de lado o comodismo habitual da maioria dos outros colegas, paralizados preguiçosamente em suas rotinas diárias. Suas pesquisas haviam gerado uma certa repercussão externa e isso servia, ainda mais, para colocá-lo em um nível de destaque. Somente nos últimos dois anos, ele vinha se consagrando, quase que exclusivamente, a uma atividade específica, pelos motivos que exporemos em breve.

O atual chefe da cadeira científica era o Dr. Detmold que, após décadas de dedicação, se preparava para a merecida aposentadoria. Era um senhor de estatura mediana, compleição um tanto obesa, portador de uma calvície que só o atingia na parte superior da cabeça, deixando as regiões laterais a salvo e, nessas áreas, apresentava uma quase farta cabeleira grisalha. Usava bigode e grandes costeletas, também descoradas pela idade. Sempre demonstrava atitudes polidas e meticulosas, como se o passar dos anos o houvesse provido de uma calma experiente, fazendo com que nunca se precipitasse. Verdadeiro discípulo de Hipócrates, direcionara toda sua vida em prol do avanço da medicina e, empregara a maior parte do seu tempo, no tratamento metódico de pacientes aflitos, fossem eles ricos ou pobres, muitas das vezes em detrimento do convívio familiar, que lhe era tão caro. Via em Victor Olcott um digno sucessor e o indicara para a função, em sua substituição, a um conselho de dez doutores, que se encarregaria da escolha final do catedrático aspirante ao cargo.

Esse grupo analisaria o currículo do postulante, juntamente com um artigo inédito, a ser apresentado pelo mesmo, em data marcada, que se daria uma semana depois daquele dia. É claro que o peso da indicação do Dr. Detmold somava muitos pontos para o candidato.

Havia um segundo pretendente que não era ninguém menos do que Stanley Murray. Suas chances na disputa eram ínfimas, pois não era bem visto pelo Dr. Detmold. Mas a sua cupidez, sem limites, não o deixava imaginar-se em um nível inferior ao de seu eleito rival.

Justamente por isso, Murray tentava, sem sucesso, menosprezar Olcott, em meio a outros integrantes do corpo docente. No intuito de diminuí-lo, difundia comentários maldosos, transmitindo uma imagem deturpada do adversário. Isso se devia à grande inveja que sentia do oponente e qualquer realização pessoal do mesmo, se transformava num grande martírio próprio.

Algo suspeito pairava no ar, naqueles dias, porque, mesmo com a falta de chances de conseguir a vaga, Murray transbordava confiança e destinava olhares desafiadores e pretensiosos, quando cruzava com Olcott. O que se passaria pelo seu espírito? Isso era uma incógnita que só o futuro poderia dizer.

Em uma sala próxima, horas depois do término do debate no anfiteatro, dois doutores confabulavam:

- Calma, calma, caro amigo! Sabes muito bem, Victor, que deves relevar as críticas e a perseguição da parte de Murray. Ignore-o e não desperdices hormônios e secreções com quem não os merece.

- É que é muito difícil para mim, caro Liam, suportar essa marcação pessoal que me parece eterna. Quando isso acabará?

- Depois que ocupares o cargo de chefia do departamento, ele se colocará em seu devido lugar! - retrucou Liam.

- Não sei, alguma coisa me parece estranha! Ultimamente, as condutas de Murray andam me provocando medo. – completou Victor receoso.

- Estás a te impressionar sem motivo. Com o trabalho científico que vens desenvolvendo, nesses dois anos de laboriosa pesquisa, somando-se à indicação do Dr. Detmold, o páreo está decidido. Murray sempre teve essa cara peçonhenta, ele nada mais faz do que tentar intimidar-te. Esquece-o e não faças o jogo dele !

- Sim, como gostaria de relevá-lo, mas me parece que ele não tem as mesmas intenções em relação a mim! Além do mais, um pressentimento inabitual tem me inquietado nesses derradeiros dias.

De repente, entrou no recinto Dr. Detmold que, interrompendo o diálogo que os dois doutores travavam, se dirigiu a Olcott:

- Caro discípulo, estou de pleno acordo com tuas conclusões, desenvolvidas durante a mesa-redonda. Quero depois, em momento oportuno, discutir contigo algumas questões, de respostas ainda enevoadas, sobre o assunto. No momento, deves te ocupar tão somente com o dia em que serás submetido à banca e exporás teu tão enigmático artigo!

- Caro Mestre, seja eu digno de vossa honradíssima indicação. Tudo farei para que a banca se impressione com o resultado das investigações, a que tenho me dedicado nos últimos anos.

Dr. Detmold procedeu a uma espontânea gargalhada e deu prosseguimento à conversa:

- Tenho certeza disso, meu nobre Olcott, acho que quem deverá se preparar realmente deverá ser a comissão examinadora, pois da última vez em que apresentaste um trabalho, todos ficaram à procura de dados em livros, a fim de acompanhar o teu desenvolto raciocínio.

Acabado o diálogo, se despediram efusivamente e, como se tratava das vinte horas, se dirigiram às suas respectivas moradas.

O colega de Victor Olcott, que, momentos antes, tentava acalmá-lo era o Dr. Liam Penley. Ele havia completado os estudos de formação médica na mesma época e, desde então, eram muito amigos e, por vezes, desenvolviam tarefas conjuntas. Tinha um tipo físico gaulês, com constituição brevilínea e possuía uma personalidade afável e muito honesta; por conta desses últimos atributos, os dois se identificaram logo no início. Além de fazer parte do corpo docente, era também médico chefe do Sainte Madeleine Children Hospital, ou Madeleine como carinhosamente o denominava, estabelecimento esse, que prestava assistência completa aos doentes infantis e às crianças órfãs, desenvolvendo um serviço estritamente filantrópico.

Quando, há quatro anos, se envolveu com a parte administrativa dessa entidade, Penley deu muito de si para conseguir regularizar sua situação financeira, que se encontrava lastimável. As dívidas, que a gestão anterior lhe havia legado, ameaçavam deixar sem morada quase cem crianças. Ele, altruisticamente, empenhou todos os seus esforços, na arrecadação de fundos, junto ao estado e à população local conseguindo, com isso, salvá-la da falência. Depois desse período, o Madeleine se tornara uma instituição humanitária padrão, atendendo a mais de duzentos internos e prestando assistência médica a pequeninos necessitados de uma grande área circunvizinha. Era bem verdade que, em razão da excelente qualidade do serviço médico, chefiado por Penley, o Madeleine atraía também petizes abastados que, ao final do tratamento, na maioria das vezes, deixavam, voluntariamente, doações, em retribuição aos prestimosos cuidados a eles dedicados. Somente ultimamente, haviam surgido problemas com os donativos habituais que , devido a dificuldades na economia local, minguaram, deixando a entidade, mais uma vez, numa posição delicada.

À noite, os dois companheiros foram embora no mesmo coche, tendo em vista que a morada de Liam Penley se situava a meio caminho entre a faculdade e a morada de Victor Olcott.

A residência dos Penley era uma propriedade de porte notável, de duzentos mil metros quadrados, com uma não muito grande, porém bela casa, ao estilo rural inglês. Durante a viagem, confabularam animadamente:

- Victor, estás preparado para a data que se aproxima ?

- Te referes a apresentação de meu artigo ? Ainda faltam alguns retoques, mas tenho certeza da sua aprovação pelo conselho e, principalmente, pelo Dr. Detmold, mesmo porque a pesquisa foi realizada sob os moldes, os quais, ele mesmo me orientara. Mas deixemos isso um pouco de lado e conversemos à respeito de coisas mais interessantes. Como é que estão nossos pequenos orfãozinhos ?

- Os garotos vão bem, o que realmente não vai tão bem é a condição financeira do Madeleine. Há alguns meses, a fundação vem angariando dívidas crescentes, dado que não conta mais com as doações, antes rotineiras, de vários membros que as cessaram, por conta de dificuldades próprias.

- Não te aflijas Liam ! As coisas se ajeitam ! Basta que promovas aquelas providenciais reuniões sociais, no intuito de conscientizar a nossa sociedade sobre a atual situação do benemérito estabelecimento, para que consigas levantar recursos, mediante contribuições extra dos abastados daqui.

- Boa idéia amigo! Seguirei o teu alvitre e lutarei contra o pessimismo que insiste em me acompanhar nesses últimos tempos.

Depois de deixar Liam em casa o coche continuou até à propriedade de Victor. Tratava-se de um sítio de grande porte, belíssimo, de mais ou menos seiscentos mil metros quadrados, com uma grande casa, de ângulos tão agudos quanto os da faculdade. Um maravilhoso jardim, com flores multicrômicas, recepcionava os recém chegados e antecipava a hospitalidade da sede principal.

Ao adentrar a morada, postou-se junto ao hall de entrada, enquanto, vindo de uma escada em espiral, circundada por quadros magníficos, um jovenzinho de seus cinco anos, escoltado por uma senhora de meia idade, se lançou em seus braços, depois de executar uma desenfreada carreira.

- Papai, que saudades, o senhor demorou muito hoje, eu havia apostado com Sofia que o senhor chegaria mais cedo, a tempo de ler na lareira o livrinho que me comprou !

- Desculpe filhinho, papai teve muito o que fazer hoje, mas amanhã prometo que daremos um jeito. Mas, por quê esta dependência? Sofia me falou que você está lendo muito bem !

- Não é a mesma coisa papai, o senhor torna as estorinhas bem melhores de serem ouvidas.

- Está certo “little Phill”, amanhã papai vai ler as estórias do livrinho para você. Agora está na hora de ir para cama, pois já passa das vinte e uma horas.

Sem se ressentir, o pequeno Phill despediu-se do pai, abraçando-o carinhosamente, e saiu para seu quarto, no andar superior, em companhia da ama-seca.

Fatigadíssimo, Victor sentou-se sobre uma larga poltrona aveludada, que se dispunha em frente à lareira. Nesse momento de paz, passou a meditar na sua vida, ultimamente. Avaliou os objetivos que almejava e o que deles resultaria. Dedicou também, um pouco desse tempo, para refletir sobre o futuro de seu pequenino.

Victor contava apenas trinta e dois anos de existência. Há cinco, concluíra seus estudos e, desde então, se dedicava ao apostolado médico. Levava uma vida abastada, financiada pelo bom salário que lhe era destinado pela faculdade e pela herança que seu falecido pai lhe deixara. Há dois anos vinha se consagrando com afinco, a uma pesquisa médica inédita, na qual proporia, depois de longa e complicada análise estatística, novos tratamentos para doenças infecciosas conhecidas e, nas quais, a terapêutica atual deixava a desejar. Essa tarefa vinha sendo conduzida em sigilo, não por pretensões próprias, mas para se assegurar que os resultados finais fossem indiscutivelmente concordantes com os esperados.

Victor era uma pessoa triste. Há cinco anos perdera a esposa durante uma complicação do parto, do qual nasceria Phill, em seguida a apenas um ano de casamento feliz. Camile, sua falecida esposa, era a companheira exemplar que, com sua personalidade afável, o ajudava a vencer as barreiras que a vida lhe apresentava; o amor que dedicava a Victor era ímpar, a ponto de deixá-lo irremediavelmente dependente das suas atenções; na verdade, representava, na sua mais estrita interpretação, a sua verdadeira “cara metade”. Inenarrável foi o sofrimento de Victor, após seu falecimento mas, em meio a imensurável melancolia, surgia um anjo de candura, a expressão viva dos caracteres da que se foi, nas feições do filhinho, que o saudava no berço diariamente, e que o identificava, imediatamente, com o olhar, mesmo que houvesse uma multidão de pessoas no mesmo recinto.

Ele direcionou todos os seus anseios e todo o seu sentido de viver para aquele que seria, de certa forma, a continuação de Camile e de si mesmo; a expressão dos dois naquela terna personalidade.

Não amava o filho apenas por ver em si as feições da mãe, mas por reconhecer nele um menino meigo, inteligente e um verdadeiro amigo, que soube conquistar a sua admiração por méritos próprios, e se transformar na figura número um, dentro do coração paterno.

Phill era um garoto excepcionalmente bonito, alto para a idade, de cabelos claros e olhos expressivos. Com poucos anos, aprendera a ler, sem dificuldades, com Sofia, sua ama-seca, que substituíra Camile nas tarefas maternas, desde a sua morte. A zelosa guardiã era uma senhora de meia idade, físico robusto, estatura mediana e de descendência germânica, que servia a família com dedicação completa. Não obstante a falta dos modos polidos, comum às pessoas do campo que nunca conviveram em sociedade, Sofia possuía um coração repleto de bondade e considerava o pequenino como a um filho e a ele dedicava toda a atenção possível.

Victor continuava meditativo, em frente à lareira, imerso em seus pensamentos quando, subitamente, sentiu uma irresistível vontade de ler algo que fugisse dos temas médicos; dirigiu-se à biblioteca e, entre os inúmeros livros, escolheu um que lhe pareceu interessante e que discorria sobre a vida no Egito antigo. Após alguns minutos de leitura, e com a obra ainda em punhos, Victor adormeceu e, junto com o sono, uma gelidez repentina começou a percorrer-lhe o corpo. Um exótico sonho, de caráter impressionante, por parecer real, o envolveu: viu-se metido em uma roupa completamente esquisita. Um casaco e uma saia de couro grosso vestiam-lhe o corpo. Um grande capacete pontudo de metal cobria-lhe a cabeça e um detalhe, do mesmo metal, com símbolos hieroglíficos incompreensíveis, decorava-lhe o peito. Largo cinto, também de couro, envolvia-lhe a cintura, dando guarida a longa e reluzente espada. Estava postado em uma ampla sala, de seus vinte por vinte metros onde, ao fundo, em sua parte mediana, se via grande e rico leito, sobre o qual dormia formoso garoto, de seus doze anos, com uma fisionomia fidalguesca. Sentia pelo jovem, ali adormecido, grande admiração, mesclada a um sentimento de amor. Sua atenção estava toda voltada para o leito e, sem saber explicar o porque, se via no dever de protegê-lo, a todo custo.

De repente, foi acometido por uma dor aguda no hipocôndrio superior direito, jogou-se ao chão e conseguiu palpar, em suas costas, uma flecha, que o penetrara à altura do fígado. Nesse ponto, sentiu-se desfalecer e, em meio a uma névoa, viu soldados, como ele vestidos, iniciarem sua entrada no recinto, enquanto balbuciavam palavras em um tom baixo e sinistro.

Reunindo suas últimas forças, levantou-se com um só pulo e, desferindo um golpe de espada, perfurou o abdômen do primeiro intruso, que já se aproximava do leito. Em movimento contínuo feriu no pescoço um dos três que ainda restavam. Em seguida, sentiu-se atingido no braço esquerdo por um dos que entraram soturnamente e que se postara em uma posição mais lateral. Perdendo completamente os movimentos do braço esquerdo, e banhado no próprio sangue, conseguiu, com o direito, que ainda empunhava a espada, rasgar o tórax de quem o agredira por último. Nesse instante, o soldado restante cravou-lhe a espada, logo à frente da axila, alcançando os planos teciduais profundos dessa região. Dor atroz lhe acometeu o peito, impedindo-o de continuar a batalha e fazendo-o cair junto aos pés da cama. Dirigiu o olhar para o leito e viu o nobre mancebo, a quem tão ardorosamente tentava resguardar, acordado, com um olhar de intenso terror, retraído em um canto do móvel de repouso.

Ouviu, em seguida, um batalhão de soldados adentrando a sala, seguido de um estalar de metais e, segundos depois, gritos: - O príncipe está a salvo !!! - O príncipe esta a salvo !!!

Após a cena, Victor continuou sua onírica jornada, e viu-se deitado em uma mesa gelada de pedra, de onde, imobilizado por angustiante paralisia e privado do sentido da visão, ouviu o seguinte diálogo:

- Meu rei, não há mais nada que se possa fazer, os ferimentos foram muito sérios, e a grave hemorragia depletou as suas últimas reservas. Arfnoteb se encontra em seus últimos minutos.

O rei, com uma voz grave, cheia de compaixão e sinceridade, aproximou-se do moribundo e disse:

- Caro e imperdível amigo. Nobilíssimo e precioso súdito. Prometeste guardar a vida de meu filho e assim o fizeste, mesmo em detrimento da tua própria. Onde estiveres, e seja em que tempo for, serás credor de minha eterna amizade. De agora em diante, a Grande Fraternidade da Tríplice Aliança será a tua guardiã. Vai amigo, continua a tua majestática jornada e que os deuses te acompanhem !

Mesmo em seu estado terminal, as palavras provocaram-lhe lágrimas. Suave sensação de leveza, combinado com uma flagrância deliciosa de odores silvestres, inundaram-lhe a alma e foi com esta impressão, enlevado, que se viu de novo na poltrona da sua sala de estar.

Não conseguiu mais dormir, a não ser a altas horas da noite, pensando sobre o inusitado sonho. Como ele havia sido real ! Em sua formação, arraigada sobre princípios científicos, só pôde atribuir como causa, ao inesperado acontecimento, à leitura fora de hora. Mesmo assim, a forte comoção, derivada do etérico ato teatral, iria intrigá-lo por vários dias.

Capítulo IV

Nos dias seguintes, Victor não retornou à faculdade, pois solicitara uma curta licença, a fim de efetuar os derradeiros aprimoramentos em seu artigo científico.

Sempre que podia, nos intervalos da árdua e minuciosa tarefa, Victor punha-se a traquinar com o seu querido Phill. Jogava-o para cima, se divertindo, como se o filho fosse um brinquedo. Via-o gargalhar, com sua sinceridade e inocência infantis, fazendo o possível para acompanhar os detalhes do seu coriscante desenvolvimento. Às vezes, podíamos perceber a criança séria e introvertida, em determinado lugar mas, ao ver o pai, sua atitude logo se metamorfoseava em deleitante farra. E assim, o cansativo esforço mental, que era exigido de Victor na confecção de tabelas de dados complexas, se tornava menos extenuante.

Ao se dedicar ao labor científico, no porão de sua casa, não muito raramente, ouvia estranhos ruídos, provenientes de pequenas janelas superiores, que comunicavam o cômodo com a parte lateral do jardim da casa. Repetidamente, saiu de sua rotina para, em carreira apressada, verificar o que os causava, examinando a parte externa da casa mas, em todas as vezes, não conseguiu descobrir o motivo do intrigante bulício. Por fim, cansou-se do intento, atribuindo a origem do periódico som, a algum fantasma zombeteiro.

Sofia, freqüentemente, o interrompia para trazer-lhe algum lanche sólido ou líquido, acompanhado de um conselho maternal, exortando-o a não trabalhar nessa rotina tão exaustiva. Victor nunca seguia suas recomendações e sorria-se, internamente, achando graça dos cuidados que sua governanta lhe dedicava.

A residência dos Olcott era um sobrado amplo e bem cuidado, onde se divisava uma grande sala, depois de atravessar a porta principal. A decoração fora toda feita por Camile, às vésperas do seu casamento. As paredes eram revestidas com um belo papel-parede e enfeitadas com quadros belíssimos, compondo um ambiente genuinamente inglês, ao estilo vitoriano. Ao fundo desse recinto, via-se nova área, composta por uma mesa de jantar, em mogno colonial, guardada por uma bonita cristaleira, em sua retaguarda. À esquerda, uma comunicação, na forma de longo corredor, estabelecia contato com as outras partes da casa, sendo que, a dois terços do caminho, uma estreita porta levava ao porão.

Esse último aposento constituía-se no local de trabalho de Victor. Era formado por uma pequena sala de vinte e cinco metros quadrados, com praticamente nenhuma ornamentação e sem a boa iluminação do restante do domicílio, a não ser na sua escrivaninha. No local, um móvel abrigava toda a bibliografia e anotações que lhe eram úteis na sua pesquisa científica.

Voltando à sala de jantar, à direita ficava a biblioteca com suas enormes estantes e incontáveis livros, de todas as espessuras. Nesse espaço, distinguia-se uma seção, repleta de obras médicas e científicas, e outra composta por edições, que abordavam doutrinas filosóficas, desenvolvidas por escritores de todas as épocas. Divisões menores se destinavam a manuscritos sobre todos os assuntos, desde grandes romances, à temas religiosos e esotéricos. Ao fundo e à direita, rica mesa de estudo, feita de uma madeira nobre, compunha o ambiente. Victor a usava em seus estudos, quando Camile ainda era viva mas, não se sabe por que, após a sua morte, preferiu se transferir para a sala subterrânea.

No andar superior, ficavam os dormitórios de Phill, de Sofia, de Victor e um, que quase sempre ficava trancado, e que era o quarto do casal. Esse cômodo era de um bom gosto único e também havia sido arranjado pela falecida esposa. Sofia entrava nesse ambiente três vezes por semana com a finalidade de, cuidadosamente, limpar os móveis e objetos, tomando o extremo cuidado para deixá-los sempre na mesma posição em que se encontravam.

Victor, vez ou outra, o adentrava e ficava em expressão meditativa, durante horas, se embalando em uma cadeira de balanço, colocada em um canto do cômodo. Às vezes, quando a saudade apertava-lhe o peito, durante as lembranças de sua amada consorte, sentia uma leve e suave brisa fresca, que surgia do nada e que, além da agradável sensação física, causava-lhe um refrigério n’alma, um sedativo da dor que lhe torturava o espírito, como se ela ali estivesse em pessoa, a lhe dizer palavras de consolo.

Nesses momentos, Victor, que amava a música clássica e era um virtuoso no violino, punha-se a reproduzir obras diversas. Adorava, especialmente, o segundo movimento de uma sonata denominada “A Morte e a Donzela”, de Schubert, a qual atribuía a qualidade de peça musical mais linda do mundo. Sempre que executava tal melodia, as lágrimas escorriam-lhe pela face, fazendo-o lembrar de sua querida. Certo é, que seu gosto melódico mudara muito, após o precoce desenlace; dos concertos alegres de Mozart, Bach e Vivaldi, que antes tocava, rotineiramente, agora dedicava seu tempo extra, a trechos selecionados e muito tristes de composições que, apesar de lindíssimas, traduziam dores internas de imensa grandeza. Citando como exemplo, era muito freqüente encontrarmos Victor tocando Stabat Mater de Dvorak, peça musical essa, coincidentemente, produzida logo depois de uma tragédia familiar do compositor.

Após a morte de Camile, Victor fizera um juramento, a si próprio, de não mais se casar, dedicando seu tempo somente a Phill e ao labor. Nunca havia sido infiel a essa promessa, nem mesmo em pensamento.

Certo dia, lá pelas onze horas da manhã, soou a sineta da casa, anunciando um visitante. Sofia, tratou logo de atender a porta e, mostrando-se surpresa, se deparou com Liam que, entusiasticamente, se dirigiu a ela:

- Que cara de espanto é essa, minha adorável Sofia, pelo jeito, me parece que não recebem visitas há muito tempo! E é sobre isso mesmo que eu vim tratar aqui, com o meu nobre amigo. Por acaso, Victor se encontra?

- Realmente Dr. Penley, as visitas nessa casa são tão raras que me vi espantada. Mas entre, que irei avisar o Dr. Olcott da vossa presença.

Liam foi imediatamente conduzido à biblioteca. Em um minuto, Victor estava em sua companhia:

- Que surpresa agradável, Liam ! quais foram os Santos que o liberaram da faculdade e do Madeleine !

- Somente um Santo, São Victor !

Esboçando uma espontânea risada, continuou:

- Nos últimos anos, tenho te percebido muito ensimesmado, e isso tem me preocupado muito, caro amigo! Parece que usas o trabalho como desculpa para tudo ! Hoje mesmo, Laura estará organizando um jantar, em nossa casa, para os amigos da faculdade e do Madeleine e conto com a tua presença !

Victor, depois da morte de Camile, contraíra uma aversão tremenda a encontros sociais e, sempre que podia, arranjava uma desculpa para não tomar parte deles.

- Agradeço muitíssimo o convite Liam, mas não será possível, hoje tenho acertos importantes a fazer na minha apresentação.

- Não quero nem ouvir, tens muito tempo para fazer esses acertos em outra oportunidade. Aliás, Laura ficará grandemente ofendida com uma terceira recusa de tua parte, pois ficaste nos devendo o comparecimento em dois outros jantares, estás lembrado ?

- Sim, sim, persistente Liam ! Devo isto a Laura. Estarei lá às dezenove e trinta em ponto.

Satisfeito, com a batalha ganha, Liam permaneceu alguns minutos mais e, depois, se despediu, com sua maneira extrovertida habitual.

No horário marcado, Victor chegou à residência de Liam sendo recepcionado por uma mulher de seus trinta anos, de rara beleza:

- Mas que divina intervenção ! até que enfim foi-nos concedida a honra da companhia do nosso desaparecido Victor ! seja bem-vindo, entre e fique a vontade !

- Querida Laura, como estás ! Minha vinda aqui se deve somente a ti, sabes que não sou dado ao convívio social !

Victor suspirou brevemente e continuou:

- Percebe-se que emagreceste um pouco !

- Já era hora Victor, aqueles quilinhos a mais me perturbavam há muito tempo. Mas entre, que os convidados estão todos aqui.

Victor, então, adentrou a sala, e passou a cumprimentar os amigos.

Laura era a esposa de Liam. Tinha a tez morena, semblante sincero e características faciais próprias das italianas do sul da Itália. Havia desposado Liam somente a um ano e não possuíam filhos.

Na sala, encontravam-se todos os convivas, que somavam cinco. Estavam presentes o Dr. Edward Lowell, médico assistente de Liam no Madeleine, o Dr. James Meulen, o juiz de direito local e, finalmente o Dr. Julius Detmold, a quem já nos referimos. Todos estavam acompanhados das esposas, com exceção, logicamente, de Victor.

A reunião se deu na sala maior da residência, composta, como na casa de Victor, ao estilo vitoriano. Esse espaço era equipado com vistosa lareira, que ocupava grande parte da parede do fundo do recinto. Em um canto, estava organizado, em uma mesa de doze lugares, um bonito aparelho de jantar de porcelana inglesa, artisticamente disposto, à esperar os manjares, que logo ocupariam sua posição central.

No outro lado, viam-se dois ambientes, formados por finos conjuntos de sofás, nos quais se dispunham os convidados.

As esposas fizeram um grupo à parte, e conversavam empolgadamente sobre assuntos triviais. Liam dialogava com Edward sobre temas relativos ao Madeleine, enquanto, em uma outra parte da sala, Dr. Detmold, Dr. Meulen e Victor se entretinham, em uma animada conferência.

Num determinado momento, Liam interrompeu suas alocuções com o colega Edward, e chamou a atenção de todos para si:

- Vocês tomaram conhecimento da série de acidentes ofídicos que vêm acometendo a população rural de Bornester?

Com a negativa geral, continuou:

- Há dois anos, as matas vêm sendo invadidas por uma quantidade, sem precedentes, de serpentes botrópicas venenosas. Apesar de alguns adultos terem sobrevivido à mordida desses animais, a maioria padece. E, quando a vítima é criança, é cem por cento fatal, não se tendo notícia, de sequer uma, que tenha escapado. Me causa uma intensa angústia, ter que tratar desses pequeninos agonizantes, sem poder fazer nada, realmente efetivo, por eles, a não ser aliviar o sofrimento dos seus momentos finais.

As esposas ficaram especialmente espantadas, mas foi Victor quem, primeiramente, se pronunciou:

- Compadeço-me, sobremaneira, ante tal situação, caro Liam. Recentemente, tomei conhecimento dos trabalhos pioneiros do colega brasileiro Vital Brasil, que preconizam o uso do plasma de animais previamente sensibilizados com a peçonha desses ofídios, como antídoto para o veneno. Tens, por acaso, conhecimento de tais artigos científicos?

Liam, interessadíssimo, respondeu:

- Não, grande amigo, mas me interessam muitíssimo. Podes me ceder tais manuscritos, para que eu os estude ? Só esse ano, no Madeleine, faleceram dois pequeninos por essa causa.

Com a resposta afirmativa de Victor, fez-se pequena pausa e, como se todos se sentissem impotentes diante da patologia, de conseqüências tão funestas, mudaram de assunto, a fim de manter o ritmo alegre da reunião.

Victor, que também ficou impressionado com os fatos relatados por Liam, pensou no perigo a que Phill estava exposto, e na necessidade de prevenir Sofia a respeito do assunto.

Às vinte e trinta, foi servido o jantar, que se compunha de delicioso carneiro, preparado com molhos e especiarias culinárias regionais. O repasto foi tão bem apreciado, que Dr. Detmold foi obrigado a ir embora mais cedo, devido à leve indisposição que o acometeu, desencadeada por seu glutônico apetite.

Ao final da reunião, quando todos haviam se despedido, Liam segurou Victor pelo braço e, aproveitando o momento e também a leve embriaguez, que o vinho proporcionara, o conduziu à sala contígua e, reservadamente, disse:

- Meu caro, sinto-te cada vez mais isolado, como um autista absorto nos teus próprios afazeres, que se tornaram infindáveis. Sabes que te quero muito bem e tenho pensado: não seria a hora de arrumares uma nova companheira ? Phill tem Sofia, mas seria ela suficiente para desempenhar todas as funções de mãe ? E você Victor, cada vez mais introspectivo ! Conheces a irmã de Laura, Christine. É ótima pessoa, de uma beleza física inquestionável, e é solteira ! Não te sentirias à vontade, em comparecer a um novo jantar, aqui, onde poderíamos providenciar a sua presença ?

Um pouco incomodado pelo assunto mas, por outro lado, grato pelo desvelo do verdadeiro amigo, Victor riu-se e respondeu, com a calma que lhe era habitual:

- Oh Liam ! sempre preocupado com os que te cercam. Em meu caso, estimado frater, tuas apreensões não procedem. Sinto-me bem e satisfeito com a vida que levo atualmente. O isolamento pessoal, ao qual me submeto, é proposital e creio, benéfico. Desde a perda de Camile, tenho tão somente me dedicado a Phill e ao trabalho e, realmente, não sinto necessidade de nenhuma mudança a curto prazo. As lembranças de Camile ainda estão muito fortes em minha mente e não sei se me deixarão tão cedo, ou mesmo se permitirei que me deixem ! portanto, agradeço muito a atenção, mas sou forçado a declinar o teu novo convite !

- Cada um sabe o seu melhor caminho ! pensa mais um pouco e, se mudares de idéia, entra em contato !

Abraçaram-se e, então, finalmente, se despediram. Como já cumprimentara Laura, anteriormente, se dirigiu ao coche, e se pôs no caminho de volta.

O percurso era de pouco mais de uma milha até sua residência, iluminado apenas pelos raios lunares e, em certos pontos, essa débil claridade, era bloqueada por imensas árvores copadas, que formavam um túnel, de aspecto sombrio.

O próprio Victor estava no comando do coche e, a certa altura dessa passagem, algo inesperado aconteceu:

Um arrepio intenso e gélido, seguido de uma grande sensação de pavor, o acometeu. Olhou, em um ângulo de noventa graus para a direita, e viu, postado numa pequena clareira, a mais ou menos cinco metros da sua pessoa, a silhueta de um espectro assustador. Instintivamente, percebeu não se tratar de um animal e sim de algo sobrenatural. A despeito de não conseguir divisar-lhe os detalhes, pode notar os seus agressivos olhos vermelhos, que o fitavam continuamente. Sem uma explicação coerente, nos breves segundos em que encarou aquela coisa, percebeu uma intensa maldade e malícia que se exteriorizavam do ser medonho. Além do terror, um mau pressentimento se apoderou de si, como se a figura mitológica de Cassandra, em pessoa, ali estivesse, ditando suas prédicas.

Os cavalos pareciam não perceber a horrível presença, pois não alteraram o lento trote. Depois de aproximadamente cinco segundos Victor, pálido como a neve, parou de dirigir a atenção para o fantasma e, olhando para frente, prosseguiu sua viagem. Não teve mais coragem de virar-se para trás até chegar em casa, mas foi envolvido, durante todo o restante do percurso, pela sensação de estar sendo seguido por aquilo.

Durante a noite, o mau presságio, combinado a um forte mal-estar, lhe custaram o sono. Tentou esquecer o ocorrido, atribuindo à surrealista visão ao seu cansaço psicológico, ao qual estava submetido nos últimos dias.

Capítulo V

Faltava um dia para que Victor fosse examinado pela banca da faculdade. Sentado em sua escrivaninha, ele analisava, minuciosamente, os últimos detalhes do seu sibilino artigo. Nada podia sair errado e, por isso mesmo, a atenção nesses momentos postremos, era duplicada.

Dando como certa a sua aprovação para o cargo, tecia planos para o departamento que estava prestes a dirigir. Visava a sua melhoria, por meio da renovação de certas áreas, que se encontravam com o funcionamento estagnado pela mesmice dos anos e, com essas reformas, tencionava incentivar e aguçar o espírito científico de seus pupilos. Com a ajuda dos alunos, pensava ele, como se agilizariam as pesquisas, quanta coisa útil, em prol da ciência, eles poderiam realizar... às vezes, esses pensamentos lhe ocupavam todo o espaço da mente e ele não conseguia mais executar, eficientemente, o desenvolvimento da sua pesquisa; somente nessa hora, fazia uma pausa, procurava por Phill e com ele passava a brincar alegremente.

Lá pelas vinte horas, estava tudo organizado e preparado para que a sua obra completa pudesse ser exposta. Uma sensação de alívio e de dever cumprido o possuiu e ele, nesse instante, foi até ao filho, que se encontrava na sala de estar, a conversar com Sofia. Tomou-o pelas mãos e o pôs no colo, aconchegando-o bem perto de si, depois de se sentar na cadeira aveludada, junto à lareira. Pegou um livro fino, de letras grandes, que estava logo ao lado, sobre uma mesinha, e começou a lê-lo.

Tratava-se de uma brochura de fábulas de Esopo. As palavras do pai, eram ouvidas com extrema atenção e com uma sede de conhecimento, próprios das crianças inteligentes e despreocupadas. Ao final de cada estória, Phill interrompia o pai e comentava, invariavelmente, toda ela, descobrindo, por si mesmo, o ensinamento oculto atrás da trama.

Decorrido algum tempo, o pequeno adormeceu. Victor passou a observar atentamente o seu semblante infantil. Começou a pensar o quanto estava se excedendo na dedicação ao trabalho, em detrimento de seu convívio familiar. Nunca tirara férias, desde o falecimento de Camile. Sua vida era uma rotina diária, na constância do seu labor na faculdade e no porão. Lembrou-se que jamais viajara com o filho, como seu próprio pai fizera consigo; Phill encontrava-se muito só, sem irmãos e privado do contato com a mãe. Estava decidido que, em seguida à ocupação do cargo almejado ele, com a ajuda de alguns dos colegas do corpo docente, que o auxiliariam no feitio dos ajustes no funcionamento interno do departamento, conseguiria dedicar mais tempo ao filhinho.

E foi com esta disposição de espírito, que colocou a pequena preciosidade em seu leito. Deveria agora, ele próprio, repousar, pois às oito horas, em ponto, teria início a sua apresentação, no anfiteatro principal da faculdade.

Às seis horas, Victor acordou e fez rapidamente o seu desjejum. Meia hora depois, estava pronto para se dirigir à escola de medicina.

Ao descer ao porão, para se apossar de suas conclusas anotações, um súbito mal estar o acometeu, a ponto de deixá-lo trêmulo. Essa impressão desagradável envolveu Victor quando o mesmo notou que suas anotações não mais estavam sobre a mesa, como deixara na noite anterior. Desesperadamente, pôs-se a procurar por elas. Examinou cada canto do recinto, e até lugares pouco prováveis, como as latas de lixo, debaixo das gavetas e atrás dos móveis.

Procurou até à exaustão e chamou por Sofia que esclareceu, prontamente, nada saber sobre os apontamentos. Disse, ainda, não haver estado no recinto, desde a tarde do dia anterior. Mesmo assim, ela o ajudou, procurando em outros cômodos, onde também dificilmente se encontrariam os papéis, pois Victor nunca os tirara do porão.

Eram oito e trinta da manhã, e o estado pré-sincopal tinha assumido proporções maiores em Victor que, cansado, lembrou-se de Phill. Rispidamente, se dirigiu à Sofia:

- Sofia ! Me traga Phill aqui imediatamente ! O meninote deve ter mexido em minhas coisas e me dará conta dos escritos!

- Dr. Olcott, não creio... - Sofia não teve tempo de continuar.

- Sofia !!! Traga-o agora! -repetiu ameaçadoramente.

Phill encontrava-se próximo, e a ama-seca nem pôde preveni-lo a respeito do humor do pai, levando-o, imediatamente, à sua presença. A criança adentrou a sala, com seu habitual sorriso meigo, sem saber o que o esperava.

Cara a cara com o pequenino, passou a inquirir-lhe, com a mesma agressividade que usara com Sofia:

- Phill ! Onde estão as folhas que estavam sobre a mesa?

- Papai, depois que o senhor me colocou na cama eu não me levantei mais!

- Não minta para o papai, diga a verdade !

- Mas papai, eu não estou mentindo ! - repetiu, quase em lágrimas.

De repente, Victor enrubesceu-se. Um desespero, que beirava a insanidade, tomou conta de si. Não via mais qualquer saída para sua difícil situação.

As reações do pai geraram uma transformação repentina nas feições de Phill. Exibindo uma expressão comovente, de forte decepção, entregou-se a um convulsivo choro. Nessa hora, aconteceu a providencial interferência de Sofia que colocou o garoto nos braços, num gesto protetivo, e o levou para os andares superiores.

Marca profunda foi deixada na mente de Victor, pela triste cena. Depois de uma breve reflexão, quis se desculpar pela grosseria, mas o tempo não lho permitia, pois tinha que cuidar da apresentação, para a qual estava atrasado em cerca de uma hora. Por esse motivo, naquele momento, o incidente com o filho foi colocado em segundo plano.

O que fazer, se não mais possuía as anotações ? Poderia ele redigir, em poucos minutos, o que levara anos elaborando ? Se passava das nove horas e Victor, com uma forte determinação, sentou-se em sua escrivaninha e passou a manuscrever algumas linhas.

Compilava rapidamente todas as suas conclusões, da forma mais ordenada possível esperando, no momento da exposição, poder fazer-se entender, mediante uma explicação oral. Notou entretanto, que lhe faltavam os dados estatísticos, para a devida comprovação de suas teorias, mas isso, imaginava, ele poderia demonstrar em outra oportunidade, depois de consultar novamente as fichas de seus pacientes.

Seu esboço rudimentar, daquilo que fora outrora um trabalho volumoso, ficou pronto por volta das onze horas e, foi nesse horário que tomou o coche, rumo à faculdade.

Ao chegar à porta da instituição, foi logo recepcionado por Liam:

- O que aconteceu, contigo? Parece que participaste de uma luta corporal. Estás todo desarrumado e despenteado. A comissão ainda está reunida, mas foi obrigada a ceder a tua vez à Murray, às oito e trinta e agora, ele está fazendo suas postimeiras considerações.

- Liam ! Não tenho tempo para discorrer sobre o que me aconteceu. Entremos logo, pois a comissão tem que se cientificar da minha chegada !

Ao entrar no anfiteatro, percebeu que Murray ainda discursava. Uma curta pausa, foi feita pelo orador, que dirigiu seu picante olhar em sua direção. Todos os circunstantes, então, fizeram o mesmo, virando-se em um ângulo de cento e oitenta graus, colocando nosso personagem numa posição mais constrangedora ainda.

Quando Murray continuou sua palestra, Victor levou um tremendo susto e tudo, daí por diante, se tornou um pesadelo para ele. As sensações desagradáveis de mal estar, que o atacaram pela manhã, ao tempo em que notou o sumiço do seu trabalho, voltaram a acometer-lhe, em dose dupla. Stanley Murray estava expondo o artigo de Victor, como se fosse ele próprio o autor. Cada dedução, cada detalhe, era fiel às pesquisas que ele desenvolvera. Tudo se tornava claro para o injustiçado doutor: suas anotações foram furtadas pelo rival, que agora recebia os louros do sucesso. Naquele instante, terrível desprezo tomou conta do seu ser. Fez, então, um rápido plano: esperaria as conclusões, para desmascará-lo em público.

Terminada a exposição de Murray, ele foi ovacionado por três minutos inteiros, pela platéia que o assistia. Percebeu-se um estado de ânimo, francamente favorável a si. A banca examinadora ficara verdadeiramente impressionada com a qualidade da matéria. Breve pausa se fez, e o diretor da mesa se pronunciou:

- Parabenizamos Dr. Stanley Murray pela brilhante conferência. Foi uma agradável surpresa descobrir que temos, em nossos quadros, um professor capaz de realizar uma pesquisa como essa, de tão profundo alcance. Esperamos que outras boas novidades sejam freqüentes, daqui em diante. Após o almoço, passaremos à apreciação do trabalho científico do Dr. Victor Olcott, que também é postulante ao cargo e que, por algum motivo a ser esclarecido, não pôde estar presente no horário que lhe era destinado.

As palavras, proferidas com um tom crítico, feriram a fundo o ego de Victor. Mas a esperança de desmoralizar publicamente o vil colega e a certeza de que tudo seria esclarecido o animavam e foi só por conta desse pensamento, que suportou o horário do almoço. Não conseguiu comer e, justamente por isso, pôde perceber mais atentamente, os elogios rasgados que partiam de todas as mesas, ao artigo capciosamente subtraído.

De volta ao anfiteatro e com todos acomodados em seus lugares, o diretor da mesa novamente se fez ouvir:

- Passemos, sem mais delongas, a palavra ao Dr. Victor Olcott, para que o mesmo efetue a sua exposição.

Solenemente, Victor, depois de uma inspiração profunda, levantou-se e, de uma maneira grave, disse:

- Caros colegas examinadores, caros alunos ! Mesmo sem nunca ter dado conhecimento a ninguém, dos detalhes das minhas pesquisas, é de conhecimento público que, há mais de dois anos, venho me dedicando à coleta de informações, visando a elaboração de um longo artigo científico. Os dados foram obtidos de pacientes, por mim examinados, na seção de infectologia, do hospital dessa instituição. Mediante um grande esforço pessoal, consegui reunir os elementos de forma lógica que, em conjunto, sugeriram alterações nos procedimentos rotineiros e levariam a uma mudança radical na manipulação do paciente infectado. Hoje, pela manhã, ao ir apanhar as citadas anotações, notei que as mesmas haviam sumido e, com grande assombro, ao adentrar este anfiteatro, vejo o ladrão a exibir os meus manuscritos como se fossem seus!

Em seguida às declarações estupefativas, ouviu-se um estardalhaço tremendo no anfiteatro, propiciados por comentários paralelos, que não cederam nem mesmo aos pedidos de ordem do diretor da mesa. Murray fingiu estar surpreso com a situação e tentou falar, mas foi impedido pela algazarra, que havia se originado daquelas palavras denunciadoras.

Decorridos alguns minutos, o médico dirigente do evento, aproveitando um segundo de silêncio, virou-se para Victor e falou:

- Dr. Olcott, a acusação feita pelo senhor é de extrema gravidade. Existem provas que possam corroborar sua veridicidade?

- Todas as anotações, incluindo os rascunhos, que eu possuía, me foram surrupiados, mas os pacientes da seção de infectologia do hospital, que fizeram parte na sua composição, podem confirmar que fui eu quem os inquiriu e os examinou, a respeito dos dados pertinentes à matéria apresentada por Murray. É claro que nenhum deles deve estar mais internado, pois a parte de coleta terminou há mais de um ano, mas restam suas fichas com seus respectivos endereços pessoais e, a partir daí, eles poderão ser localizados.

Imediatamente, Murray levantou-se e, simulando indignação, pronunciou o seguinte:

- Estou verdadeiramente petrificado com tamanha maledicência! Calúnias e mais calúnias, oriundas de um colega que eu tinha em certa conta, mas que hoje demonstrou a sua verdadeira personalidade. Acusações inverídicas e infundadas, foram levantadas contra minha pessoa, por um indivíduo em desespero que, por não poder produzir uma composição científica digna, põe-se a tentar manchar a honra pessoal do concorrente.

Nessa hora, se virou para Victor e lançou-lhe um olhar de desprezo, continuando:

- Saiba, Dr. Victor Olcott, que para a realização das minhas pesquisas científicas eu não usei pacientes dessa instituição e ,sim, do Virgin Mary Hospital. Me dedico a essa tarefa há vários anos e sou eu quem solicita uma confirmação, junto à citada entidade, para que sejam tomadas as medidas cabíveis no caso.

Depois da sarcástica prolação, as sensações desagradáveis, que dominavam fisicamente Victor, se superlativaram. Durante relampejantes segundos, ele pensou em como Murray planejara bem o golpe. Sua atitude meliante não se resumira ao furto dos papéis; há anos, devia espionar a elaboração do seu trabalho médico, fazendo um semelhante no Virgin Mary, um hospital privado, de uma cidade próxima, com o qual não tinha contato. Finalmente, descobriu que fantasmas eram os que, às vezes, pela madrugada, o incomodavam no porão. Tudo premeditado e muito bem pensado. Foi então que, sem palavras para retribuir ao arguto Murray, se atirou sobre o mesmo, pressionando seu pescoço com as mãos.

Vários colegas tentaram apartar os dois, que se digladiavam ao solo e, após grande esforço, conseguiram separá-los.

Victor, assim que se viu livre das muitas mãos que o seguravam, dirigiu um rápido olhar para a platéia, que assistia a tudo pasmada; sentindo o clima de consternação geral, se encaminhou, em passos apressados, à saída, fazendo-se indiferente até aos apelos do amigo Liam. Pegou sua condução e colocou-se em rápida carreira, no rumo de sua casa. Tudo o que queria, era estar só. As centenas de rostos do anfiteatro, com seus pensamentos analíticos, fizeram tremendamente mal à natureza sensível de Victor.

Uma torrente de idéias desordenadas, lhe ocupavam a cabeça e, quanto mais pensava no ocorrido, mais apressado ficava para chegar. Naquela hora, o caminho até sua casa, lhe pareceu mais longo. Atravessou celeremente o portão, que dava entrada ao seu jardim e, depois de uma curva, que se delineava entre o corredor de arbustos densos, sentiu um baque seco na roda esquerda do veículo. Parou imediatamente e desceu, para ter uma visão do que atingira com seu coche. Fazendo o percurso inverso a pé viu, aterrorizado, o corpo inerte de Phill, margeando o estreito caminho.

Victor teve a impressão de estar sendo personagem de um pesadelo bizarro e, por um segundo, sentiu-se paralisado, o estômago revirou-se e a visão se tornou turva. Fazendo uma hercúlea força, superou toda a indisposição, pois percebeu que não podia fraquejar naquele momento. Recuperou o equilíbrio e correu até ao filhinho amado, examinando-o. Percebeu que não havia uma gota de sangue sequer na roupinha de Phill mas, ao tentar verificar seus sinais vitais cientificou-se, mortificado, que não mais existia vida no frágil corpinho.

Como um flash, veio à sua mente o último encontro dos dois, o tratamento injusto que lhe aplicara e a sua feição de decepção. Lembrou-se, também, do dia anterior, quando os dois se sentaram à beira da lareira e, alegremente, conviveram como amigos verdadeiros ! Os planos que idealizara com o filho, não poderiam mais ser realizados, não haveria tempo para repor a atenção que ficara devendo ao seu pequeno rebento.

Martírio incomparável tomou conta de si. Como um demente, embalava a pálida criancinha, sem vida, em seus braços e pensava: -Louco, insano, veja o que a tua atitude impensada desencadeou !

Lágrimas copiosas desciam-lhe a face e um peso indescritível comprimia-lhe o peito. Victor foi acometido por uma sensação de isolamento total e por um sentimento de degradação pessoal, que lhe infligiam um ferimento tão profundo n’alma, gerando-lhe uma dor moral tão pungente, que poucos sofredores, que passaram pelo teatro humano, saberiam exprimi-la. Mil vezes não, ele diria a esse, desprezível cargo que, há anos, vinha almejando para, em troca, ter de volta o seu querido filhinho!

Com esse aviltante estado emocional, continuava balbuciando:

- Filhinho, papai está aqui ! acorde filhinho ! desculpe o papai ! desculpe o papai !

Foi nesse instante, que Victor avistou subitamente, o vulto de Sofia que, sem palavras e inconsciente do que se passava, se aproximou ! O pai aflito lançou um breve olhar de súplica para a governanta e, não podendo encará-la mais, largou o corpo sem vida de Phill, saindo em desenfreada corrida, sem olhar mais para trás.

Correu sem parar durante horas, sempre para regiões cada vez mais distantes e inabitadas e, durante o percurso, só pensava em uma coisa: “somente a morte pode ser justa no meu caso, somente a morte“.

Em seu desespero, procurava um lugar isolado, no qual pudesse acabar seus dias, sem espectadores. Relembrando ocorrências passadas, veio à sua mente uma pequena e escondida caverna, que descobrira nos tempos de criança, quando excursionava em companhia de seu pai. Com essa perspectiva, chegou, certa hora, ao sopé de uma solitária montanha, passando a escalá-la rapidamente. Decorrido algum tempo de subida constante, avistou a referida gruta, oculta por alguns arbustos. Materializou-se, no mesmo instante, sua idéia suicida: “que melhor lugar para morrer, longe de todos?”. Adentrou a cavidade e, ao fundo, após caminhar uns cinqüenta metros, se jogou ao chão, exausto. Tencionava fazer, daquele buraco escuro e frio, o seu leito de morte.

Ali seria o local ideal para expiar suas faltas. Um sofrimento digno de um ser espúrio como ele: a morte pela fome e sede. Assim, o resumo de suas intenções.

Na faculdade, depois da saída de Victor, uma calma relativa demorou certo tempo para se restabelecer. A exaltação, provocada pelo embate de dois professores, e a excitação geral provocada por tal fato, esperaria vários minutos para ser amainada. Aproveitando o primeiro momento de silêncio, Murray tentou se pronunciar:

- Execro publicamente esse ato descabido, de extrema insanidade, por parte do Dr. Olcott, que exteriorizou muito bem o seu desequilíbrio psicológico e desejo formalizar uma queixa ao conselho dessa instituição...

Nessa parte do seu discurso, foi imediatamente interrompido pelo Dr. Detmold:

- Eu, Dr. Detmold, ainda chefe desse departamento, venho sugerir ao conselho, cautela na interpretação dos acontecimentos. Solicito que uma averiguação minuciosa seja feita, acerca das alegações aqui pronunciadas pelo Dr. Victor Olcott. Sob a orientação das partes envolvidas, devem ser procuradas provas que confirmem ou não a veracidade de tais denúncias. Enquanto isso, permaneço no cargo até que as investigações estejam concluídas.

O conselho de cátedras da mesa trocou palavras por alguns segundos e, logo em seguida, o presidente fez-se ouvir:

- A mesa concorda, com a sugestão do Dr. Detmold, e a acata. Iniciaremos, o mais brevemente possível, uma perquirição sobre o caso e, enquanto ela durar, o Dr. Detmold continua administrando o departamento. Entraremos em contato com Dr. Olcott para que sejam colhidos os endereços de seus pacientes, os quais formaram a fonte de onde se originaram os dados para a realização de seu trabalho científico.

Logo que se viu a sós com o Dr. Detmold, Liam lhe dirigiu reservadamente, um pedido encarecido:

- Dr. Detmold, suplico que releve as atitudes impensadas, aqui adotadas por Victor. Tenho certeza da autenticidade dos fatos por ele relatados e esses, quando positivamente comprovados, justificarão o ocorrido.

- Esse é o alvitre que seguirei, meu leal Liam. Desconfio, há muito tempo, do Dr. Murray e penso que é chegado o momento certo para nos vermos livres desse cancro que fere a integridade da nossa querida instituição.

- Temo que as falcatruas perpetradas por Murray tenham alterado por demais o estado emocional de Victor e, imediatamente, irei à sua residência para lhe transmitir algum conforto!

- Faça isso Liam ! e lhe comunique também o meu apoio e o da quase totalidade dos membros da comissão !

Depois das despedidas Liam se sentiu mais aliviado, ao notar a disposição positiva por parte do Dr. Detmold, em relação ao amigo.

Pelos cantos da faculdade, as conversas abordavam um só assunto: a inesperada briga e a investigação que seria feita. A maioria absoluta dos alunos e dos mestres tendia a acreditar em Victor. Ele angariara muita amizade e admiração dos acadêmicos da entidade, durante os seus anos de magistério, com a sua inesgotável paciência e postura sem presunção, tão comum aos outros professores.

O burburinho estava ainda quente quando um aluno, de semblante sério e roupas brancas de expediente, chegou à procura de Liam. Conseguiu encontrá-lo no hall da faculdade, com o Dr. Detmold ainda próximo, e lhe transmitiu uma triste notícia:

- Dr. Liam Penley, acabou de dar entrada, na parte de urgência do hospital, o filho do Dr. Victor Olcott, vítima de um traumatismo de causa desconhecida. Nada foi possível fazer, pois o óbito foi confirmado de início.

A notícia caiu como uma marreta sobre Liam que, atônito, indagou:

- Não é possível ! deve haver algum engano ! como pôde isso acontecer ?

- Os exames iniciais comprovaram que a causa da morte foi uma grave hemorragia interna, gerada por um traumatismo fechado de abdômen. O Dr. Olcott não se fez presente e o menino foi trazido pela sua babá, a Sra. Sofia, que se encontra em estado de choque, chorando muito e não soube informar o que se sucedeu.

Liam saiu instantaneamente ao encontro de Sofia, enquanto que Dr. Detmold, que também ouvira as notícias, passou a comunicar aos colegas o ocorrido.

Encontrou-a extremamente abalada, a prantear convulsivamente ao lado do corpo de Phill e aproveitou a primeira oportunidade para ter com ela:

- Sofia, mas o que foi que aconteceu ? A que se deveu tamanha tragédia? E onde está Victor?

Entre lágrimas, Sofia conseguiu se expressar:

- Uma tragédia sim, Dr. Penley, uma tragédia ! Estava brincando com Phill nos jardins da casa quando, por um momento, me descuidei do pequeno, para cuidar de um afazer doméstico. Quando retornei não encontrei mais Phill e sim a carruagem do Dr. Olcott parada ao longe. E, em me aproximando, a fim de tomar ciência do que estava acontecendo, vi Phill nos braços do pai que, de maneira inexplicável, pôs-se a correr logo que me viu, deixando a criança, sem sentidos, estendida ao solo! Logo percebi que ocorrera um grave acidente com Phill e o trouxe para cá, onde chegaram ao diagnóstico da morte do meu querido pequenino!

- Mas o que deve ter acontecido? -insistiu Liam

- Como me disseram que a causa do desenlace de Phill foi uma pancada, creio que Dr. Olcott deve ter, involuntariamente, atropelado a criança com a carruagem! e meu Deus, onde estará o pobre Dr. Olcott? onde estará?

Proferiu essa frase e não pôde mais se conter, dando lugar novamente a um choro descontrolado.

Nos três dias seguintes, Liam promoveu extensa busca, com a ajuda da polícia local, em todas as regiões circunvizinhas. Perguntou a andarilhos, camponeses e moradores de cidades e vilarejos próximos mas, não obstante os grandes esforços, não conseguiu obter informação alguma sobre o paradeiro do amigo.

Decidiu sepultar Phill, depois de uma rápida e solitária cerimônia, realizada na casa do pai. As buscas por Victor também parariam nesses dias.

Na faculdade, os pontos de vista que, inicialmente, eram convergentes sobre a inocência de Victor, agora eram discordantes. Uma semente de desconfiança fora plantada por Murray, mediante ardilosos comentários. Transcorrido algum tempo, a maioria dos alunos e dos mestres conjeturavam sobre uma possível loucura de Victor, corroborada pelo seu questionável desaparecimento. Poderia ele ter inventado um trabalho fictício? Será que nos últimos dois anos ele realmente dedicara seu tempo à elaboração da referida obra científica? Sim, era possível que ele tivesse imaginado aquilo tudo ! - pensavam e discutiam - Victor não agredira descontroladamente a Murray? Uma nuvem de mistério também não envolvia a morte de seu filho? Teria sido realmente uma obra do acaso?

Todos foram apanhados por uma maquiavélica armadilha.

Então, contrariando a vontade do Dr. Detmold, a chefia do departamento científico foi concedida a Murray, pois, sem a presença de Victor, era impossível obter informações que provassem a atitude criminosa do rival. Por outro lado, Murray comprovou todos os dados, junto aos pacientes que serviram de fonte para a elaboração do seu artigo, no Virgin Mary Hospital. Esse fato conferiu autenticidade ao seu trabalho e, em contraposição, aumentou as desconfianças em relação a Victor Olcott.

Uma investigação sobre a morte de Phill foi instaurada pela polícia local. Murray, servindo-se de suas constantes difamações, tentou atribuir a Victor um desequilíbrio mental e alguma responsabilidade, de sua parte, no ocorrido com Phill e o inquérito, só não seguiu essa linha de pensamento, em razão da providencial interferência do Dr. Meulen, que conhecia bem Victor e por ele intercedeu, fazendo com que o processo chegasse a conclusões acertadas. Esse, quando terminado, inferiu que a morte de Phill havia sido realmente um acidente, justificável pelas condições nas quais ocorreu.

Liam e Laura trouxeram Sofia para o seu convívio. Com o sumiço de Victor, ela se tornava a governanta da residência dos Penley. Isso amainou muito a forte depressão, que a abarcou, nos dias que sucederam à morte de seu queridinho e à desaparição do antigo patrão. Mesmo assim, não era raro ver-se Sofia chorando desenfreadamente, pelos cantos da casa.

Capítulo VI

Victor adentrou a caverna e ali permaneceu imóvel, por várias horas, até essas horas se tornarem dias. Recusava-se a sair, a se alimentar, a se hidratar. Estava realmente decidido pela morte.

Momentos atrozes se passavam. Durante seus instantes de martírio, era obrigado a dividir o exíguo espaço com insetos daninhos, que caminhavam próximos de si e, algumas vezes, procurando o caminho mais curto, subiam-lhe pelo corpo. Freqüentemente, enorme ratazana o atormentava com seu lúgubre guinchar.

Ele, por sua vez, não esboçava qualquer reação. Não merecia coisa pior? O que lhe restava nessa vida ? Nada! - pensava. No tempo em que ficava encovilado, em sua depressiva contemplação, ele era submetido à mais triste e degradante tortura que fustigava, ainda mais, sua já sofrida alma.

Depois de algum tempo, a falta de uma posição agradável, coadjuvada pela dureza do solo irregular e pedregoso, causava-lhe intensas dores nas costas e lhe originava um grande incômodo. Victor também não se movimentava, insistindo em monótonas posições, próprias de um autista; isso lhe agravava muito o quadro de rigidez das articulações, que se apresentavam inflamadas.

A dor física não era nada, se comparada a dor moral, que o agredia continuamente. As visões memoriais de Phill lhe vinham, a todo instante, à sua mente conturbada. Refletia muito sobre sua irresponsável entrada, com o coche, no jardim de sua casa culminando, por fim, na morte do querido filho.

Acreditava na vida após a morte e, se isso fosse verdade, como poderia encarar a falecida esposa, após o desenlace físico. Todos os seus planos atuais fracassaram, e teria ele estragado os planos até para uma possível existência após seu falecimento, ao lado da querida companheira? – Isso é o que se aglomerava em sua mente, momentaneamente perturbada.

No sexto dia, suas forças estavam exauridas; uma fraqueza intensa o acometia, a boca estava seca e o menor movimento era seguido de dor intensa. Como as torturas morais o colocaram em uma posição de extrema determinação, quanto ao seu próprio extermínio, a situação era por demais degradante. Uma anúria se instalara, a musculatura diminuíra, em muito, o seu volume normal, o rosto estava bem mais afilado e, quando executava algum restrito movimento, com extrema dificuldade, intenso crepitar articular era ouvido, denunciando os problemas no local. Enfim, Victor estava parecendo com um de seus pacientes terminais.

Estranhamente, enquanto seu corpo se debilitava, seus pensamentos se tornavam cada vez mais ágeis e os raciocínios fluíam cada vez mais rapidamente em sua mente. Por isso mesmo, a agudeza intelectual fazia com que a atual situação, lhe despertasse profunda aflição. Sentia-se sozinho, absolutamente só, como nunca estivera antes, e a amargura que isto lhe infligia era intensa. Reviu e analisou sua existência várias vezes como se a mesma houvesse sido registrada por uma câmera invisível. Pôde ser o juiz de seus bons e maus atos. Nessa hora, passou a avaliar o que era realmente importante para a sua realização pessoal. As boas ações eram revertidas em doce satisfação, a suavizar-lhe parcialmente a dor moral. Percebeu o quanto a sociedade e ele próprio estavam errados em seus valores.

Nesse mesmo dia, enquanto era envolvido por um torvelinho de pensamentos, um fato inesperado quase lhe tirou a vida, mesmo antes da inanição e da desidratação fazê-lo. De um momento para outro, percebeu-se diante de uma criatura terrível, de olhos vermelhos e de um feroz grunhir. Logo em seguida, mais e mais seres semelhantes se acercaram de Victor que, com sua débil energia vital, conseguiu divisar a matilha de selvagens lobos famintos a circundar-lhe. O líder se aproximou e, com uma famigerada mordida, lhe abocanhou o tornozelo. Victor acompanhou a cena sem manifestar resposta alguma à agressão. Os outros animais também se avizinhavam para, em conjunto, iniciarem o banquete quando, de repente, sem uma explicação plausível, as feras fugiram, em uma louca debandada, latindo estridentemente, enquanto expressavam pavor, como se algum predador mais forte os perseguisse. Victor olhou ligeiramente para o lado e, em sua duvidosa sobriedade, pareceu avistar uma misteriosa luz, de origem desconhecida; não deu importância àquilo pois estava por demais entorpecido e profundamente deprimido, para avaliar o que acontecera.

No dia seguinte, suas forças se extinguiram ao limite, os mínimos movimentos lhe pareciam impossíveis e o seu fim se aproximava. Nessa situação, em suas reflexões, sentiu que a hora de pagar pelos atos desvairados, que culminaram com a morte do seu querido Phill, era chegada. Foi tomado por um torpor progressivo e uma sonolência profunda, cada vez mais envolventes, e, em seu último minuto de lucidez, ainda pôde emitir um pensamento de auto flagelo:

- É chegada a hora de pagares pelos teus erros, irresponsável infanticida. Viverás o inferno dos suicidas, que a igreja apregoa.

Ao invés do punitivo ambiente que esperava encontrar, suave luz se fez presente e, transportado a um sonho prazeroso, se viu num local ao qual nenhuma região terrestre se compararia, em termos de perfeição e placidez! As dores físicas que o acometiam sumiram, como por milagre, juntamente com as sensações de fome e sede.

De repente, atravessou uma imensa floresta, repleta de animais de incomparável formosura e, logo depois dessa paisagem verde, pôde divisar um centro urbano de casas alvas, ao estilo neoclássico. A cidade era um monumento de majestática beleza: impecavelmente limpa, suas avenidas e ruas secundárias estavam forradas com um material que se assemelhava ao mais nobre mármore, de tonalidades bege. As moradas completavam a elegância do local, pois eram todas revestidas com o mesmo material, só que em uma nuança mais clara, fato que realçava ainda mais as portentosas colunas gregas às suas entradas. Não se via uma única mancha, para onde quer que se olhasse, e não se observava um detalhe indesejável que atrapalhasse a harmonia do conjunto.

Em vários recantos, viam-se aprazíveis praças, onde fluíam pequenos riachos, nas margens dos quais, pequenos animais, semelhantes a esquilos, passavam o tempo em suas peraltices.

As ruas se dispunham simetricamente, no formato de uma gigante estrela de cinco pontas e eram preenchidas, esparsamente, por indivíduos em trânsito que calmamente, ao invés de andarem, levitavam na direção de seus destinos. Esses personagens oníricos, que ocupavam as avenidas da maravilhosa metrópole, trajavam roupas brancas, azuis e amarelas, todas num matiz diáfano. Victor pôde perceber, mesmo com o breve período de observação, que se tratavam de seres invariavelmente felizes, que faziam parte de uma civilização muito evoluída, como nunca conhecera.

Ao centro da estrela, uma imensa construção principal se impunha sobre todas as outras. Tratava-se de uma estrutura faraônica forrada também com rocha marmórea, parecida com as grandes edificações da extinta acrópole ateniense. A arquitetura do prédio exibia um incomparável bom gosto e, à primeira vista, parecia ser o centro administrativo do conglomerado. À frente dessa sublime obra, avistava-se gigantesco jardim, com três exuberantes fontes de água cristalina, rodeadas por incontáveis árvores e flores, dispostas artisticamente. Essas fontes pareciam ser alimentadas por três grandes lagos, localizados a uma certa distância e que se interligavam por pequenos cursos d’água e cachoeiras, dando um retoque intraduzível em palavras. Victor, que já viajara por todas as partes do mundo, jamais vira esplendor e harmonia que se comparasse com aquele.

Foi justamente para essa parte do complexo citadino que Victor foi transportado, em seu sonho de moribundo. Alguma força desconhecida o impulsionava, involuntariamente, para o seu objetivo final, que ele ainda não sabia qual era. Percorreu vastos corredores, até parar subitamente em uma sala circular, circundada por colunas dóricas de cinco metros de altura e adornada, na sua parte média, por uma singular fonte. Ficou alguns minutos ali parado; tinha, às vezes, ímpeto de sair, mas algum poder oculto o impedia de se dirigir às outras partes da construção. Decidiu, então, examinar melhor o primoroso monumento que ocupava o núcleo do recinto. Ao se aproximar, percebeu que dele jorrava um líquido excelso, que tinha a capacidade de refletir uma miríades de cores, variando em infinitas combinações e gerando um efeito maravilhoso. O fluido mágico tinha também a capacidade de exalar odores naturais tão suaves e deleitantes, que se alteravam, de momento para momento, lembrando, em certos instantes, o jasmim e, em outros, o aprazível cheiro das florestas úmidas.

Quando ainda estava entretido, observando os detalhes da insólita escultura, percebeu que uma magnífica figura parou perto de si. Era um homem de estatura semelhante à sua, com uma roupa muito alva, a lembrar a antiga moda grega. Possuía cabelos grisalhos, que se estendiam até ao pescoço, e uma farta barba, bem aparada, da mesma cor. Tinha um olhar magnético, que transmitia inteligência, bondade e compaixão em um grau superlativo. Victor, ao se deparar com um vulto tão distinto, teve o ímpeto de se ajoelhar, ante a força que a sua presença externava, mas foi prontamente detido pelo mesmo. Para a sua perplexidade, se identificava com aquela angelical pessoa, como se já a conhecesse. Com gestos serenos, dirigiu-lhe um nobre olhar de tristeza, falando:

- Confrade e amigo ! Acalma-te ! As experiências cruéis que experimentas são por demais árduas, porém passageiras. É chegada a hora de reagires, pois os fatos que te conduziram a esse atual estado não foram causados por ti. A morte do teu querido Phill foi uma tragédia duríssima que a vida te proporcionou mas, se existir um “Livro das Culpas Humanas“, esse jamais te atribuirá uma linha sobre o episódio. O destino nos conduz a sendas misteriosas e difíceis, delineando, por vezes, futuros gloriosos.

As palavras sábias e consoladoras fizeram com que lágrimas copiosas, emergissem de Victor. Só agora, desde os terríveis fatos, pôde sentir um certo alívio das dolorosas chagas morais. Aproveitando uma pausa, falou com uma voz trêmula:

- Eu o conheço, Senhor?

- Sim caro amigo, desde circunstâncias tão remotas, que não me cabe agora relatar. Mas chama-me de Hector.

Quando o nome Hector foi citado, subitamente, veio a mente de Victor o fantástico sonho que teve dias atrás, junto à lareira, e identificou a figura com aquela que tão carinhosamente se dirigira a ele ao final do episódio.

Não sabia interpretar o que lhe acontecia; parecia estar acordado e os fatos se apresentavam muito reais. Mesmo sem conseguir explicar o que se passava, a sublimidade do cenário e a tranqüilidade que Hector transmitia, faziam-lhe mais aproveitar a situação do que propriamente questioná-la. De repente, como um relâmpago, uma apreensão invadiu a maltratada alma de Victor que, nesse segundo, se dirigiu de novo ao iluminado ente:

- Senhor, eu morri ? onde estou?

- Não me chames de Senhor, estimado Victor, somos irmãos. Repito, chama-me Hector - e fazendo uma pausa, enquanto expressava uma fisionomia de nobre caçoar, continuou - não, não morreste, considera isso como um passeio a outro plano existencial. Devido ao esquecimento, provocado por tua nova vida e por tuas atribuições cotidianas, ainda não te lembras que pertences à nossa Nobre Família. Mas relaxa, que eu tratarei de te avivar a memória e de te colocar a par do importante lugar que aqui ocupas. Tens ainda uma grande missão a realizar em nosso nome e irás cumpri-la, com certeza.

- De que Família me falais, Hector? - perguntou Victor.

- Me refiro a Grande Fraternidade da Tríplice Aliança, pela qual labutas há tantos e tantos séculos, mesmo quando não estás ciente. Ela sempre acompanhou os teus passos, por todo esse tempo. Tens uma grande tarefa a cumprir, nesse futuro próximo, e eu te prepararei para ela. Não te aflijas mais, pois tudo te será revelado e os sofrimentos por que passas não significarão mais nada para ti, daqui em diante. Prepara-te pois, a partir de hoje, não mais serás o mesmo Victor que tu próprio achavas ser. Despertarás o verdadeiro e excelso indivíduo que habita em ti, e ocuparás o posto que te cabe em nossa hierarquia.

Victor estava mais reconfortado quando, outra vez, se mostrou entristecido. Nesse momento, Hector, lendo os pensamentos que o martirizavam, adiantou-se:

- Acalma-te confrade, se pensas que perdeste para sempre teu querido Phill e tua amada Camile, enganas-te. Essa fina linha que separa nossas duas realidades, a física e a etérica, não existe mais para nós. Os membros da nossa Fraternidade desconhecem essa divisão e transitam livremente por esses dois mundos.

A declaração eliminou os últimos receios de Victor, transformando completamente o seu estado de espírito. Encontrando, então, coragem para questionar, falou:

- Hector, sinto muito, mas acho que já decepcionei a Fraternidade, posto que me encontro praticamente morto. Não bebo água nem como há dias e não sei como poderei me recuperar para, de novo, estar apto a continuar minha lida.

O anfitrião, mantendo sempre a calma, respondeu:

- Não te preocupes com os pequenos detalhes, sabe que se não fosse por nossa providencial intervenção, tu estarias definitivamente confinado a esse plano. O teu corpo físico encontra-se preservado e pronto para que continues a utilizá-lo.

Fez uma breve pausa, e continuou:

- Acordarás em breve e, com a mente revigorada e livre das falsas culpas, saberás o que fazer, instintivamente. Mas antes, quero que alguns amigos o vejam.

Falando isso, conduziu Victor para uma sala contígua onde, levantados em volta de uma robusta e cintilante távola, seis figuras resplandecentes o aguardavam com olhares receptivos. Notou que as cadeiras circundantes estavam nomeadas e pôde ver claramente escrito numa delas, o seu nome gravado no encosto. Os Indivíduos, trajados como Hector, se acercaram de Victor transmitindo-lhe uma inexprimível sensação de bem estar. Vários deles passaram a lhe notificar algumas orientações de como proceder quando estivesse desperto em seu corpo. Logo depois desse encontro transcendente, Victor se viu de volta à caverna.

A agradável confraternização, de que participara com aquelas Criaturas Divinas, havia lhe injetado uma nova disposição para a vida. Apesar das dores atrozes, que lhe perturbavam anteriormente, terem voltado, uma misteriosa força, oriunda não se sabe de onde, lhe permitia realizar alguns movimentos e, com algum esforço extra, se locomover.

- Sim ! - pensava Victor – viveria para continuar sua jornada, trabalhando para aquela digna Fraternidade oculta.

Estava determinado a seguir as orientações dos Amigos Angélicos. Às vezes, uma dúvida o incomodava: não poderia ter sido aquilo uma fantasia de sua mente debilitada ? Os acontecimentos que se sucederam, nos dias seguintes, trataram de dissipar esses últimos pensamentos de insegurança.

Iria aproveitar a derradeira chance e reformular totalmente o seu antigo modo de vida.

Juntando suas revigoradas energias, conseguiu atingir um pequeno riacho próximo e satisfazer sua mais premente necessidade, que era a de eliminar a extrema desidratação. Em lugares próximos, conseguiu se recuperar parcialmente da fraqueza, depois de achar frutos silvestres e, com eles, saciar sua fome. Planejou, então, ficar alguns dias mais, vivendo de sua maneira troglodita, para melhor se recuperar e planejar minuciosamente o seu futuro.

Passou, logo nos primeiros instantes, a melhorar a sua atual morada. Com algumas folhas e pedaços de madeira fez uma cama primitiva e improvisada. Não era grande coisa, mas em nada se comparava ao chão rígido, que vinha sendo usado como apoio.

Na noite que se seguiu à sua viagem, àquela esfera transcendente, Victor fez uma fogueira e começou a meditar profundamente nos fatos que se passaram recentemente. Ainda lhe doía muito a cena dantesca da morte de Phill mas, pelo menos agora, sentia-se reconfortado com as palavras lenitivas de Hector.

Ele ficara impressionadíssimo com os fatos excepcionais que estavam acontecendo. Somente uma coisa o incomodava: no êxtase que a situação provocara, não conseguira dirimir algumas dúvidas, nem mesmo agradecer satisfatoriamente ao excelso benfeitor e às outras entidades que tanto o ajudaram. Mas esse descontentamento só foi seu companheiro durante o dia porque, naquela noite e nas seguintes, novas jornadas oníricas passaram a fazer parte da sua rotina. Victor se viu com uma vida dupla: gastava a maior parte do seu dia em uma estóica contemplação e, durante o período noturno, passava a se encontrar com o amigo Hector e com as outras Potestades, habitantes daquele mundo. As noites eram esperadas com profundo entusiasmo e o desalento, que o acometera, não se fazia mais visível.

Misteriosamente, as fantásticas odisséias noturnais estavam operando uma notável modificação na sua personalidade. O seu semblante se transformava cada vez mais, de hesitante e recatado, para um de serena tranqüilidade e de grande segurança interna. Começava a ter também o magnetismo no olhar e a postura majestosa que Hector lhe transmitira no primeiro encontro. Alguma coisa, de muita importância e de acentuado caráter místico, deveria estar se concretizando.

Depois de alguns dias, Victor se restabeleceu completamente da extrema privação a que se submetera. Mais magro do que antes e maltrapilho, em seguida a um mês de isolamento total, começou a por em prática o planejamento de uma saída para sua atual condição. Era chegada a hora de acabar com o seu confinamento de ermitão.

A antiga residência de Victor fora trancada e assim deixada por Sofia, que, como disse, agora servia aos Penley. Aproveitando-se da escuridão, trinta dias após os catastróficos acontecimentos, que ali se desenrolaram, uma visita conhecida adentrou-a soturnamente. Tratava-se de Victor.

Inicialmente, ele estava receoso com as impressões que o local poderia lhe causar. Mas, para surpresa sua, uma serenidade e uma força de espírito inesperados, o fizeram adentrar a casa sem que fosse despertada nenhuma reação emocional descontrolada. Realmente, o Victor que ali se encontrava não era mais o mesmo que tivéramos a oportunidade de conhecer, tornara-se uma fortaleza, própria dos grandes e raros homens que a humanidade tem o prazer de receber de tempos em tempos.

Pôs-se a examinar cômodo por cômodo, como se quisesse se despedir do palco de tantos acontecimentos marcantes de sua vida. Parou mais demoradamente no quarto de Phill, onde se deteve atentamente frente a sua caminha e seus brinquedos. Estacionou também, um pouco mais, no quarto em que ele e Camile viveram durante o curto período de casamento. Não obstante ainda demonstrar uma grande tristeza no olhar, agora era impulsionado por uma força sublime, que o movimentava em um sentido totalmente novo. Estava decidido a fazer com que Camile e Phill, onde quer que estivessem, se orgulhassem dos seus atos futuros, como se planejasse um reencontro triunfante com seus entes queridos, que haviam partido tão precocemente.

Pôde, finalmente, fazer a sua toalete completa, tomando um bom banho e raspando a barba, que lhe conferira um aspecto tosco. Apoderou-se de uma mala, equipando-a com algumas roupas e retratos e se dirigiu para a biblioteca onde, atrás de um quadro, abriu um pequeno cofre, retirando uma relevante importância em dinheiro e uma grande soma em ações e títulos bancários, além de várias escrituras de propriedades, que seu pai lhe deixara.

O que nem mesmo os amigos sabiam é que Victor gastara apenas uma fatia da herança de seu pai; a maior parte ainda estava intacta e seria esse quinhão que ele usaria para se restabelecer e cumprir seus novos desígnios. Em sua introspeção cotidiana e dedicação exclusiva ao trabalho, ele se despreocupara completamente com os bens materiais que possuía.

Victor deu uma última olhada pela casa e, logo após, se dirigiu ao jardim, de onde apreciou, pela derradeira vez, o perfil da sua antiga propriedade, que tão cedo não mais veria. Virou-se e caminhou decidido para um lugar de que só ele sabia.

Capítulo VII

Dez anos se seguiram àqueles dias. Muito pouco havia mudado desde então. O barulho do trotar dos cavalos continuava a destoar, vez ou outra, dos aprazíveis sons da natureza. A paisagem continuava bela resistindo, com teimosia, às inúmeras tentativas de intromissão do homem. Reconhecíamos as mesmas florestas, com suas árvores seculares, exalando o forte aroma silvestre, rodeadas pelos pequeninos companheiros do reino animal.

Caminhando pela mesma estrada que, persistentemente, Victor percorria durante sua jornada rumo à faculdade, encontramos a casa dos Penley. Logo na entrada, percebemos que dois novos personagens animavam, agora, a vida do lar: um lindo casal de jovenzinhos, de nove e oito anos, brincava alegremente no jardim vigiado, cuidadosamente e bem de perto, por uma senhora de cinqüenta anos. Aproximando-nos um pouco mais, reconhecemos Sofia que, com extrema atenção, se dedicava a cuidar dos filhos de Liam Penley. Imediatamente, durante uma brincadeira mais ousada, se dirigiu aos dois:

- Igor, Shirley ! Já falei para não subirem nessa árvore pois é muito perigoso ! Esses galhos são muito frágeis e, a qualquer excesso de peso, podem se quebrar e derrubá-los.

- Sofia ! Fizemos isso um milhão de vezes e nunca nos aconteceu nada ! - falou Shirley que era a de oito anos, imprimindo um tom sapeca e desobediente.

- Ah ! Então é assim ! Vocês vêm fazendo coisas às escondidas, nas minhas costas ! Pois deixem estar, que agora sei como lidar com vocês, seus peraltinhas ! Desçam daí !

- Sofia, não seja tão rigorosa, prometemos não mais subir na árvore ! - falou Igor, de uma maneira conciliadora e longe do vegetal em torno do qual se originara a discussão.

- Ouça seu irmão e venha aqui também Shirley ! – falou Sofia, mais rispidamente do que antes.

A contragosto, Shirley desceu e continuou os folguedos em outra parte do jardim, com o irmão que a esperava.

Igor e Shirley nasceram logo após o desaparecimento de Victor e, desde então, as duas novas figurinhas faziam parte do cotidiano da família. Sofia se transformara na babá mais dedicada e cuidadosa que qualquer pai poderia desejar; no fundo, a tragédia que acometeu os Olcott lhe deixara cicatrizes profundas, porquanto atribuía, subconscientemente, alguma culpa a si pela morte do garoto, em conseqüência do seu descuido momentâneo, durante o qual perdera Phill de vista, no dia de sua morte.

Igor era um menino bonito e altivo, com tez morena e uma personalidade afável e branda. A mais nova, Shirley, possuía uma invejável inteligência e se valia disso, sempre que precisava, para conseguir qualquer intento. Apesar de muito traquinas, possuía belos cabelos loiros cacheados que, em conjunto com uma cândida feição, transpareciam uma falsa imagem de “anjinho”. Não obstante as diferenças de personalidade, os dois irmãos se davam muitíssimo bem e Igor sempre mantinha a irmã sob sua vista, de uma maneira protetora.

Liam e Laura se isolaram muito depois das fatalidades que sucederam com Victor; não mais promoveram as reuniões, das quais gostavam muito, já que essas os faziam recordar de seu desaparecido amigo, que por vezes se fez presente a elas.

A pressão psicológica, à qual foi submetido na época, envelhecera, um pouco mais, o velho e bom Liam, que agora apresentava fartas mechas brancas nos cabelos. A despeito de tudo, os filhos trouxeram nova vida ao lar e desenvolveram um outro espírito, até então ausente no jovem casal. Liam não encontrara substituto, em seu coração, para o fiel amigo Victor e, freqüentemente, Laura o surpreendia amuado, em um canto da casa, a refletir sobre o que teria acontecido com o companheiro. Evitavam sempre conversar sobre o ocorrido para não se deprimirem mas, às vezes, isso não era possível.

Liam , sempre que podia, desviava-se da estrada que passava em frente à antiga residência de Victor, simplesmente porque uma simples olhadela para a mesma, se transformava em vários dias de tristeza e de introspecção melancólica.

A velha casa de Victor ficara trancada por um longo período; Sofia se recusava a ir até lá, uma vez que chorava muito ao adentrá-la. Depois desse período, começou a freqüentá-la uma vez por mês, a fim de não deixá-la ao abandono e proceder a alguma limpeza. Devido a esse tempo de ausência, ela não percebeu a falta dos poucos retratos e das várias peças de roupa que Victor subtraíra.

Voltando à residência dos Penley, verificamos que em nada ela mudara; continuava com a mesma aparência de dez anos atrás. Postando-nos na sala que, em tempos idos, servia de palco para as animadas reuniões, vemos o casal a confabular:

- Liam, Liam, não fiques tão pensativo, até quando vais te torturar com esse problema sem solução ? - disse Laura, repreensivamente.

- Laura, não me conformo em desconhecer o que foi feito de Victor. Dez anos se passaram e nenhuma notícia ! Se estiver morto, seria melhor que soubéssemos logo, pois acabaríamos de vez com esse dilema.

- O problema que não tem solução, solucionado está! Nunca obteremos respostas para todas as questões que a vida nos apresenta, e isso tem que ser aceito.

- O triste é que sinto muito a falta de meu amigo! Desde a sua ausência, careço de alguém realmente sincero e leal como ele. As coisas vem piorando progressivamente na faculdade, principalmente a partir da data em que Murray assumiu a reitoria, há dois anos. Ele reuniu em torno de si uma turma de bajuladores sem escrúpulos, ao invés das pesquisas concisas e imparciais de antes, hoje a escola médica mais me parece um centro de convenções sociais, em que a pompa e a esnobação sobrepujam a ciência. O pior é que isso está contaminando os outros médicos do corpo docente ! - falou Liam de maneira desapontada.

- Meu amado Liam, a desaparição do nosso insubstituível amigo me afeta tanto quanto a ti. Sinto uma desagradável sensação de que alguma coisa mal resolvida atormenta, continuamente, a nossa rotina diária. A tragédia, de épocas atrás, me atordoa até hoje, à menor lembrança. Mas querido, há coisas que tem que ser superadas, queiramos ou não; o sumiço de Victor, me parece, será um desses acontecimentos fatídicos que jamais serão esclarecidos e que, para sempre, se tornarão um mistério. Sei que ele era o único e verdadeiro aliado que possuías e que tudo piorou muito com sua ausência; noto-te também cada vez mais cabisbaixo e triste e se, se fizer necessário, prefiro ver-te longe daquele grupo pernicioso a perceber-te cada vez mais combalido e propenso a uma enfermidade. Se saíres da faculdade, ainda te restará o Madeleine, que é o trabalho que realmente te completa. - respondeu Laura carinhosamente.

- Querida, agradeço muito o alvitre e a compreensão, mas alguns laços ainda me prendem àquela instituição; se bem que só me faria bem não ter mais que cruzar ou conviver, diariamente, com o malicioso Murray e seu desprezível séqüito - completou Liam, aliviado pelo desabafo.

A discussão foi interrompida pela entrada, em cena, das crianças, que chegaram com sua algazarra e espontaneidade naturais, dando um outro sentido à conversação, para destinos mais agradáveis.

Depois da ausência de Victor, Murray imperava sozinho e, em seguida à publicação oficial do trabalho furtado do rival, sua fama cresceu internacionalmente, o que lhe valeu, por último, a indicação para o cargo de reitor.

De fato, desde a divulgação do artigo que subtraíra, e a sua posterior nomeação para a diretoria do departamento científico, ele não encontrara, em nenhum colega, o oponente que Victor representara na época. Os médicos do corpo docente de agora lhe eram subservientes e não ousavam contestá-lo.

Apesar da projeção, Murray continuava a invejar Victor, mesmo depois de tanto tempo, por sua inteligência e sua dedicação talentosa à pesquisa médica que, a seu turno, originara uma obra de resultados tão reveladores. Ele angariava a fama por aquilo que não criara e sabia que jamais teria capacidade de tê-lo feito; e isso feria intensamente seu amor próprio.

Murray havia se casado e tido uma filha. A esposa, por motivo de doença, falecera há dois anos.

Os colegas, de três anos para cá, perceberam uma sutil mudança na sua personalidade, que expunha uma faceta, até então, desconhecida. Viam-no, freqüentemente, com um carinho paternal, elogiar a inteligência e a meiguice de sua filhinha. Nesses momentos, o malicioso reitor nem parecia o mesmo e o brilho prepotente dos olhos, que lhe era habitual, desaparecia por completo. O trato com os colegas melhorava e, por alguns instantes, se transformava em um médico atencioso e cooperativo com os companheiros.

A delicada menininha, chamada Dorothy, com seus cabelos loiros e lisos e o olhar de um expressivo azul, de uma profundeza sem par, mexera nos sentimentos de Murray e despertara sensações inéditas de amor desinteressado nesse personagem, e que, até então, lhe eram completamente ausentes. A filha era uma candura de criança e não lembrava, nem de longe, o pai que tinha.

Mesmo assim, após algum tempo, Murray voltava a ser o mesmo de antes: sempre planejando a expansão da sua influência, porquanto aquela “pequena faculdade” não era o limite para as suas desmedidas ambições e, sendo assim, almejava um reconhecimento global mais consolidado de seus falsos talentos.

Liam era, freqüentemente, alvo das suas piadas, durante as reuniões dos professores. Com a ausência de Victor, o amigo se transformara em um alvo fácil para as investidas maldosas do reitor que, entretanto, se limitava às tentativas de ridicularizá-lo em frente aos outros médicos. Liam era um dos poucos que ainda colocava em questão a autenticidade do trabalho apresentado por Murray e, às vezes, esses comentários chegavam aos seus ouvidos, pelo que, logo depois, se vingava por intermédio de chistes maldosos, sobre uma possível incompetência profissional de Liam. Na maioria das vezes, Liam também era excluído dos eventos sociais que a instituição patrocinava. Justamente por isso, ele desviara sua atenção, quase exclusivamente, para o seu querido Madeleine.

O Sainte Madeleine Children Hospital começou como um hospital dedicado ao atendimento pediátrico, sem o orfanato, que agora ocupava sua maior parte. Com o andar do tempo, pequenos enfermos crônicos e órfãos, que não tinham lugar para ir, passaram a necessitar de uma morada permanente, e foi então que o grupo de seus diretores e amigos colaboradores, liderados por Liam, resolveu criar um adendo, formado por um complexo de alojamentos, de refeitórios e de classes escolares que teriam a finalidade de oferecer um lar permanente para esses petizes.

No mesmo dia, vemos Liam se dirigir para lá, afeito a sua jornada diária de trabalho. O hospital do Madeleine era formado por uma construção, de localização lateral ao conjunto, e que se sobrepunha às outras em imponência. Um pouco mais afastado, era possível verem-se vários blocos lineares, de perfil mais baixo, que constituíam os alojamentos das crianças. Algumas outras edificações diferentes eram também vistas, mais ao longe ainda, e faziam parte dos prédios que serviam de refeitório e de escola. Entre o aglomerado de blocos, era possível observarem-se espaçosas áreas de lazer, nas quais as crianças se dedicavam às suas diversões inocentes. Em torno de toda a obra, alta cerca estava erguida para dar segurança aos internos e impedir que os pequeninos se perdessem na floresta contígua.

Todas as crianças conheciam Liam, que era o diretor da instituição, e o amavam muito, como a um pai. Em retribuição, ele dedicava a maior parte de seu tempo ao órgão, sempre procurando resolver os problemas que quotidianamente apareciam. Também identificava todos os seus internos individualmente pelo nome, e a cada um direcionava, sempre que podia, uma conversa toda pessoal, de modo que todos se sentiam especiais no coração do seu benfeitor.

Os pequenos orfãozinhos iam, habitualmente e, em grupos, visitar os coleguinhas internados, desde que não fosse na ala das doenças infecto-contagiosas, a fim de lhes transmitir apoio na forma de alegres brincadeiras. Essa rotina, observava Liam, favorecia muito a recuperação dos pequerruchos e estimulava o sentimento altruísta e caritativo das crianças internas.

Liam também se dedicava ali, a algumas pesquisas médicas. Particularmente, estava muito envolvido em uma investigação que visava alterar o curso letal dos acidentes ofídicos que aconteciam há vários anos, na região. Desde que Victor lhe sugeriu que existiam trabalhos experimentais, a respeito do tratamento desse mal, isso lhe interessou muitíssimo, fazendo com que entrasse em contato, em várias ocasiões, com o Instituto Pasteur de Paris. Descobrira, após contatar essa renomada instituição, que um colega brasileiro, chamado Vital Brasil, estava muito adiantado em suas investigações e com ele se comunicou várias vezes, recebendo vários artigos seus, por meio de correspondência freqüente. Com essa colaboração mútua, conseguira, recentemente, produzir um soro, elaborado a partir do veneno de cobras capturadas nas montanhas próximas, que teoricamente serviria de antídoto. Nunca havia testado o remédio e sabia dos riscos que envolviam tal intento, mas desesperava-se, cada vez mais, ao ver qualquer pequenino falecer, em razão de tal enfermidade.

Liam, depois de passar em visita médica por seus pacientes, foi se estabelecer em seu consultório, como fazia sempre, a fim de cuidar de alguns assuntos burocráticos, em companhia de seu colega Edward Lowell. Enquanto trabalhava, uma enfermeira, responsável pela assistência aos órfãos, adentrou a sala repentinamente, com as feições alteradas pela ansiedade, e se dirigiu a Liam:

- Dr. Penley, há mais de uma hora estou a procurar pelo interno Martin, mas não consigo encontrá-lo. Logo depois do intervalo das aulas, as crianças retornaram normalmente, mas notei a ausência do garoto. Fiz perguntas a todos, que disseram não saber nada a respeito do seu paradeiro.

No mesmo instante, Liam se lembrou do orfãozinho. Era um menino sem pais, que chegara ao Madeleine há cinco anos com uma séria pneumonia e que ele mesmo tratara com especial dedicação. Desde essa data, o pequeno Martin, agora com seus nove anos, corria sempre que Liam chegava e ia logo lhe agarrando a mão, carinhosamente. Após o alerta da funcionária, Liam levantou-se assustado e se manifestou:

- Reuna imediatamente todas as enfermeiras que estiverem disponíveis e vamos proceder a uma busca geral pelo pátio e pela floresta das redondezas.

Liam esperava encontrar Martin na mata adjacente à área de recreação. Uma cerca separava os dois espaços, mas não era incomum, um petiz ou outro, rodeá-la, escondendo-se da vigilância adulta, para ir brincar do outro lado.

Transcorrida a primeira hora de busca Liam, depois de escutar um lânguido gemido, encontrou o garoto, encolhido e quase sem sentidos, ao lado de uma frondosa árvore. Assim que pôde examinar mais detidamente o seu pupilo, notou que ele apresentava febre altíssima e, horrorizado, percebeu uma ferida na sua coxa desnuda. Para o seu desespero, Martin fora atacado pela serpente venenosa das montanhas, e tinha pouco tempo de vida.

Mais que depressa, encaminhou o enfermo para a seção de urgência do Madeleine, onde começou a lhe prestar os primeiros serviços de atendimento médico.

Observou, logo de início, que a região da mordida começava a demonstrar os primeiros sinais deletérios do veneno, na forma de uma necrose, que progredia proximalmente. Liam se sentia impotente diante do quadro dramático que se desenrolava com o pequerrucho. Pelas características da enfermidade e pela gravidade da situação, Martin não resistiria mais do que dois dias à morbidade da mordida. Sabia que os meios atuais da medicina, tratavam a patologia, de modo paliativo, deixando que ela evoluísse sem interferência de uma droga ativa que neutralizasse o princípio químico da virulenta peçonha. Só se soube de casos de adultos que escaparam com vida, mas com seqüelas graves, à mordida desse terrível réptil; mas nunca nenhuma criança sobrevivera à sua investida, pois a quantidade de veneno, em relação ao peso da vítima, era bem maior nesse último caso.

Diante do letal evento, nada restava a Liam senão aplicar o soro que ele próprio produzira, a partir da purificação do sangue animal, sensibilizado previamente pela peçonha. O risco de que a substância experimental abreviasse a vida de Martin era grande, mas não lhe sobrava nenhuma outra alternativa.

As dificuldades eram muitas, pois nem mesmo a quantidade do remédio a ser administrada era conhecida. Vencendo esses obstáculos, Liam passou a infundir o soro no pobre pacientezinho, que se encontrava agonizante.

Para o espanto geral, dos médicos que acompanhavam o caso, Martin começou rapidamente a apresentar melhora dos sinais vitais, respondendo positivamente à nova medicação.

Dr. Lowell ficou muitíssimo impressionado com o efeito benéfico que o plasma animal, produzido por Liam, exercia sobre a criança. Seus pulsos estavam mais fortes, a necrose estacionara, desde o início da terapêutica, e, se não houvesse uma infecção secundária, ele teria uma inédita chance de sobrevivência.

O pequenino, poucos dias depois, conseguia deambular pelo hospital, com o auxílio de muletas pois, embora curado, apresentava seqüelas das necroses musculares, na região afetada.

Um grande entusiasmo abarcou Liam, após esse acontecimento sem precedentes para a medicina, onde uma criança conseguiu sobreviver à mordedura do terrível ofídio, animando-o a concluir seu trabalho sobre o assunto, levando ao conhecimento de todos os colegas, a maneira de se produzir o antídoto para o veneno daquela serpente em especial. De pronto, começou a compilar dados sobre a nova descoberta, mesmo com o risco de ser taxado de imprudente, devido ao fato de ter administrado a medicação sem os devidos testes prévios em animais. Mas, pensava ele, a situação desesperadora, justificara tal ato.

Esses fatos tornaram mais dolorosa a falta do amigo Victor. Liam passou a admirá-lo ainda mais e agradeceu, à sua memória, e à sua preciosa sugestão, que o levou a descobrir o remédio para o veneno, salvando Martin das garras da morte.

Capítulo VIII

Não obstante o longo período diário dedicado ao Madeleine, Liam continuava suas atividades laborativas junto à faculdade, malgrado a permanente decepção com as mudanças ocorridas, desde a ascensão de Murray ao cargo de reitor.

Era o encarregado dos acadêmicos na disciplina de medicina infantil. Seu departamento era formado por um bloco inteiro, adendo do grande hospital, e abrigava uns cinqüenta leitos. Havia assumido o cargo de professor titular há pouco tempo, devido ao afastamento de seu antigo chefe, Dr. Hugh Pendelton, por motivo de aposentadoria.

Embora lidando com o mesmo ramo médico naquela escola, não tinha igual satisfação no trabalho, em comparação com o que realizava no Madeleine. O método de cura que utilizava nessa última instituição, e que tinha absoluta certeza de ser o correto, visto que sempre obtivera os melhores resultados, nunca foi implantado na entidade superior de ensino de Bornester, devido à interferência da administração. Murray insistia em bloquear as inovações terapêuticas e qualquer melhoramento nesse sentido, despertava o seu ciúme, fazendo com que baixasse circulares regularmente, que petrificavam o progresso de vários setores da escola. Era um céptico e reacionário e, nem ao menos, autorizava o feitio de trabalhos médicos comparativos, com a finalidade de demonstrar a eficácia ou não desses procedimentos coadjuvantes de tratamento.

Liam ficava insatisfeitíssimo com o tolhimento de suas boas intenções. Considerava a parte, dedicada à medicina das crianças, uma prisão para os seus petizes. Desistira de tentar alguma mudança pois Murray insistia, com suas maneiras de ditador, em atravancar qualquer plano seu. Apesar da extrema dedicação a esses pequerruchos, sua vontade era a de transferi-los, a todos, para o Madeleine e tratá-los como achasse melhor.

Naquele dia, fora solicitado para uma reunião dos preceptores, que seria presidida por Murray, para uma deliberação geral. Liam detestava essas assembléias pois não suportava a prepotência nata do reitor e também suas ferinas maneiras no trato com os colegas. Se pudesse faltar, o faria, mas se tratava realmente de um encontro de suma importância; no edital de convocação, estava escrito em letras grandes e destacadas: PRESENÇA COMPULSÓRIA.

No mesmo instante, no gabinete da direção, vemos o reitor sentado numa mesa, ao fundo da sala, ladeado por dois médicos, amigos seus. Tratava-se do Dr. Gregory Perts, atual chefe do departamento científico, que o substituíra, quando esse ascendeu ao cargo de chefia máxima, e do Dr. Danny Tosh, atual diretor do departamento de clínica médica.

Murray falava com seriedade:

- Esse encontro médico internacional é de fundamental importância para a projeção da nossa faculdade no exterior. Há muito tempo, almejo elevar a nossa querida instituição ao patamar merecido. Nesse evento, estarão presentes as mais destacadas personalidades mundiais do meio médico e científico e, entre esses, poderei apresentar os resultados do meu trabalho, ao qual tenho me dedicado há anos, sobre o tratamento do paciente portador de doença infecto-contagiosa, e que já tive a oportunidade de expor em outras ocasiões de menor relevância.

Ele se referia ao artigo que furtara de Victor e que tentara, sem efeito, aperfeiçoar, no decorrer dos anos. Na verdade, ele pouco se importava com o reconhecimento do estabelecimento que dirigia, o que visava realmente era ampliar o seu prestígio pessoal. O Congresso Médico Internacional, que iria se realizar em Paris, no mês seguinte, seria a melhor oportunidade para fazê-lo. Seus olhos brilhavam, quando se referia à sua futura palestra, deixando transbordar farpas de pretensão e ambição, que podiam ser notadas pelos presentes. E continuava o seu diálogo:

- Quero que o Dr. Perts e o Dr. Tosh preparem também uma sinopse dos estudos que vêm realizando e dos respectivos resultados, para que sejam expostas no citado encontro, numa palestra complementar à minha.

Nesse segundo, foi interrompido pelo Dr. Perts:

- O número de artigos que poderá ser divulgado, por cada organização, é três. Existe ainda uma vaga para outro extra. No último encontro pudemos perceber uma carência nossa, em relação a disciplina de medicina infantil. Enquanto outras organizações demonstraram inúmeras pesquisas nessa área, nós nos restringimos à clínica dos adultos. Para suprir uma possível deficiência nesse sentido, eu sugiro que produzamos alguma matéria sobre esse tema.

Murray, depois da sugestão do Dr. Pertz, não pôde esconder sua insatisfação com o comentário, pois não se afeiçoava ao único que poderia produzir algum trabalho assim: Liam Penley. Contendo o descontentamento inicial, concluiu que o Dr. Perts estava com a razão, conquanto se lembrou bem do derradeiro simpósio, de abrangência mais regional, e da abundância de material, levado por outras entidades, abordando o tratamento pediátrico. Temia que as outras instituições, ali representadas, criticassem a de Bornester, por uma possível fragilidade nesse ponto, o que poderia atrapalhar sua propaganda. Também notou uma fisionomia de aprovação à idéia do Dr. Pertz, no Dr. Tosh, contribuindo ainda mais para o seu constrangimento. Tomou, assim, de novo, a palavra:

- Bem lembrado meu caro Dr. Pertz! Isso me ocorrera e eu me preparava para comunicar a atribuição ao Dr. Penley. Só fico apreensivo quanto ao pouco tempo para a concretização do intento e tenho dúvidas sobre a capacidade de realização do mesmo, pelo referido colega. Aliás, o Dr. Penley se atém mais às suas críticas pessoais do que à produção de alguma coisa válida. Sempre cabisbaixo e taciturno, até me parece que a convivência em nosso meio o desagrada !

Nesse ponto, o Dr. Tosh se manifestou:

- Sim, é verdade ! Mas a necessidade molda os atos. Não nos resta outra opção a não ser designar-lhe essa tarefa. É claro que com o devido cuidado de prevení-lo quanto à importância da mesma, posto que deverá ser examinada por um seleto grupo de “experts” e não pelos despreparados acadêmicos da escola.

- Desde que o insano Dr. Olcott desapareceu dessas paragens, depois de todos atos aviltantes que cometeu, venho realmente notando algo de desequilíbrio no Dr. Penley. Ele pouco conversa com os colegas e realiza cada dever seu, junto ao respectivo departamento, de um modo completamente solitário. Se necessário se fizer, Dr. Tosh e eu poderemos avaliar previamente os seus escritos e, conforme nosso julgamento, baseado na sua boa ou má qualidade, os liberaremos, ou não. – Dr. Pertz complementou, maliciosamente.

- Bem lembrado, doutores. Na reunião, que está para acontecer, eu comunicarei a decisão superior ao Dr. Penley e o inquirirei sobre a possibilidade da composição de um texto condizente. Mesmo assim, sugerirei uma apreciação preliminar, a ser realizada pelos senhores, como requisito para que o mesmo seja exposto - retrucou Murray, satisfeito com a cooperação deselegante de Tosh e Pertz.

Como de costume, Murray não perdia uma oportunidade sequer de menosprezar seus desafetos e, se encontrasse eco em algum dos circunstantes, melhor. Não estava contente em ter que patrocinar Liam, no evento internacional, que estava por acontecer, mas isso se fazia necessário, a fim de que suas egoísticas ambições se concretizassem, de uma maneira integral.

Em razão da convocação, Liam não pôde comparecer ao Madeleine e delegou muitos dos seus deveres para o colega, Dr. Lowell. No horário marcado, lá estava ele adentrando o auditório dos docentes. Se encontravam presentes todos os três doutores que travaram a conversação anterior e, aos poucos, todo o restante dos professores se viu ali reunido.

Com a sala cheia, Murray iniciou o seu discurso:

- Ilustres educadores aqui presentes. É de conhecimento comum, o congresso médico internacional que se realizará em Paris, no próximo mês. Esse evento será notabilíssimo e contará com a presença de todos os brilhantes professores doutores que a maior parte de nós só teve o prazer de conhecer mediante seus relevantes artigos. Coube-nos o privilégio de apresentar três trabalhos e, com isso, teremos a oportunidade de elevar o nome da nossa querida instituição a patamares nunca antes atingidos, em termos de projeção exterior. Todos aqui conhecem a qualidade dos estudos que demonstrei, pela primeira vez, há dez anos, e que aperfeiçoei nesses últimos tempos; os mesmos tem reconhecimento no estrangeiro, pois os tornei públicos por meio de divulgações anteriores de menor alcance. Pretendo mostrar o resultado de minhas pesquisas, com os devidos melhoramentos, como tema principal, entre os três que nos couberam. Tenho convicção da boa aceitação do mesmo e prevejo os bons frutos que colheremos na comunidade científica.

De fato, Murray sabia da excelente qualidade da obra que Victor produzira e tinha certeza de que ela faria um estrondoso sucesso. Refletiu rapidamente, vislumbrando o seu auspicioso futuro, e continuou:

- Como eventos complementares serão também relatados os estudos do Dr. Pertz e Dr. Tosh, que compuseram uma matéria conjunta, versando sobre aspectos da clinica médica geral, e do ... - nesse momento, interrompeu o discurso, quando percebeu que não havia comunicado ainda a atribuição a Liam e continuou - devido a necessidade de se exibir algum material na área de medicina de crianças, solicito ao Dr. Penley que produza algo nesse âmbito. Conscientizo-o da extrema importância do evento, e peço que tenha cuidado na sua elaboração, em virtude da crítica e culta platéia, para a qual será exposto. Devido ao pouco tempo, será necessária também uma análise prévia dos escritos, a ser efetuada pelos doutores Pertz e Tosh, aqui presentes.

À primeira vista, Liam ficou agradavelmente surpreso com o convite mas, à medida que o reitor continava, a favorável impressão se transformou em indignação. Que ousadia, me encomendar a realização de uma pesquisa que deverá estar pronta em apenas um mês, duvidar da minha capacidade de desempenho, em frente a todos os colegas, e ainda impor como requisito uma pré-avaliação, a ser feita por colegas de pouca bagagem científica - pensou. Como a platéia aguardava a sua manifestação, Liam se levantou e, solenemente, disse:

- Fico lisonjeado com o convite feito. Me impressiona negativamente apenas o fato de ele ter sido efetuado somente há um mês da provável exposição. Me desagrada também, a falta de organização da mesa diretora, tendo em vista que um artigo científico tão importante, que deverá ser exibido para uma platéia tão seleta, poderia ter-se-me atribuído há mais tempo, permitindo o seu melhor feitio. E além disso, os julgadores que foram sugeridos, como apreciadores prévios do meu texto médico, carecem de conhecimento técnico em minha especialidade, para que procedam a uma conclusão adequada sobre seu valor e qualidade.

A fala áspera de Liam caiu como uma bomba sobre os ouvintes que lhe manifestaram, interiormente. Jamais o corpo docente vira algum colega ser tão nobremente ríspido com o reitor. Murray empalideceu por um instante, para depois ser tomado de intenso rubor, se dirigindo aos audientes:

- Algumas decisões são obrigatoriamente tomadas na última hora, por conta de uma ou outra mudança de plano. O tempo não me parece exíguo para alguém que está há quase quinze anos no departamento e que, nesse período, deveria ter produzido vários artigos de qualidade, não é mesmo ? Basta que selecione um deles, que tenha sido realizado aqui, na nossa instituição de ensino e assistência médica, é claro. Quanto aos dois doutores sugeridos como examinadores, tenho plena confiança em seus conhecimentos na área de medicina de crianças.

- Sim, produzi alguns escritos. Infelizmente, não como realmente queria, devido às restrições dessa casa, impostas pela diretoria. Mas não vejo o porque da exigência de que o trabalho tenha sido executado obrigatoriamente aqui. O que de melhor eu redigi, em termos de pesquisa profissional, teve origem no Madeleine Children Hospital.

Logo depois do comentário, Murray se fez ouvir, mais uma vez:

- Não existe a mínima possibilidade de se alterar esse requisito. Quem foi convidada foi a nossa instituição e, por conseguinte, todos esperam que se exibam estudos efetuados nela própria.

Liam retrucou, com uma certa dose de sarcasmo:

- Sim, eu também pensava do mesmo modo, mas o artigo que o senhor irá expor não foi realizado no Virgin Mary Hospital? se não estou enganado! na ocasião, há dez anos, quando ele foi divulgado pela primeira vez, os catedráticos daqui não colocaram nenhum obstáculo ao citado material.

Murray esquecera que havia usado a artimanha, de plagiar o trabalho científico de Victor, em outro lugar. Como se viu contra a parede, não lhe restou outra opção a não ser usar a única arma que ainda lhe restava, o autoritarismo:

- Foram outros tempos, e saibam todos aqui presentes, que os aperfeiçoamentos, aos quais tenho me referido, foram efetuados aqui, embora o corpo básico tenha sido confeccionado no Virgin Mary. Para abreviar nossa discussão, Dr. Penley, você aceita essa incumbência, nos moldes em que ela lhe foi proposta?

Após o desabafo, prevendo uma discussão em termos mais baixos, Liam continuou:

- Aceito a delegação e, com a finalidade de eliminar os receios da mesa diretora, afirmo que possuo material de excelente qualidade e que certamente colaborará com os demais, no intuito de projetar essa casa de ensino.

Imediatamente, Liam se retirou, não dando mais a Murray, oportunidade de interpelá-lo. Grande parte dos docentes ficou contente com a atitude de Liam, pois estavam cansados da prepotência e arrogância do seu reitor. Perceberam a coerência de Liam e o autoritarismo cego de Murray. Esse último, por sua vez, amargou a sensação de haver cometido um enorme erro, ao delegar uma tarefa tão crucial, a um desafeto. Ressentimento perigoso surgiu e, do desprezo passivo que dirigia ao pediatra, passou a lhe endereçar um ódio destrutivo. Se pudesse voltar atrás, não atribuiria mais a missão à Liam, mas ele próprio alardeara a importância de se apresentar algum estudo, na área de medicina infantil; agora era tarde.

No dia seguinte, Liam solicitou, com certa contrariedade, uma audiência com Murray. Esse o fez esperar por longas duas horas, antes de recebê-lo em seu gabinete. Adentrou o recinto segurando um maço de papéis. Assim que se postou à frente do reitor, pronunciou-se objetivamente:

- Dr. Murray, sei da minha concordância em apresentar um estudo clínico realizado aqui mesmo, mas gostaria que desses uma pequena olhada no que tenho em mãos e, só após, me diga se manténs a tua decisão.

Murray, sem dizer uma palavra, tomou-lhe os manuscritos e, em primeiro plano, pôde ler o título: “Sucesso no Tratamento do Acidente Ofídico, Causado pela Serpente das Montanhas, em uma Criança de Nove Anos”, por Liam Penley e Victor Olcott. Imediatamente, com extrema curiosidade, despertada pela imponência e originalidade do título, começou a ler a sinopse. Ele conhecia o réptil em questão e nunca vira uma criança sobreviver ao seu ataque. A cada página lida, mais via aguçada sua inveja. A audácia de Liam fora o motivo da descoberta de algo realmente novo e ele logo viu que aqueles manuscritos poderiam significar a sua ruína, porque poderiam competir com seu furtado trabalho, em importância. Após examiná-los atentamente, por longos quinze minutos, Murray fechou-os, fingindo calma, e se dirigiu a Liam:

- Dr. Penley, alguém mais sabe da existência desse material?

Liam ficou irritado com a indagação e, suspeitando dessa atitude, respondeu:

- Tive o cuidado de enviar uma cópia para a Sociedade Internacional e de registrar a outra em cartório. O senhor sabe, nesses tempos é necessário ter-se cuidado.

Liam, usou uma certa ironia ao pronunciar a frase, atingindo certeiramente o ponto desejado e despertando uma ira repentina em Murray que, mudando o tom da conversação, retrucou:

- Perguntei isso, porque a pesquisa é realmente medíocre e digna de vergonha para a nossa casa. Jamais vi tamanha tolice, de se injetar, irresponsavelmente, uma substância animal, em um menino de tão pouca idade. O resultado conseguido teve relação apenas com a sorte e não com o plasma administrado. Creio ser devido ao puro acaso, que isso não tenha acabado em tragédia. Me encabula muito saber, que uma brochura reles como essa, tenha chegado às mãos da Sociedade Internacional. Tal fato me deixa extremamente receoso, pois tenho dúvidas se poderás apresentar algo de valor.

O virulento reitor estava transbordante de inveja e via que, mesmo depois de dez anos de sumiço, o antigo rival, Victor Olcott, ainda conseguia ameaçá-lo, na figura do amigo. Tendo percebido a impossibilidade de piratear a descoberta, como havia feito anteriormente, a única saída era desvalorizá-la ao máximo. Liam ficou irritadíssimo com a resposta indelicada mas, contendo-se, para não acabar se desentendendo mais seriamente com seu agora declarado inimigo, finalizou o diálogo:

- Vim aqui, com o último fio de esperança, para mostrar-lhe algo que achava valoroso. Mas se essa compilação não lhe agradou eu possuo outras que foram feitas nos moldes da organização que dirige. Fique tranqüilo que em breve apresentarei alguma coisa condizente, com Tosh e Pertz. Muito obrigado pela atenção.

Falando isso, virou as costas e se dirigiu à saída. Murray percebeu, depois da tensa conversa, o perigo que partia de Liam, aos seus planos de ascensão e decidiu vigiá-lo mais de perto, a partir dali. Resolveu também, ridicularizar a sua monografia sobre a inédita terapêutica anti-ofídica para todo o corpo docente, tachando seu mais forte desafeto de imprudente. Liam, por sua vez, notou toda a cupidez que o envolvia e preferiu não enfrentá-lo frontalmente, pois pretendia, a qualquer custo, ir a esse congresso e tornar realidade um plano seu.

À noite, Liam foi para casa completamente envolto em seus pensamentos. Tinha ele uma oportunidade ímpar de demonstrar algo de seu labor para uma platéia seleta, que poderia julgá-lo sem as interferências maledicentes e cobiçosas de Murray e de sua corte de bonifrates. Uma idéia lhe adentrara a mente, no momento do convite, e não mais a deixara. Chegou em casa e, logo que se viu a sós com Laura, inquiriu-a em tom brando:

- Querida Laura, sabes o quanto tem me desagradado a convivência com o grupo de professores da escola médica. Há algum tempo, as atitudes pouco éticas dos colegas vêm me dilapidando a paciência e me custando, cada vez mais, noites de sono. Achas que a minha saída da referida instituição, com a conseqüente diminuição dos nossos proventos à metade, nos afetaria a um ponto ruinoso ?

- Querido, se o que te prende ao cargo são somente os honorários, não se justifica a tua permanência, no meio dessa malevolente corporação, suportando as suas investidas constantes. Há muito, venho notando que estás cada vez mais triste e ensimesmado e percebo alguns relampejos de alegria somente ao te referires ao Madeleine. Acho que poderemos viver bem melhor com a felicidade simples, que tínhamos no passado, mesmo com o salário reduzido à metade e, com o tempo, poderemos nos arranjar com alguma renda extra.

A resposta da esposa fez com que os olhos de Liam brilhassem, como há anos não se via. Sua aprovação era a única coisa que faltava para que sua idéia de mudança de rumos fosse colocada em prática. A partir daquele momento, Liam se tornou outro, transformando-se de taciturno e cabisbaixo, no alegre e espirituoso Liam de antigamente. Laura ficou contentíssima com a metamorfose e, no seu lar, passou a vibrar o mesmo clima de ventura que, progressivamente, se extingüira.

Nos dias que se seguiram, dedicou-se com afinco à preparação do seu artigo. Trabalhava como nunca; solicitara uma dispensa temporária e, por isso, destinava seu tempo integral, à organização das tabelas científicas, mimetizando o que Victor fizera outrora. Por outro lado, notou que a equipe, selecionada para ir ao evento, o isolou das reuniões que o precederiam. Concluiu que se tratava de uma represália de Murray pelo desacato sofrido.

Outro fato desagradável veio completar os seus desprazeres: todas as despesas das viagens dos conferencistas seriam custeadas pela faculdade, com exceção da sua; O reitor alegou que as verbas estavam escassas e que, como a decisão de lhe delegar a confecção da matéria fora feita de última hora, as despesas ultrapassaram a verba destinada ao encontro. Como Liam estava preparado para os ataques maldosos daquele grupo interesseiro de colegas, respondeu educadamente que isso não era problema e que ele mesmo arcaria com os seus gastos. As agressões do corpo docente não o perturbavam mais, depois da conversa que teve com a amada consorte. Murray e o corpo diretor também notaram uma certa mudança em si, mas a atribuíram, erradamente, ao fato de ele ter sido indicado para tomar parte em uma conferência tão importante.

Após algum tempo, a compilação de Liam estava completa e pronta para ser analisada pelos doutores Tosh e Pertz. Faltava somente mais essa etapa para que seu plano pudesse se materializar. Encaminhou-a, portanto, o mais rapidamente possível, aos dois.

A pesquisa fora realizada na escola médica de Bornester, há alguns anos, e tinha um conteúdo de elevada complexidade científica, a ponto de ultrapassar, em muito, as capacidades de julgamento dos dois doutores, que realmente não tinham o nível de conhecimento técnico para tanto. Os escritos de Liam citavam umas tantas doenças raríssimas de crianças, que foram diagnosticadas e tratadas e, das quais Pertz e Tosh nunca ouviram falar. Sem dúvida, o material examinado excedia qualquer expectativa. Isso despertou até uma certa inveja, pois a qualidade do artigo que Liam iria expor era bem superior a do deles. De qualquer forma, emitiram um veredicto positivo para Murray, que o aprovou, como viável de ser exibido, apesar de não tecerem nenhum comentário elogioso.

Capítulo IX

A notícia da aprovação de seu artigo, eliminou os últimos receios que ainda pairavam sobre Liam. A partir daquele momento, ele pôde, finalmente, dedicar os dois últimos dias, que precederiam a viagem, rumo ao congresso, a um merecido descanso. Nesse período, pôde refazer-se da forte pressão psicológica, exercida sobre si, e preparar-se para a difícil tarefa, que teria de realizar em breve: a de fazer parte de um grupo, no qual não era bem quisto.

As atitudes de Murray continuavam as mesmas em relação a si e, mesmo tão próximo ao evento, o reitor ainda não o contatara para nenhuma combinação prévia sobre a sua palestra; pelo contrário, ficava satisfeito em deixá-lo totalmente isolado. Liam, percebendo-se cercado por más intenções, preferiu viajar separadamente, rumo à Paris, para evitar que seu desafeto o destratasse ainda mais.

Foi com esse espírito, que embarcou para o seu destino, àquelas terras vicinais. Após algum tempo, chegou à cidade luz e logo se dirigiu ao local, onde se hospedaria.

O hotel, que oficialmente receberia os convidados, fora escolhido a dedo pela comissão organizadora da Sociedade Médica Internacional e correspondia ao que de melhor se poderia oferecer, em termos de luxo e conforto. Na sua entrada, magníficos tapetes persas forravam o gigantesco lobby, e um portentoso lustre, do mais fino cristal Bacarat, enfeitava o teto, dando imponência ao lugar, impressionando e conquistando, de imediato, o hóspede. Completavam o cenário, várias colunas jônicas e escadarias amplas. O ambiente estava à altura do importante evento que por ali iria se desenrolar.

Ingente salão de recepção estava reservado para uma opulenta festa aos doutores, que aconteceria naquela mesma noite, e que marcaria o início oficial do congresso. Esse exórdio comemorativo, tinha a finalidade de promover uma integração inicial dos médicos participantes, fazendo com que os mesmos se conhecessem previamente, em um clima mais informal.

Liam chegou ao hotel antes dos seus colegas de Bornester, que embarcaram algumas horas depois, e percebeu, imediatamente, a grande quantidade de congressistas que já haviam se estabelecido e que confabulavam no hall de entrada. Caminhando timidamente, em meio a esses grupos de doutores, se dirigiu a seção de reservas, a fim de solicitar o seu quarto. Enquanto aguardava a conclusão dos atos burocráticos, algo lhe chamou a atenção: bem ao seu lado, a mais ou menos uns cinco metros de distância, um grupo de quatro doutores discutia em torno de uma figura central, que parecia ser muito respeitável. Dirigiu o olhar para esse personagem e pôde divisar um jovem senhor, que aparentava os seus quarenta anos, de cabelos escuros e barba negra, bem aparada, que lhe cobria a face e se completava com um cavanhaque. Como um dândi, executava gestos educados e estava indefectivelmente trajado. Liam não se conteve e o encarou, por um breve instante: o doutor observado transbordava uma imponência incomum, e possuía o dom de expressar sua nobreza apenas com a marcante presença. Sua aura atraía todos os presentes, como se os indivíduos circunvizinhos quisessem dela absorver todas as qualidades que externava. Jamais percebera tais atributos em outrem. Os colegas se acercavam dele com uma admiração intensa. O que mais encabulou Liam foi um singular sentimento de familiaridade com essa pessoa, que não soube explicar. Foi com essa sensação, impressionado, que completou o preenchimento dos papéis e subiu para o quarto.

Resolveu não comparecer à festa de abertura, por conta de motivos óbvios: como não conhecia ninguém, não daria a chance de que a comissão da sua faculdade se satisfizesse ao vê-lo sozinho e deslocado. Preferia a tranqüilidade daqueles aposentos privados, a ter que aturar os aleivosos colegas que compunham o grupo de sua entidade de ensino. Nos últimos dias em que se dedicou exclusivamente à composição do seu artigo, teve a alma refrigerada por um convívio mais prolongado com os familiares e, na simplicidade dos seus, pôde se ver livre do clima desagradável, criado pelas disputas vulgares que se desenrolavam na escola médica de sua cidade. Descobriu, então, a vantagem de se manter distante, naquela hora.

O restante dos docentes da faculdade de Bornester chegou algumas horas mais tarde e, rapidamente, começou a se preparar para o evento festivo. Murray, especialmente, aguardava com ansiedade aquela festa, onde pretendia ele começar a sua política de aproximação interesseira, junto aos eminentes doutores presentes, principalmente os que integrassem o comitê médico internacional. Dando continuidade aos seus maquiavélicos projetos, ele intentava, agora, ocupar um cargo a nível internacional, satisfazendo, assim, seus anseios de cobiça sem fim. Tivera a oportunidade de conhecer alguns vultos de projeção, em outras circunstâncias, nas quais fez um esboço do “seu” trabalho. Nessas ocasiões, fora muito elogiado e esperava um reconhecimento unânime desses destacados colegas, só que numa conjuntura de muito maior importância.

Na realidade, Murray, assim que chegou, evitou os demais membros da sua própria delegação, pois não lhe interessava ser visto, por aquelas figuras famosas, junto a companhias de nenhuma projeção. Com sua pretensão de sempre, ele já se colocava entre a nata da medicina e iria procurar seus iguais.

Enquanto a confraternização tinha início, Liam, por sua vez, se preparava para uma boa noite de sono, longe de todas as mazelas que poderiam lhe aguardar quando, inesperadamente, um mensageiro do hotel lhe bateu a porta:

- Dr. Penley?

- Sim - respondeu Liam.

- Mensagem para o senhor, proveniente da suíte principal.

Com grande arrebatamento, Liam leu o bilhete, que dizia o seguinte:

“Caro Dr. Penley, por meio de inúmeras informações, emitidas por colegas de renome, soubemos do vosso valoroso trabalho, realizado com crianças, na instituição denominada Sainte Madeleine Children Hospital e dos ótimos resultados conseguidos na cura de diversas patologias infantis, utilizando-se de uma metodologia toda própria. Solicitamos a honra de vossa presença em nossa mesa, na recepção de abertura, a fim de que sejam efetuadas as nossas devidas apresentações e para que também discutamos algo, a respeito de vossas realizações, na referida entidade. Assinado: Dr. Méchain, Hubert - Presidente do Comitê Científico da Academia Internacional das Ciências Médicas”.

Liam não podia acreditar no que tinha lido. A princípio, desconfiou do bilhete, pois supunha ser ele originário de alguma possível maldade, realizada por Murray mas, nesse entremeio, reconheceu o papel timbrado da Sociedade Médica Internacional. Era inacreditável, mas o comitê científico internacional ficara a par de suas atividades junto ao Madeleine.

Foi com um certo nervosismo que Liam passou a se preparar para a solenidade que, a essa altura, já devia ter começado. Na faculdade, nunca ouvira elogios por parte de ninguém do corpo docente, a não ser por comentários isolados da parte de Victor que, constantemente, procurava noticiar e ovacionar as suas realizações. Desde a desaparição do amigo, nunca mais alguém comentara nada sobre seus feitos; a mensagem, oriunda de um nível hierárquico tão alto, o havia verdadeiramente desconcertado e uma justificada ansiedade o envolveu, a ponto de gerar tremores que lhe atrapalharam o ato de vestir os trajes de gala.

Naquele instante, a maioria dos convidados já estava no evento. A comitiva de Bornester já marcava sua presença há aproximadamente uma hora. Conversações animadas soavam por todos os cantos. A vanguarda da medicina mundial, com seus cientistas incansáveis, ali estavam reunidos e, nos próximos dias, proporiam novos tratamentos e condutas.

Como planejado, Murray, assim que lá chegou, se distanciou de sua delegação indo conversar, imbuído de seus propósitos escusos, com a diretoria do comitê médico internacional. Em seguida aos cumprimentos, notou que toda a conversação, daquela roda de doutores, girava em torno de um só indivíduo. Tratava-se da mesma pessoa, com a qual Liam se detivera anteriormente. De maneira semelhante, sentiu uma certa familiaridade consigo, além de também perceber, a intensa energia que dela se irradiava. Igualmente fascinado, Murray apressou em se informar, com um colega próximo. Dirigindo-se a um conhecido de outros congressos, que estava postado ao seu lado, indagou:

- Dr. Guilhaume, de quem se trata o elegante doutor, de barba e cavanhaque?

Dr. Guilhaume prontamente esclareceu:

- É o Dr. Hubert Méchain, nosso presidente do comitê científico internacional, que vem se destacando muitíssimo, em nosso meio, pelos seus valorosos trabalhos. Foi eleito para o cargo há apenas um ano, mas já provou seu incomensurável valor, mediante incontáveis descobertas científicas, que só foram possíveis, após uma restruturação do departamento, por ele dirigido. Além do que, é detentor de uma cultura incomparável, sabendo dialogar a respeito de qualquer assunto, mesmo que fuja aos limites da ciência médica. Por conta de suas realizações e de seu valor pessoal, possivelmente, ele será o nosso próximo presidente geral do comitê.

Elucidada a questão, Murray passou a tentar, de todas as maneiras, uma aproximação do Dr. Méchain, a fim de se fazer apresentar. Era interessante para os seus objetivos, conhecer um colega de tanta representatividade e com um futuro tão brilhante. Por outro lado, se sentiu constrangido em se abeirar do personagem. Aquela pessoa de postura nobiliárquica, com um magnetismo potencializado e um domínio tão grande da situação, intimidava-o. Mas, vencendo essa barreira, Murray foi ao seu encontro.

Finalmente, depois de várias tentativas, conseguiu se acercar e, na primeira oportunidade, interpelou-o:

- Dr. Méchain? – falou reverentemente.

Nesse momento, Dr. Méchain deteve sua atenção e, sem responder, mudando sua expressão alegre para uma de inabitual seriedade, aguardou que Murray continuasse:

- Me conceda o prazer de vos conhecer. Me chamo Stanley Murray e sou o reitor da Faculdade de Ciências Médicas de Bornester; sou também o conferencista que apresentará o artigo sobre as novas rotinas de manuseio do paciente infectado. Tive a oportunidade de ler alguns dos vossos trabalhos e gostaria de cumprimentar-vos pelos mesmos e pela excelente contribuição que vieram trazer.

Todo o aglomerado que, naquela hora, estava composto por uns quinze médicos, parou, e se deteve na conversação dos dois. Méchain respondeu polidamente, porém, de uma forma seca:

- É um prazer em vos conhecer Dr. Murray. Ouvi falar a respeito do vosso artigo, por intermédio de alguns colegas. Mas, a propósito, que trabalho meu, em particular, vos agradou mais?

Murray percebeu que os componentes do grupo aguardavam uma resposta sua. Uma tonalidade rubra lhe cobriu a face e ele se viu, de repente, em uma tremenda enrascada. Quis bajular o presidente com uma asserção inverossímil, mas não poderia imaginar que o mesmo lhe interrogaria a respeito. Como demorou um pouco para responder, um visível mal-estar começou a imperar entre os circunstantes. Percebendo a vexatória situação, o reitor tratou logo de se manifestar:

- Caro Dr. Méchain, foram tantas as pesquisas vossas que me impressionaram, que seria difícil escolher apenas uma e mesmo cansativo enumerá-las aqui, em uma ocasião tão informal!

A resposta dada não convenceu nem um pouco os doutores, que perceberam a sua verdadeira intenção. Após a réplica, Dr. Méchain apenas se virou para os outros colegas e reiniciou a conversação anterior, que fora interrompida pela desagradável interferência de Murray, ignorando-o, completamente, a partir daquele instante.

Murray, a despeito da situação constrangedora que criara, continuou junto ao grupo, mesmo sem que nenhum dos circunstantes lhe desse mais a mínima atenção. Decorridos uns quinze minutos, outro fato iria acabar de vez com seu humor.

Indignado, viu Liam adentrar o salão e ele, depois de conversar com alguns colegas que, repetidamente, apontaram para a roda da qual estava tentando participar, encaminhou-se para sua direção. Que atrevimento - pensou Murray - depois de todas as ofensas, aproveitar-se da minha ascendência para se fazer conhecer pela comissão internacional - mas, para sua continuada decepção, Liam passou por ele, sem se deter e sem mesmo lhe dirigir o olhar, indo ter diretamente com o Dr. Méchain:

- Dr. Méchain, sou o Dr. Liam Penley!

O grupo fez novamente uma pausa e se deteve naquele diálogo. Ao contrário da fria recepção feita a Murray, Méchain respondeu de maneira atenciosa e, antes que Liam pudesse continuar, falou:

- Prazer em conhecê-lo, Dr. Penley! – e, virando-se para os demais - tenho a satisfação de apresentar, a todo o comitê internacional, aqui reunido, o Dr. Liam Penley, diretor do Sainte Madeleine Children Hospital e pioneiro nos novos métodos de tratamento de crianças, por meio dos processos revolucionários, aos quais tenho me referido constantemente. Inclusive, senhores, ele é o responsável pela descoberta de uma forma inédita de se tratarem acidentes ofídicos; o sucesso na terapêutica do único caso de sobrevivência de uma criança, vitimada pela picada da mortal serpente das montanhas britânicas, de que se tem notícia, deve-se exclusivamente a ele. Todos aqui ficariam gratos sobre esclarecimentos a respeito desse feito mas, por enquanto, satisfazei-nos apenas com vossa companhia, nessa ocasião festiva.

Liam ficou muito surpreso com a declaração do presidente. Então já houvera tempo de a sociedade ter tomado conhecimento da sua pesquisa. Positivamente impressionado, se dirigiu novamente ao Dr. Méchain:

- Fico embevecido, com os elogios que a mim foram dirigidos, Dr. Méchain. Mas essa pesquisa só teve início por sugestão de um amigo médico, que não está mais entre nós, o Dr. Victor Olcott e, só pude efetivá-la, baseando-me nas descobertas cruciais do colega brasileiro Vital Brasil.

- Caro Dr. Penley, deixai de lado um pouco a modéstia, a realização da bem sucedida experiência coube somente a vós e, tenho certeza de que os doutores Vital Brasil e Victor Olcott, onde estiverem, ficarão orgulhosos de verem o colega corroborando com suas pesquisas e tornando realidade as suas idéias. A descoberta exigiu, pelo que eu saiba, uma tremenda ousadia da vossa parte. Essa atitude de coragem é própria dos grandes homens que, por meio de suas notáveis realizações, impulsionam o desenvolvimento contínuo das ciências hipocráticas.

Com essas veementes palavras, os médicos circundantes, que se tratavam das figuras mais destacadas da época, passaram a olhar Liam com uma admiração sincera e a tê-lo como um colega talentoso e empreendedor.

Depois da elogiosa introdução, o grupo se dirigiu animadamente a Liam e ele pôde, finalmente, conversar abertamente sobre os experimentos e os inovadores métodos, que empreendera, com seus pequenos, no Madeleine. Ele cada vez se sentia mais à vontade, junto aos doutores do círculo, que lhe indagavam, principalmente, sobre a sua descoberta, no tratamento dos acidentes ofídicos. Todos ali faziam parte da diretoria da Sociedade Internacional de Ciências Médicas e, ao contrário do que se poderia supor, eram despidos de qualquer pompa pretensiosa, mostrando-se comunicativos e atenciosos. Se identificou, predominantemente, com Méchain, pois a sua figura imponente transparecia uma honestidade e espontaneidade naturais, recheados com uma elegância nos gestos e no portar, que cativava a todos. Mas, o verdadeiro motivo dessa empatia, Liam não sabia explicar, por mais que tentasse; a incompreensível sensação de familiaridade ainda persistia; era como se já o tivesse conhecido mas, no momento, não podia relacioná-lo com ninguém a quem houvesse sido apresentado, em outros tempos.

Murray, por seu lado, não podia acreditar no pesadelo que estava vivenciando. Aquilo havia sido demais para ele; a princípio, todos os seus planos fracassaram. Seus temores haviam se materializado: a sociedade tomara conhecimento das pesquisas inovadoras de Liam e Victor e agora lhe davam o valor devido. Desgostoso como nunca e planejando a demissão do médico de crianças, assim que voltasse para a sua cidade, ele se retirou irado para o quarto, sem nem mesmo dirigir uma palavra aos colegas de Bornester, que se encontravam reunidos à parte. Mas, felizmente, pensava Murray, ainda restava a sua exposição, que deveria, então, elevar o seu moral, junto aos conferencistas. O artigo tão bem elaborado, poderia lhe render os dividendos que ali, naquele momento, ele não pôde colher.

Capítulo X

No primeiro dia do congresso, todos se reuniram em um amplo auditório, equipado com numerosas cadeiras aveludadas, que apontavam na direção de uma grande mesa central, elevada em um tipo de palco, situado num nível superior, em relação às primeiras filas de assentos.

Murray e os membros de sua comissão, com exceção de Liam, chegaram bem cedo e se acomodaram nos lugares frontais, próximos de onde os expositores se fariam ouvir. Liam se fez presente um pouco mais tarde e se sentou no fundo do recinto.

A palestra de abertura da conferência seria proferida pelo atual presidente geral da Sociedade Médica Internacional, Dr. Willian Manney. O discurso seguinte seria realizado pelo Dr. Méchain, quando o emérito doutor abordaria diversas facetas de inéditos tratamentos de patologias diversas.

Dr. Manney deu as boas vindas aos colegas participantes e, de uma maneira informal, estabeleceu um primeiro contato com os circunstantes, citando a importância do simpósio e os bons frutos que ali poderiam ser colhidos, em prol do avanço da moderna medicina. Ao final de sua preleção, referiu-se a Méchain, que se encontrava ao seu lado, destinando-lhe inúmeros elogios e, ao mesmo tempo, agradecendo-lhe pelos inavaliáveis serviços junto à sociedade. As suas declarações, geraram um visível apoio da platéia, que se manifestou com uma estrondosa salva de palmas. Aproveitando o momento propício, encerrou aquela etapa com as seguintes palavras:

- Caros colegas e amigos, todos sabem que o mandato dessa atual diretoria está terminando. É chegada a hora de se escolher um substituto para o meu posto, que tenho ocupado durante os últimos cinco anos. Com grande satisfação, de minha parte, tenho o prazer e a honra de indicar o competente colega e amigo Dr. Hubert Méchain, como meu sucessor, para o cargo de presidente geral, função essa, que assumirá durante o próximo quinqüênio. Com o devido respeito a toda e qualquer objeção, lhe atribuo também, como tradicionalmente se tem feito, a tarefa de escolher o restante do novo quadro diretor, como bem lhe aprouver.

Nova salva de palmas foi ouvida, só que com uma duração maior, denotando, indiscutivelmente, a aprovação, por parte da maioria dos doutores, que já conheciam, de alguma forma, a expressiva figura do Dr. Méchain e o seu relevante trabalho.

Um silêncio absoluto se seguiu, foi quando o Dr. Méchain se levantou para fazer os seus comentários. Demonstrando uma habilidade incrível no uso das palavras, ele prendeu a atenção de todos, até o último instante. Fazia citações em inglês e francês com igual facilidade, exibindo um extraordinário domínio desses idiomas. Os assuntos médicos citados eram vistos por um prisma todo novo e impressionavam pelas originais propostas de terapêutica; coisas simples, mas nunca antes pensadas. Em determinado momento, lá o vemos mencionando Hanemman, respeitosamente e, logo depois, comentando aspectos sibilinos das abordagens curativas dos antigos, que ficaram esquecidas com o tempo. Era realmente incalculável o seu saber e os médicos, que o conheciam mais intimamente, o tinham mais como um mestre do que como um igual. Mesmo com a extrema profundidade dos temas abordados, o que deixou a todos boquiabertos foi a capacidade poliglota do interlocutor. A certa altura de sua exposição, um médico grego quis esclarecer uma dúvida e, com um inglês deveras primário, teve dificuldades em formular a questão; após se fazer compreendido, o doutor teve sua pergunta respondida em seu mais puro idioma pátrio. Isto se repetiu duas outras vezes, com colegas de outros países. Parecia não haver limites para o conhecimento daquela célebre figura.

O sucesso do discurso de Méchain foi estrondoso, não só por sua total competência dissertativa mas, também, pelo conteúdo, que se mostrou de altíssima relevância científica. Ao final, foi difícil conter os comentários paralelos que tomaram conta do auditório.

Murray, a seu turno, ficou estarrecido com a capacidade intelectiva do orador. O sucesso alheio sempre lhe causava um certo mal-estar. Mas, de qualquer modo, Méchain estava longe do alcance de sua malevolência, e lhe restava somente a opção de concordar com o restante da platéia.

As três apresentações do grupo de Bornester seriam realizadas em seqüência, no quarto dia do congresso, sendo que Murray falaria primeiro e Liam finalizaria.

Nos dias que antecederam a sua exposição, Liam foi convidado inúmeras vezes, a participar dos eventos científicos, do simpósio em andamento, por meio da composição das mesas organizadoras dos membros da sociedade. Ele, por seu lado, estava completamente embasbacado com tamanha deferência. À noite, com a programação do dia já encerrada, fazia parte, habitualmente, da confraternização da cúpula dos membros diretores e, nessas reuniões, se sentia particularmente à vontade nos diálogos que engendrava com o mais novo amigo, Méchain. Essa adorável pessoa possuía uma personalidade ímpar que, ao mesmo tempo em que expressava um invejável saber, envolvia-se com uma simplicidade, que despia totalmente as suas falas da esperada arrogância, dos colegas médicos que galgavam algum lugar alto na hierarquia profissional. A atenção verdadeira que Méchain dedicava a Liam estava rendendo dividendos fraternais que haviam sido esquecidos pelo seu coração, desde o desaparecimento de Victor.

Liam estava vivendo um idílico sonho que só era interrompido quando se lembrava da querida esposa e dos filhos, que deixara em sua cidade. Desejava muito compartilhar sua felicidade atual com os seus familiares; ansiava por contar as novas a Laura. Num desses congraçamentos da sociedade, Méchain se dirigiu à Liam em particular:

- Caro colega ! Liam, se assim me permites. Deves saber da minha nomeação para o cargo de presidente e da posse, que terá lugar aqui mesmo, por ocasião do término do congresso. Recebi carta branca do Dr. Manney para organizar o novo grupo gestor a meu inteiro gosto e, nesse ínterim, notei a ausência de um vulto para ocupar a diretoria da área científica de medicina infantil. Gostaria imensamente que ocupasses o cargo, e trouxesses novo ânimo para o departamento que, há algum período, se vê estacionado em suas realizações.

Liam ficou temporariamente emudecido e, contendo as emoções, respondeu:

- Dr. Méchain, me sinto honradíssimo com o convite, mas tenho dúvidas se estarei à altura do posto. Não sei nada a respeito do funcionamento interno do órgão e teria imensas dificuldades em me preparar para essa importante função.

- Detalhes meu caro Liam, detalhes. Estou aqui justamente para colocar-te a par de tudo. As dificuldades que poderiam aviltar o intento seriam a falta de ânimo e de talento, e isso possuis de sobra. És também diretor de uma grande instituição de assistência infantil, o Sainte Madeleine; a experiência adquirida com essa administração é suficiente para a execução do trabalho que está por vir. Além disso, almejo transformar o Sainte Madeleine num ponto de referência internacional, em termos de medicina infantil. Mas agora, que fazemos parte do mesmo grupo de labor, deixemos as formalidades de lado e passe a tratar-me apenas pelo nome, entendido Liam?

Os olhos de Liam brilharam com as afirmações de Méchain; muitos planos surgiram em sua mente, naquele décimo de segundo. A inclusão do seu querido hospital nas metas do presidente avivaram sua capacidade criativa. O poder da fala do colega, com seu aspecto tão espontâneo e persuasivo, fez com que restasse a Liam somente a concordância.

- Sendo assim, Dr. Méchain, ou melhor, Méchain, eu farei o possível para me tornar digno da função - retrucou Liam, finalizando a discussão.

Os dois se abraçaram selando uma amizade que prometia muito, em um futuro ainda longo para os dois.

Liam não podia se conter de tanta felicidade; ansiava muito encontrar sua querida Laura, a fim de lhe contar as boas novas. Queria ele acalmar a esposa que, a essa hora, devia estar aflita, a pensar nas suas possíveis dificuldades de relacionamento com o pessoal da faculdade. O final do congresso se aproximava, e se daria um dia, em seguida a apresentação dos trabalhos do grupo de Bornester e, só depois, ele poderia voltar para casa, com os louros conseguidos no evento.

Enquanto isso, Murray se esforçava para entender o que se passava com Liam. Não podia aceitar a ascensão de um subalterno seu, a um nível de projeção tão alto, a ponto de vê-lo integrando as mesas diretoras, juntamente com vultos respeitadíssimos da medicina. Nunca, em sua vida, sentira tamanha depressão. Suas inúmeras faltas anteriores agora lhe pesavam uma tonelada sobre a mente oprimida. Ele, que sempre costumava sair vitorioso dos seus intentos maldosos e que conseguia, todas às vezes, tirar o maior proveito possível das mais diversas situações, via o seu último plano, e mais importante, ruir sob suas vistas. Até os colegas do seu próprio meio, que com ele vieram para também participar do evento, pareciam lhe dirigir olhares de desconfiança pois, como eles, o reitor estava isolado do convívio com os doutores de maior importância. Mesmo assim, ainda lhe restava energia, oriunda de sua grande ambição, que continuava a impulsioná-lo adiante, fazendo com que se mantivesse firme no seu propósito de sucesso pessoal, depois de sua provável gloriosa apresentação.

Chegou, finalmente, o dia das exposições dos professores de Bornester. Murray, tomando a frente, se colocou no centro da mesa e, passando a organizar o posicionamento dos outros conferencistas, instalou Liam numa situação bem desfavorável, em um local lateral do móvel, de onde era mais difícil se dirigir à platéia. Continuando, procedeu às devidas introduções e deu início a sua preleção. A audiência parecia sorver atenta o seu discurso e a cada tópico novo e a cada observação, comentários paralelos, oriundos do auditório, o faziam interromper, periodicamente, a palestra. Ele possuía o dom da oratória e isso, combinado com a excelente qualidade do trabalho de Victor, fazia com que cativasse verdadeiramente os presentes. Terminada a sua fala, uma ruidosa ovação foi efetuada pelos ouvintes e isto repercutiu internamente em si, fazendo com que passasse a ostentar, como antes, a costumeira postura pretensiosa.

Logo em seguida, foi aberto ao público, o tempo de quinze minutos, para que as dúvidas, em relação ao tema, fossem dirimidas, mediante perguntas, dirigidas ao orador. O primeiro a se levantar e a fazer uma questão, foi ninguém menos do que Méchain.

- Dr. Murray, pude avaliar bem a extensão de todo o vosso trabalho e, concordo, em parte, com as conclusões a que chegastes. Elas alcançaram um resultado que, dedutivamente, propõe distinções na abordagem terapêutica do homem e da mulher. Analisando, com cuidado, os pacientes, nos quais foi realizado o tratamento proposto, notamos uma predominância absoluta do sexo feminino. Estatisticamente, estariam inválidas as vossas inferências, em relação a essa peculiaridade, por falta de material humano do grupo masculino. Pergunto: como chegastes a tais ilações sem examinar pacientes do sexo masculino, em um número matematicamente relevante, pois, enquanto tomaram parte na pesquisa quatrocentas e vinte uma mulheres, apenas seis homens o fizeram?

Méchain foi perspicaz e certeiro em sua indagação. Atingiu um ponto no qual Murray nunca pensara. Victor Olcott havia realizado o seu estudo, outrora, em um hospital misto, no qual foram examinados tanto homens como mulheres, ao contrário do seu, que fora executado numa instituição de freiras, de internação seletivamente feminina. Nunca alguém notara essa incongruência. Novamente, se viu em um beco, onde a única solução seria enfrentar a fera que bloqueava a sua saída, nesse caso, representada por Méchain. Pensou um pouco e, com um certo titubeio, respondeu:

- A coleta de dados da investigação em questão, foi realizada, como os senhores puderam ver, no Virgin Mary Hospital, uma entidade de freiras que só tratava, praticamente, de pacientes do sexo feminino, restringindo, um pouco, o alcance do mesmo, em relação ao grupo oposto.

Murray fez uma pequena pausa e, não podendo mais continuar o seu raciocínio:

- Realmente existe uma disparidade entre a conclusão e o material humano utilizado. Creio que deverei rever o que me levou a tais resultados, sem a amostragem necessária.

Intenso burburinho se fez ouvir. A triunfante apresentação, pretendida por Murray, estava arruinada por uma falha técnica durante o plágio. Pesaroso, por não poder se destacar, usando o seu último trunfo, ele ainda tentou erguer a cabeça, pois presidia a mesa e deveria orientá-la, fazendo com que os outros membros prosseguissem com seus temas. O que não imaginava era o que se sucederia.

Seguindo-se a ele, Pertz e Tosh fizeram a sua exposição que, para o desespero da platéia, foi enfadonha ao extremo, demonstrando dados sem importância e estatísticas que não levavam a qualquer resultado prático. Os dois médicos trapalhões procederam a um verdadeiro fiasco. O fraco conteúdo científico, adicionado a uma incapacidade discursiva e a uma confusão na organização do material pesquisado, realmente transformaram aquela etapa numa vergonha para o grupo. Murray fazia caras e trejeitos na mesa, com a intenção de mostrar, a todos, a sua pessoal desaprovação. Isso aumentou, mais ainda, o constrangimento pelo qual os dois oradores passaram. Ao final, não houve uma dúvida sequer, devido a total futilidade do assunto.

A tediosa palestra gerou uma quase inaudível salva de palmas. Dura era a tarefa de Liam que agora teria de discursar, em meio a um público descontente. Levantando-se e assumindo um olhar altivo, começou a falar.

A cada palavra, Liam conquistava a atenção e o respeito dos médicos ouvintes. Mas, ao contrário do tema que ele se propusera a expor, diante de Tosh, Pertz, e Murray, ele expunha um, referente ao seu trabalho, executado no Madeleine. O artigo era simplesmente aquele sobre a descoberta do antídoto para os acidentes ofídicos. Os maiores temores de Murray haviam se tornado realidade; sabia da qualidade e da importância da pesquisa, e se desesperava com isso. Olhares de raiva intensa eram projetados pelo reitor; que traição, digna de uma punição severa, era perpetrada pelo ousado colega, naquele instante - pensava ele.

Raciocínio diferente, tinham os doutores no auditório, que sorviam, ao máximo, o conhecimento emanado por Liam, armazenado no decurso de incontáveis anos de experiência e de convívio diário com os pequenos enfermos. Comentou a sua audácia em administrar o antídoto e relatou, com minúcias técnicas, a evolução do caso. Além da investigação sobre ofídicos, pôde revelar, com segurança, todos os progressos realizados, em razão da sua maneira toda peculiar de tratar os seus petizes, sem as formalidades restringentes dos velhos métodos. Além disso, enfocou vários aspectos diferentes de se abordarem as mais diversas patologias e de conduzir a terapêutica com métodos todos próprios. Os espectadores, mais uma vez, se viram cativados pela batuta de um mestre no assunto e Méchain, que ainda se encontrava presente, teve a certeza de ter escolhido a pessoa certa para o cargo.

Ao acabar, Liam foi veementemente ovacionado e pôde adquirir confiança, tendo ali o seu valor reconhecido. Nesse momento, foi aberta a palavra, aos circunstantes, para que manifestassem a sua opinião ou para que esclarecessem alguma dúvida, sobre o tema. Méchain se levantou e, por meio de crítica ímpar, exaltou o bom trabalho do médico de crianças, citando todos os créditos do mesmo. Os outros doutores ouviram, respeitosos, os comentários de seu futuro presidente e, depois dos seus dizeres, passaram, empolgadamente, a se dirigir a Liam, valorizando, sobremaneira, sua conferência. O que mais completou o pesar de Murray foi que, depois de todos os elogios, ele foi relegado a um segundo plano, cabendo o sucesso exclusivo, ao inimigo.

Murray ficou furioso e, ao mesmo tempo, decepcionado, por ter perdido a sua última chance de auto promoção. Num suspiro de vingança, atribuiu, também, a sua derrota, à má apresentação de Pertz e Tosh, saindo da mesa apressadamente, ansioso por se ver livre dos que tanto o prejudicaram. Na metade do caminho, lembrou-se de Liam e de seu ato traiçoeiro. Voltou então ao auditório, a fim de tomar as medidas cabíveis no caso que, na sua visão, seria a demissão sumária do desafeto. Ao se aproximar, antes que pudesse falar alguma coisa, Liam se antecipou:

- Dr. Murray, sei que não cumpri com a minha palavra ao relatar um artigo realizado no Madeleine, mas o fiz com a consciência limpa e sem pesares. O mal que todo corpo docente da nossa escola tem suportado, há épocas, desde a sua participação ativa como membro diretor, é imensurável. Sua atitude reacionária e avessa a todo tipo de idéia, que não faça parte de seu pequeno mundo interior, atrasou, por anos, o desenvolvimento da entidade como instituição médica e humana. Rezo para que dias melhores surjam e, também, para que os tempos, nos quais as pessoas de boa vontade e de boa índole a comandavam, retornem. Também sei do seu gesto monstruoso, na ocasião da disputa da direção científica do nosso estabelecimento de ensino; não pense que o tempo apagou da minha mente o seu ato criminoso do furto do trabalho, ao qual Victor se dedicou, com afinco, longos dois anos. Somente eu conhecia meu amigo tão bem e sabia de sua imaculada honestidade. Por isso lhe entrego aliviado, em mãos, o meu pedido de demissão.

Paralisado pelo discurso incisivo, Murray não conseguiu balbuciar uma palavra sequer. Mal Liam lhe entregou o pedido e, antes que pudesse se manifestar, Méchain se aproximou e levou seu companheiro para um papo alegre, entre os membros da direção da sociedade, que formavam um descontraído grupo, dez metros adiante.

Não restou ao reitor qualquer opção, a não ser retirar-se do ambiente e ir sozinho, com semblante oscilando entre a fúria e a vergonha, para o seu apartamento.

Entre os muitos defeitos de Murray, contava-se a capacidade de transformar as derrotas próprias, em motivos para vinganças posteriores. Desse modo, o desmascaramento que Liam lhe infligiu, expondo-lhe toda a perversa personalidade, alimentou em si um ódio mortal, e tudo ele faria para prejudicar, no que pudesse, o seu mais forte inimigo.

No dia seguinte, dedicado ao encerramento do congresso e à posse da nova diretoria, Dr. Manney se encarregou de proferir a palestra final mas, antes, pronunciou o nome do Dr. Méchain como novo presidente geral da sociedade e lhe passou a palavra, para que se manifestasse, e relatasse os seus planos futuros. Méchain, com um discurso fenomenal, expôs novas e ousadas metas a serem cumpridas, durante o seu mandato, emocionando a todos. E, ao término, pronunciou o nome dos integrantes das diversas diretorias. Ao mencionar o nome de Liam Penley, para o cargo de diretor científico do departamento de medicina infantil, os membros de Bornester, que ali estavam, não puderam se conter e, em um ato descabidamente despolido, se retiraram do local, ‘in continenti’. O procedimento repercutiu mal entre os circunstantes, visto que exteriorizou o pensamento de inveja e de ciúme daquelas levianas pessoas.

Méchain foi aplaudido, gerando expressões de apoio e de incentivo por todos os lados. O evento teve então o seu epílogo, com uma sensação de satisfação geral.

Uma reunião foi marcada para aquele mesmo dia, a fim de que assuntos importantes, correlacionados com a programação a ser cumprida, fossem discutidos pelo novo corpo diretor. Liam teve, portanto, que adiar o seu retorno ao lar.

À tarde, Méchain recebeu uma curiosa mensagem, em seu quarto, com o seguinte conteúdo:

“Prezado Dr. Méchain. Viemos, por meio desta, solicitar-lhe uma audiência com o fim de lhe informar sobre fatos importantíssimos e, cremos nós, desconhecidos pelo senhor, a respeito do seu novo diretor científico do departamento de medicina infantil, Dr. Liam Penley. Atenciosamente. Assinado: Corpo Docente da Faculdade de Bornester”

Méchain, imediatamente, retornou o recado, dizendo que estaria disponível em uma hora.

Decorrido esse período, Murray, Pertz e Tosh foram anunciados no seu apartamento. Polidamente, ele os recebeu e os acomodou em uma sala a parte, componente da sua suíte. Logo depois de instalados, Murray tomou a palavra:

- Ilustre Dr. Méchain, estamos aqui, em defesa de uma faculdade centenária que teve o seu nome maculado pela ação de um pérfido membro, nesse eminente congresso. O pré-requisito, exigido para que Dr. Penley aqui se apresentasse, era que expusesse um trabalho feito na nossa amada escola médica e não numa instituição clandestina, denominada Sainte Madeleine. Ele usou de extrema má fé, ao se aproveitar da chance que lhe foi concedida, para se autopromover, mediante a exaltação da entidade, da qual é diretor. Depois dessa ação indigna, ele foi sumariamente exonerado dos nossos quadros e, creio, que uma figura tão desonesta, também não poderia pertencer, de maneira alguma, ao quadro de dirigentes da máxima representante dos conselhos médicos, a sociedade internacional.

Méchain ouviu todo o maldizente discurso sem proferir uma palavra. Aproveitando a pausa feita, disse:

- Senhores, vocês deveriam ter vergonha ou ao menos dignidade! Gastar meu tempo com mexericos e mesquinharias provincianas! Saibam que fui eu quem estimulou Dr. Penley a escolher o trabalho do Sainte Madeleine, ao invés do realizado na faculdade de Bornester. O primeiro é muito mais valoroso e livre dos grilhões retrógrados e neófobos, que vêm impedindo o surgimento de algo notável em vossa instituição de ensino. Tanto assim, que os outros dois temas apresentados tinham um conteúdo medíocre e ultrapassado.

Ao ouvir esta última frase, Murray não pôde se conter:

- Como ousa o senhor referir-se, assim, ao meu artigo? Saiba que ele tem tido repercussão em todas as rodas médicas.

- Dr. Murray, o senhor poderia se manter um pouco mais atualizado sobre os novos avanços da nossa ciência; além do erro estatisticamente grosseiro e inexplicável, sua pesquisa já foi sobrepujada por descobertas mais recentes. Lembro-me de tê-la lido, há uns oito anos, e, até o momento, ela continua inalterada. Por isso, perguntei-lhe se havia lido alguma publicação minha; existem algumas delas que tratam do mesmo assunto da sua e que acrescentaram um turbilhão de novos conhecimentos a essas antigas constatações. Por favor, nesse exato momento, tenho que me preparar para um encontro, com os membros da minha diretoria, e não me resta mais tempo para continuar essa fútil discussão.

Murray quis retrucar, mas percebeu que Méchain se dirigia para a porta de saída. Resignado, se retirou, apressadamente, com semblante contrariado.

Para Murray nada mais restava; além de ter o seu maior adversário, Liam, elevado a um alto posto da hierarquia profissional, conseguira se tornar antipático ao ocupante do mais importante cargo da medicina mundial, Dr. Hubert Méchain.

Capítulo XI

A reunião, do grupo diretor de Méchain, deveria discutir meios de serem viabilizados os planos para o próximo período administrativo da Sociedade e teria lugar no mesmo hotel no qual estava hospedado.

Somente Méchain se encontrava presente quando Liam chegou. Aproveitando a oportunidade, por se encontrarem a sós, Méchain falou:

- Meu estimado Dr. Penley, há pouco, fui procurado por doutores do grupo docente da tua cidade, que vieram à mim, no intuito de emitir opiniões caluniosas a teu respeito.

Liam, enrubescido, principiou um comentário emocionado:

- Essa corja! Isso é um assunto de longa data ...

Nesse ponto, foi interrompido por Méchain.

- Não te preocupes em explicar o que já está claro. Percebi a intenção maldosa dos teus mordazes colegas e tratei de colocá-los em seus devidos lugares. Hoje, no final da tarde, estarei me despedindo desse local, encaminhando-me para a vivenda a qual habito, que dista não mais que umas dez milhas daqui. Era justamente sobre isso, que eu queria te falar: sei, mesmo sem me afirmares previamente, que, desde o início, quando te apresentaste a mim, sentiste uma inexplicável familiaridade com a minha pessoa; afirmo-te não ser esse sentimento, desprovido de fundamento. Queria ter o prazer da tua companhia em um jantar, amanhã, para que pudesse esclarecer alguns fatos pertinentes, que aqui não seria possível, em razão da falta de privacidade. Eis o meu cartão, com o respectivo endereço, onde estarei esperando-te amanhã, às dezenove horas.

- Comparecerei na hora marcada. - respondeu Liam, que também ansiava esclarecer o mistério que envolvia o personagem tão ilustre e que se tornara um grande amigo.

Mal acabou de lhe entregar o cartão, dois médicos adentraram o recinto, pondo um ponto final no diálogo.

Tudo transcorreu em um clima de intensa animação. Os doutores que chefiariam a sociedade, nos próximos cinco anos, rondavam a meia idade, extravasavam disposição e se empenhavam, ao máximo, em corresponder às expectativas de Méchain.

Liam estava um pouco amuado, no início, chateado com as maledicências de Murray mas, com o decorrer do descontraído encontro, ele foi mudando os ares e transformando o seu humor. Ele percebia naquele grupo uma união que nunca vira no meio médico de Bornester e isso lhe amainava qualquer possível receio, em relação à sua futura missão.

Todos os componentes expunham livremente suas idéias, referentes aos objetivos de cada departamento. Ao chegar a sua vez, Liam manifestou todos os pontos concernentes à sua parte do trabalho. Foi com extrema simpatia que todos os colegas concordaram com o seu projeto de metas, não deixando de incluir algumas sugestões a ele. Méchain viu Liam, que fora por ele indicado ao cargo, ser aceito, definitivamente, pelo restante da roda de doutores.

Em determinado momento, Méchain indagou a Liam sobre os planos de transformação do seu Sainte Madeleine, num centro médico de referência, para a medicina infantil. Liam entusiasmado, explicou todas as deficiências que deveriam ser sanadas para que se conseguisse o intento e exteriorizou sua vontade de acrescentar uma nova parte a ele, transformando-o num hospital escola.

Ficou decidido que cada membro teria que comparecer, todos os meses, em Paris, onde se situava a sede central da sociedade, para as futuras reuniões, que se realizariam nesses intervalos; as despesas de transporte e acomodações seriam custeadas pela instituição, não acarretando qualquer ônus aos participantes.

Findo o encontro, Liam se retirou contente para o seu quarto. Ansiava, pelo encontro com Méchain, onde poderia eliminar os intrigantes mistérios sobre a sua pessoa e também desmentir as difamações produzidas por Murray e seus comparsas. Isso lhe custou, voluntariamente, mais um dia de permanência na Cidade Luz.

Às dezoito horas, pontualmente, Liam se dirigiu ao encontro de Méchain. A condução caminhava com ligeireza e, ao se distanciar do centro do conglomerado urbano, paisagem belíssima, enaltecida pelo crepúsculo, despontou-se, ante a sua vista encantada. Seu transporte havia saído da via principal e agora ziguezagueava por caminhos tortuosos que, aos poucos, se transformaram em uma estreita via, cercada por enormes pinheiros que se agrupavam em densas concentrações, em ambos os lados. Ao final de uma jornada de cinqüenta minutos, aproximadamente, a morada de Méchain foi avistada. Boquiaberto, percebeu não se tratar de uma simples residência, mas de um palácio, em estilo renascentista, de dimensões exageradas. Somando-se à grandiosidade da construção, um belo jardim se antepunha a ela. Liam não poderia imaginar que Méchain fosse um homem tão abastado e, se sentiu, de certa maneira, constrangido com tamanha pompa.

Além da magnificência da edificação, Liam notou que algo mais transparecia de suas paredes. Foi envolvido, de alguma forma, por uma sensação incomum, como se o palácio escondesse segredos que se perderam no tempo. Logo que chegou, enquanto se detinha no exame dos detalhes da propriedade, sentiu um calafrio intenso, como se algo completamente novo o aguardasse dentro de seus limites.

Na entrada, para completar sua estranheza, um tipo inteiramente “sui generis” o recepcionou. Era um jovem senhor de seus quarenta anos, de tez escura, com feições orientais, muito semelhantes às dos que habitam a região da Índia, e que usava um ostentoso turbante bege, com detalhes em dourado e um símbolo enigmático, em sua parte frontal. Logo ao descer da condução, a excêntrica figura, com uma polidez esmerada e uma voz grave, se dirigiu a Liam:

- Sede bem vindo, Dr. Penley. Queirei me acompanhar até a biblioteca que o meu senhorio virá ao vosso encontro.

Liam o acompanhou sem dizer uma palavra. Contrastando com a imponência exuberante, que a moradia exibia exteriormente, percebeu que o seu interior carecia imensamente de móveis. Somente alguns quadros, esparsamente distribuídos, tiravam a monotonia das altas paredes dos salões. Apesar desse vazio, a vivenda transpirava história, como se fatos incontáveis, dramáticos e imemoriais ali tivessem ocorrido, sob o testemunho dos seus muros. Apenas na biblioteca pôde notar algo mais pesado, em termos de mobiliário; lá erguiam-se portentosas estantes, abarrotadas de milhares de livros técnicos e de publicações filosóficas.

Esperou uns quinze minutos e Méchain adentrou o ambiente, vindo em sua direção. Recebeu-o como a um amigo antigo e foi logo lhe dirigindo um grande abraço. Assim que se dispuseram em dois sofás laterais e que ficaram mais a vontade, iniciou um diálogo, que mudaria, para sempre, a vida futura de Liam.

- Liam, não te preocupes com os maldosos comentários dos colegas da tua faculdade, sei mais sobre eles do que possas imaginar. O porque disso logo ficarás sabendo, pois é minha obrigação esclarecer, àquele que foi e ainda é, o meu maior e mais fiel amigo, a verdadeira história de Hubert Méchain.

Um frio perturbador percorreu todo o corpo de Liam. Seria Méchain o seu desaparecido amigo Victor? Não, não poderia, aquele não se assemelhava, em nada, a este. Só o lembrava, às vezes, em alguns aspectos de sua personalidade. Liam trabalhava com uma grande quantidade de confusos pensamentos que lhe tumultuavam o discernimento pessoal. E, dessa maneira, ouvia a continuação da fala do amigo:

- Quero que tenhas a mente aberta para o que aqui irás ouvir e observar, pois isso poderá ir contra tudo o que concebes atualmente. Primeiramente, me responde o que pensas sobre a magia e o sobrenatural.

A pergunta perturbadora pegou Liam completamente despreparado; jamais pensara nada a respeito de tais temas e, muito menos, imaginara que discutiria sobre isso com o anfitrião. Mesmo com certa dificuldade para tecer algum comentário, respondeu:

- Estou um pouco desconcertado por não ter opinião sobre o assunto. Sempre que se mencionam esses temas, o fazem num sentido de galhofa, principalmente no nosso meio profissional.

- A magia, a qual eu me refiro, é a real e não a ilusionista. Pois então eu te afirmo, caro confrade, ela nada mais é que a simples manipulação de forças da natureza, ainda desconhecidas para a maioria da humanidade, com uma determinada finalidade. O sobrenatural de hoje só durará, enquanto o avanço moral e científico não tornar banal o seu entendimento. Existem certos grupos de indivíduos que progrediram muito nessa direção, conseguindo desvendar parte desses mistérios, ocultos sob o Véu de Ísis, e eu me tornei integrante de um deles. Não penses que esteja louco, em breve, as coisas se tornarão claras para ti. Para não desperdiçarmos tempo, pois a noite é curta, quero que me acompanhes, a fim de que o motivo de sua visita seja esclarecido.

Depois que Méchain terminou, Liam estava estupefato. Não sabia o que pensar ou o que dizer. Para o seu constrangimento, Méchain parecia captar-lhe todo e qualquer pensamento emitido. Ele também aparentava ter a aptidão de manipular totalmente o diálogo pois possuía uma cultura tão vasta e um dom tão profícuo da retórica, que lhe proporcionava uma força hipnótica, afetando a quem o estivesse escutando e paralisando qualquer réplica. Num gesto automático, Liam se levantou para acompanhá-lo.

Seguiu-o através de extensos corredores que, finalmente, deram de frente a uma porta secular, que se encontrava trancada. Méchain, solenemente, a abriu com uma chave retirada do próprio bolso. Atrás dela, uma escada espiral, feita de pedra, e clareada apenas por tochas, que serpenteavam suas chamas de cinco em cinco metros, os conduziu a um pavimento superior, no qual nova biblioteca fazia anteposto. Méchain parou nesse aposento e apontando para uma poltrona, que se situava em um canto do recinto, disse:

- Peço por gentileza que, outra vez, me esperes aqui. Virei ter contigo em instantes.

Falando isso, se retirou. A sala estava repleta de livros mas, diferentemente da biblioteca do andar térreo, os volumes daqui tinham um aspecto envelhecido, como se houvessem sido escritos em épocas muito remotas. Parte deles estava redigida em idiomas orientais, outros usavam letras semelhantes ao alfabeto fenício e alguns uma linguagem que empregava caracteres alfabéticos mais atípicos ainda, completamente desconhecidos para Liam. Nesse intervalo, o convidado conseguiu ler alguns títulos, transcritos no seu idioma pátrio, que tratavam de magia cerimonial e cultos orientais.

Liam, ao mesmo tempo em que estranhava aquela bizarra situação, ansiava pelas explicações prometidas por Méchain. Ia experimentando, a cada momento, sensações completamente inéditas. Um cheiro leve de essências aromáticas começou a lhe penetrar as narinas, causando-lhe um certo torpor. Vez ou outra, em meio a penumbra, tinha a impressão de vislumbrar sombras em movimento, por entre os móveis. Mesmo tomado por esse onirismo, não foi invadido por medo algum, pois depositava total confiança em seu enigmático cicerone.

Depois de uma demora de trinta minutos, ao invés do anfitrião, o indivíduo de turbante, que o recepcionou à sua chegada, veio ao seu encontro, a partir da porta por onde Méchain saíra.

- Queira, por favor, me acompanhar, Dr. Penley. O Mestre o aguarda em sua sala cerimonial.

A referência “Mestre”, feita por aquela singular figura, aguçou, ainda mais, a curiosidade de Liam. Ele o acompanhou por mais uns dois aposentos, até que, nesse último, o impassível personagem abriu uma porta e fez-lhe sinal para que seguisse sozinho, a partir dali.

Quando Liam adentrou o recinto, notou que o mesmo estava fracamente iluminado, à luz de velas. Ao centro, via-se uma grande estrela de cinco pontas, desenhada no chão, cercada por letras hebraicas. O cheiro de perfumes inebriantes, que era sentido fracamente no ambiente anterior, era agora forte e impregnante. Ao fundo, sentado atrás de uma mesa, estava acomodado Méchain que portava, ao invés de suas roupas habituais, um longo e alvo traje, ao estilo muçulmano. Aquilo tudo tendia a lhe parecer uma loucura, mas o semblante sério e cativante do anfitrião, lhe eliminava as apreensões. Com um gesto, Méchain solicitou que se aproximasse e que se sentasse em uma cadeira, situada a uns dois metros à sua frente. Com uma voz profunda e penetrante, falou uma vez mais:

- Caro Liam, o que vais assistir, poucos o fizeram. Mantenha a mente aberta e o espírito desprevenido, pois os fatos que serão aqui esclarecidos são de relevante interesse para nós dois. Sei que os acontecimentos que vivenciastes, naqueles fatídicos dias, e que culminaram com a morte do pequeno Phill e com o desaparecimento de seu amigo Victor, ainda te perturbam. Relaxa-te e olha atentamente para mim, daqui em diante, sem dirigir-me uma única palavra.

Liam estava ali, sentado, paralisado por aquelas palavras magnéticas, possuido por um misto de espanto e curiosidade. Em seguida, Méchain se apossou de alguns frascos com substâncias desconhecidas, que se encontravam em um canto da mesa, e passou a misturá-las em uma pequena bacia de madeira. Ao mesmo tempo, começou a recitar alguns versos em um idioma completamente obscuro. Durante cinco minutos, ele continuou seu ofício e, nesse período, várias fragrâncias penetrantes e narcóticas inundaram, seqüencialmente, todo o aposento.

Naquele intervalo, o interesse e o fascínio, diante da surpreendente cerimônia, sobrepujara o medo e receio. Os odores, juntamente com as palavras mantrânicas, que Méchain pronunciava, embebiam completamente o seu espírito, causando-lhe uma incomum e enlevante sensação.

Depois de muitos compostos serem acrescentados à complexa panacéia, um denso vapor amarelado começou a se emanar do recipiente e passou a envolver Méchain, principalmente na região da face. Nesse instante, algo fantástico se sucedeu: a voz de Méchain, que ainda continuava a pronunciar as frases, começou a se transmutar em uma outra, francamente familiar a Liam e, quando a nuvem áurea se dissipou, Liam quase foi acometido por um ataque apoplético. Ele viu, à sua frente, ninguém menos do que Victor, seu amado amigo. O inconcebível era que as feições de Méchain não haviam se alterado tanto, mas, sem saber explicar como, Liam podia reconhecer a verdadeira personalidade que se escondia atrás delas. Ele se levantara e recuara um pouco, assustado com o que assistia. Méchain, agora metamorfoseado em Victor Olcott, levantou-se e disse-lhe, pausadamente:

- Acalma-te companheiro. Isso pode parecer-te um completo absurdo, um pesadelo em vigília, ou algum tipo de sortilégio, mas crê que aqui tens, diante de ti, o teu velho companheiro, Victor. As circunstâncias que nos colocaram aqui, nesse futuro longínquo, eu terei o prazer de explicar-te, em pormenores.

Liam, estarrecido com os acontecimentos que testificara, exclamou:

- Mas como isso é possível ? Ainda há pouco quem estava diante de mim era Méchain e, um segundo depois, reconheço-te, Victor, encarnado no mesmo semblante, como se uma máscara mágica obscurecesse o verdadeiro personagem.

- Tudo isso nada mais é do que fruto da Magia Cerimonial, a qual me referi. Nesse tempo, em que fiquei ausente do teu convívio, contei com a ajuda de alguns amigos, iniciados nesses mistérios, e que, bondosamente, me salvaram da penúria, na qual me encontrava, nos primeiros instantes da minha fuga desesperada. Despe-te de todo preconceito, que tenha incutido em ti, caro amigo, e considera a Magia como a uma ciência; e é nada mais disso que ela é. Acabemos com essa discussão e compensemos os anos que nos separaram do convívio habitual.

Falando isso, abriu os braços, esperando a correspondência de Liam que, deixando as reticências de lado, se dirigiu a ele e lhe destinou um demorado abraço. As lágrimas escorriam pelo rosto do sofrido médico de crianças que, após recuperar-se parcialmente da pesada emoção, falou:

- Caro Victor, como me custaram esses anos em que me deixastes. Depois do teu sumiço, as coisas mudaram muito, e para pior. Como foi difícil labutar todo esse período sem uma personalidade forte e amiga, que se contrapusesse aos impulsos egoístas do nosso reitor. Como eu e Laura sentimos a tua falta. Sabes que temos dois pequeninos, a colocar a casa de pernas para o ar. Conta-me o que te sucedeu durante a tua ausência !

Victor, com um semblante feliz mas, mantendo a sobriedade constante, respondeu:

- Meu bom Liam, a aventura por que passei, a partir daquela data, despenderá algum tempo teu para ser descrita, então, prepare-te, com uma certa dose de tolerância, pois vais ouvir uma longa história.

Em seguida, expôs tudo que lhe aconteceu, desde a malfadada manhã, na qual Murray concluiu o seu plano maldoso, furtando o fruto de sua custosa pesquisa médica. Vimos a sua serenidade ser perturbada somente quando se referiu a Phill e às circunstâncias da sua morte. Nesse instante, Liam percebeu um nó na garganta do narrador, que atrapalhou, temporariamente, a fluência do seu relato. Atentíssimo, ficava progressivamente encantado com a história, particularmente com a parte em que Victor narrou os seus encontros com os Mestres e Amigos iniciados, que lhe ensinaram os segredos da Magia Branca. Liam sempre fora acostumado aos pensamentos conservadores de sua formação anglicana, mas, talvez em razão da confiança que o amigo lhe transmitia, era-lhe fácil assimilar, sem hesitação, as coisas fantásticas, das quais Victor lhe falava. E continuava:

- Esses Fratres de existências imemoriais e que ajudaram a me restabelecer do lastimável estado em que me encontrava, são detentores de uma grande responsabilidade junto à humanidade, velando por inúmeros aspectos de sua evolução e, às vezes, interferem aqui e acolá, quando isso se faz necessário. Depois da minha iniciação, viajei por várias paragens, principalmente pelas orientais, onde os Mestres da Irmandade habitam, e dirigem a sua Família, a fim de que os seus ideais nobres se concretizem. Lá também encontrei Jarish, filho de um poderoso paxá, que, por indicação da Fraternidade, se tornou meu discípulo, e foi ele quem te recepcionou. Por determinação superior, fiquei incumbido de retornar às atividades profissionais para, de alguma maneira, interferir no andamento da medicina atual, dando-lhe uma nova diretriz e fornecendo, de modo gradual, algumas informações de que essa ciência vem carecendo, há tempos, e que, por sua falta, vem sendo acometida por uma estagnação, acarretando lamentáveis reflexos na população sofrida, que vê, alguns de seus males mais graves taxados de idiopatias ou de incuráveis. O melhor método para conseguir meu intento foi participar do grupo diretor da Sociedade Médica Internacional, usando o meu devido disfarce etérico.

Liam, que ouvia tudo com atenção sempre crescente, percebeu a importância da pessoa que se encontrava diante dele, e das obrigações que tinha, não com uns poucos, mais com milhões de indivíduos. A admiração que passou a dirigir ao companheiro superou os limites antigos e, num breve relampejar de seu pensamento, quis fazer parte daquilo e se iniciar nesses mistérios que transformaram tanto Victor. Nesse segundo, captando esse desejo, o anfitrião se adiantou:

- Meu estimado, tem certeza de que já fazes parte do grande plano. Não foi por pura amizade que te escolhi para integrares o grupo diretor da sociedade. Tens uma missão essencial junto à nossa causa. Mesmo a velha amizade que nos une, está enraizada em tempos mais remotos do que possas imaginar. Volta tranqüilo para a nossa Bornester que as coisas mudarão bastante. Prometo-te uma visita, em breve, para discutirmos os planos de melhoramentos do Madeleine e para que possas rever a querida Laura e conhecer os teus pequerruchos.

A exposição se prolongou até longas horas da noite, onde puderam matar as saudades de um longo tempo. Liam mais ouvia do que falava. Os fatos que Victor lhe contava eram inacreditáveis e cobriam todas as viagens extraordinárias e encontros com Seres excelsos, realizados durante os últimos anos. Acontecimentos supranaturais eram descritos, diante da feição estarrecida de Liam, que mal podia se conter em seu entusiasmo. O período de ausência de Victor estava agora sendo compensado por esse momento de extremo deleite.

O colóquio demorou tanto, que Liam teve que pernoitar ali mesmo, naquele palácio. Na manhã seguinte, despertou como se tivesse tido um sonho fantástico e se despediu do amigo, preparando-se para a viagem de volta, com um estado de espírito totalmente renovado, ansioso por encontrar Laura e as crianças e tornar realidade os novos planos, em relação à sua nova vida.

Ao se retirar da cidade, que tão bem o acolhera e que modificou tanto o seu destino, para rumos tão dignificantes, Liam fez uma prece silenciosa, abençoando-a e aspirando revê-la em breve.

Capítulo XII

Uma tranqüilidade benfazeja foi a companheira fiel de Liam, durante a viagem de retorno. Estava bem diferente daquele que embarcara para Paris e agora mostrava-se confiante em si mesmo e em seu futuro.

O rápido período de convivência com o insubstituível amigo, lhe proporcionara uma fleuma, que não fazia parte da sua velha personalidade. Sentia-se como se estivesse salvaguardado por uma legião invisível, que lhe oferecia, altruisticamente, uma barreira protetora às maldades alheias. Percebia-se, em Liam, um pouco da segurança magnânima de Victor.

Foi com extrema satisfação que chegou em casa e pôde eliminar as saudades dos queridos entes, por meio de inúmeros abraços e beijos. O Liam alegre e extrovertido, estava de volta, em sua expressão máxima.

Na festa privada, que patrocinava com sua presença, notou que Laura, mesmo demonstrando um grande júbilo em revê-lo, transpareceu um breve sinal de apreensão no olhar. Assim que se viu a sós com a esposa, indagou:

- Querida, pareces preocupada. Tenho tanto a te contar que vais me comparar a um tagarela alucinado, assim que começar a relatar as peripécias, que vivi, nesse bendito encontro médico.

Laura, encontrando oportunidade para falar mais abertamente, respondeu, interrompendo o seu rompante de felicidade:

- Tenho más notícias, querido. Lowell esteve aqui ontem para me por a par de alguns fatos que se sucederam, durante a tua curta ausência.

Liam mudou sua fisionomia, nesse ponto, continuando a ouvir a amada:

- Meu bem, Murray e sua comitiva retornaram antes de ti do congresso de Paris. Assim que regressou, o reitor andou espalhando uma série de boatos horríveis a teu respeito. Disse ele, que traístes a faculdade em proveito próprio e que foste enxotado do corpo docente, como um Judas. E essas inverdades foram confirmadas pelos outros médicos de Bornester que também estiveram presentes à conferência. Temo por ti e pelas conseqüências que essas difamações possam gerar.

Liam ouviu o relato da esposa e soltou uma grande gargalhada. Laura ficou aflita com a reação do marido e, assim que fez um gesto de aproximação, esse a bloqueou, dizendo:

- Querida, acalma-te. Isso já era esperado por mim, como a única reação plausível de um patife desesperado como Murray. Senta-te aqui, próximo a mim, e tem paciência pois vais escutar uma longa e feliz história.

Logo pôs-se a narrar todos os acontecimentos sucedidos. A cada frase e situação exposta, via-se uma feição de interesse crescente, partindo de Laura. O relato entusiasmava, ao extremo, a companheira. Várias expressões se alternavam na sua pequena face; num instante demonstrava surpresa, noutro alegria, mas sempre deixava sobressair, da fisionomia, manifestações constantes de orgulho e de aprovação às atitudes do marido. Ao final, passou a contar o que se passara durante o encontro com Méchain, em sua residência:

- Querida, eu que esperava encontrar uma vivenda típica dos médicos bem sucedidos, deparei-me com algo mais... um enorme palácio, no mais puro estilo renascentista. Quem me conduziu ao seu interior foi uma figura de porte nobre, exótica; um indivíduo de traços orientais, tipicamente indianos e que, apesar dos modos ocidentais, usava trajes característicos de sua região de origem: um turbante ricamente paramentado e roupas peculiares. Ao ser colocado na parte interna da construção, repetidos calafrios me percorriam o corpo, sem que eu soubesse explicar por que. Não sei se devido à decoração incomum, que carecia inteiramente de mobiliário, ou em razão do ambiente demasiadamente místico, eu era dominado, constantemente, pela impressão de divisar diáfanas sombras, a se movimentarem pelos amplos salões. Essa sensação se reforçou muitíssimo, após a minha entrada em um cômodo, separado de toda a unidade restante da morada. Depois de subir uma escadaria, me vi em uma sala de pouca iluminação, repleta de livros danificados pelo tempo, escritos em idiomas desconhecidos.

Os eventos dissertados eram acompanhados e digeridos por Laura com um ânimo inusitado. Cada pequena pausa que Liam fazia, com a finalidade de tomar fôlego, era motivo para que ela se mostrasse impaciente, cobrando-lhe o término da incrível preleção.

- Nesse recinto, em que me postei por último, me vi perturbado por uma inesperada embriaguez, na qual figuras etéricas passaram a se movimentar entre as estantes, luzes misteriosas eram, vez ou outra observadas, e agradáveis sons, que se aparentavam a cânticos sublimes, passaram a ser detectados pelos meus sentidos auditivos. Quando, pela segunda vez, a pessoa de turbante apareceu diante de mim, para me levar à presença de Méchain, eu não tinha certeza se conseguiria me por de pé. Depois de percorrer alguns corredores, me vi diante de um Méchain completamente diferente; usava vestes orientais e falava de uma maneira diversa da habitual. Passou, em seguida, a manipular algumas substâncias mágicas e a recitar alguns versos esquisitos. Foi então que notei uma densa fumaça a cobrir-lhe completamente a face. Alguns segundos se passaram e a névoa se dissipou; perplexo, vi, inesperadamente, surgir à minha frente, ninguém menos que Victor, o nosso querido amigo desaparecido.

Nesse ponto da narrativa, Laura quase desfaleceu. Suas mãos gelaram e seu rosto se empalideceu. Ao sentir que ela precisava de auxílio, Liam prontamente a amparou. Transcorrido um minuto, se restabeleceu e disse:

- Liam, nosso amigo Victor está mesmo vivo ? Como pode isso ser possível ? E ainda nos aparece como um abençoado mago, a realizar proezas sobrenaturais. Sei que o que me relatas é verdade, mas me parece tão fantástico !

- Querida, o que aqui te contei afigura-se por demais fantasioso e sei que tuas dúvidas são justificáveis, mas imagina o que senti, quando presenciei a tudo isso. Uma coisa eu te garanto, tenho realmente a convicção de ter dialogado pessoalmente com Victor em carne e osso. Além disso, cara esposa, ele nos prometeu uma visita em breve, para rever-te e conhecer as crianças. Portanto relaxa-te, num curto período de tempo, poderás esclarecer as tuas últimas questões e acabar com as saudades que tens de Victor. Agora preciso me preparar porquanto, ainda amanhã, terei que ir à faculdade, a fim de acertar algumas pendências e cortar os últimos laços, que ainda me ligam àquela entidade.

Laura cobrou mais algumas explicações mas, em razão da longa jornada de retorno, o esposo se retirou cansado e dedicou as últimas horas da noite, a um merecido repouso.

Logo que acordou, bem cedo, Liam passou a se preparar para a custosa tarefa que o esperava: a de enfrentar os colegas médicos que, à essa altura, já deviam estar impregnados pelas sugestões caluniosas do inescrupuloso grupo, que o acompanhou ao congresso. Mesmo sabendo quão árduo seria seu encargo, Liam sentiu-se robustecido por uma força interna ímpar, que lhe infundia uma coragem descomunal.

O destino, enigmaticamente traçando os seus caminhos, conduziu-o, justamente naquele dia, à faculdade. Não se sabe por que, mas o nosso médico de crianças teve um ímpeto voluntarioso e incontrolável de, o mais brevemente possível, se dirigir àquele local. E foi realmente providencial essa sua decisão.

Assim que chegou ao jardim da instituição de ensino, notou que algo estranho acontecia, uma vez que não encontrou alma viva sequer nesse recanto, sempre repleto de estudantes, fixados em seus estudos.

Perplexo, passou pela entrada principal e observou que, analogamente à parte externa, os corredores encontravam-se vazios. A despeito do silêncio, ouviu, ao fundo, uma voz que discursava. Seguiu-a e, à medida que a intensidade da alocução se tornou mais forte, localizou sua origem no auditório principal. Ao se aproximar de uma das portas, que davam acesso ao grande anfiteatro, e que estava ligeiramente entreaberta, Liam discerniu claramente a voz de Murray que, fervorosamente, falava para todo o corpo de educandos:

- Caros alunos, há dois meses, alicerçados por nossa sólida entidade, formamos um grupo docente, de alto gabarito, para representá-la junto aos renomados colegas, de conceituadas instituições médicas internacionais. Por meio de muito trabalho, os professores desse estabelecimento prepararam minuciosamente seus dossiês de apresentação. Mas, infelizmente, todos nós vimos o nosso empenho frustrado, o de demonstrar o quanto realmente vale essa academia de ensino, o quanto ela é formada por mentes valorosas, que tudo fazem pelo progresso e bem estar do homem, mediante a realização de uma medicina cada vez melhor. Com pesar, testemunhamos a ruína dos nossos objetivos, pois não percebemos que, em nosso meio, havia se infiltrado um inimigo. Um pérfido indivíduo que, com seus maquiavélicos ardis, soube manejar o privilégio de ter sido um dos escolhidos, em seu próprio proveito, mesmo que para isso, tivesse que jogar à lama, o magnânimo nome da Faculdade de Bornester. Todos já sabem, de antemão, que me refiro ao Dr. Liam Penley. Pois essa figura sem caráter, desrespeitou todo o protocolo, a que deveríamos nos ter atido, e apresentou, não um trabalho realizado aqui, como era exigido, mas um tolo artigo elaborado em sua instituição médica privada, o Sainte Madeleine. Além disso, transformou-se, para a estupefação de todos, em um aleivoso bajulador do atual presidente da Sociedade Médica Internacional, o Dr. Hubert Méchain, conseguindo suas atenções e manipulando-o contra nós. Nossas pesquisas, a partir de então, passaram a ser ignoradas, pelo restante dos colegas congressistas e, mais do que isso, fomos literalmente enxotados do evento, depois que esse traidor conseguiu o seu intento. No momento, esse desleal ex-colega, ocupa o cargo de Chefe do Departamento de Medicina de Crianças da Sociedade Internacional... depois da exposição desses graves fatos, declaro que o Dr. Liam Penley, à partir de hoje, é “persona non grata” a esse estabelecimento e à todos os seus integrantes, incluindo alunos e professores, e os que tiverem alguma relação com esse ex-componente dos nossos quadros, seja ela de natureza pessoal ou profissional, que a declare finda, sob pena de sua também exclusão .

Em seguida ao despótico discurso, fez-se um silêncio de morte no recinto. Ninguém sabia o que dizer ou o que fazer, ou mesmo se a reunião estava terminada. Liam, que continuava atrás da porta, tinha gotas de suor, à descer pela face estarrecida. Bem que Laura o prevenira sobre o que o aguardava, mas aquilo era demais. Por várias vezes, durante a áspera fala de Murray, ele teve que conter os seus impulsos para não adentrar o anfiteatro e interromper o espetáculo, desferindo uma série de sopapos no interlocutor. Naquele momento difícil, pegou um lenço de dentro da casaca e enxugou o rosto e o pescoço. No auditório, de repente, uma fala serena e levemente irônica interrompeu a calmaria, que se seguira à tempestade feita pelo reitor:

- Ainda com essas manias Murray ? Caluniando e condenando os outros pelas costas, sem lhes dar o direito a defesa.

O público, em bloco, virou-se cento e oitenta graus para ver quem havia se pronunciado assim, tão desafiadoramente. Viram, estupefatos, o Dr. Liam Penley, postado no fundo do salão, em sua parte mais alta. Ele soube conter o nervosismo momentâneo e pronunciou aquelas palavras calmamente, demonstrando uma tranqüilidade de alguém que não tinha nada a dever e que nada fizera de errado.

Murray, se levantou e não acreditou no que viu. “teria ele que debater com Liam os verdadeiros motivos da sua atual ira ?” - pensou. “Não, não e não”, já passara por inúmeros dissabores nos últimos dias e não podia se arriscar perante os únicos indivíduos que ainda viviam sob seu jugo. Com esse direcionamento, retrucou, tentando, sem sucesso, mimetizar a tranqüilidade de Liam:

- Foi bom que escutaste atrás da porta, como costumeiramente fazem os amorais. O indivíduo vil, que és, e que teve teus atos por demais analisados, não só por mim, mas por todos os colegas que estiveram presentes no referido congresso, não merece nenhuma oportunidade de resposta. Agora que sabes do conteúdo do meu discurso quere gentilmente retirar-te do edifício e evita complicações maiores.

Liam, mantendo o mesmo espírito, replicou:

- Me entristece grandemente não poder esclarecer a verdade sobre fatos que dizem respeito à minha integridade, num momento tão oportuno. Me preocupo, não com você, nem com esse grupo de parasitas que o ladeiam, mas com meus caros pupilos que vêem, de uma hora para outra, um professor, que sempre se esforçou para dar-lhes um exemplo de retidão na carreira, ser vilipendiado tão aviltantemente.

Falando isso, virou as costas e fez menção de sair, quando uma terceira pessoa se fez ouvir. Dr. Edward Lowell, em uma posição lateral, na segunda fileira do auditório, se levantou e falou:

- Solicito, em nome do bom senso, que seja permitido ao Dr. Penley o ensejo de defesa, frente às acusações tão graves.

Liam, que estava quase cruzando a porta de saída, parou um instante e voltou-se novamente para a multidão. Nesse momento, Murray se pronunciou, outra vez, sem disfarçar a ira:

- Dr. Lowell se posta a favor do traidor que se mostrou tão infiel aos princípios dessa casa. Não só nego, mais uma vez, qualquer réplica ao Dr. Penley, como também coloco Dr. Lowell sob suspeita.

Depois desse brado agressivo, um burburinho intenso, partindo do corpo acadêmico, se fez ouvir e, do meio de um grupo de alunos, que confabularam rapidamente, surgiu um rapagão alto e moreno que, com firmeza, se dirigiu também à mesa:

- Eu, Willian Bradey, presidente e orador do grupo de formandos desse ano, peço, veementemente, que o Dr. Murray reconsidere sua decisão e permita que Dr. Penley, o patrono de nossa turma, se pronuncie sobre os fatos aqui apresentados contra a sua pessoa. Solicito isso, em nome dos anos de convivência proveitosa que todos nós, alunos, tivemos com o referido professor e das lições de caráter e de vida que sempre se esforçou em nos transmitir no passar dos anos.

Essa manifetação inesperada e audaciosa, partindo de um dos estudantes, provocou um aumento na balbúrdia que havia se formado no ambiente. Depois de alguns segundos, podiam ser ouvidas algumas ovações, apoiando o pedido de Bradey.

Murray, que não estava preparado para nenhuma reação como aquela, se sentiu encurralado e pressionado. Sem saber bem o que fazer, condescendeu com a vontade da maioria e disse:

- Pois bem, que fale então o Dr. Penley. Vejamos que outros ardis ele nos prepara.

Liam, que ainda esperava junto a porta, desceu vagarosamente pela escada central, e se posicionou em frente à mesa na qual estavam sentados Murray e seu corpo diretor. Virando-se para a platéia, falou:

- Caros acadêmicos, agradeço imensamente a oportunidade de defesa a mim concedida. Eu vos admiro e vos invejo tremendamente. Desde os primórdios da minha educação, sempre manifestei o desejo de ajudar o próximo, de alguma forma. Que melhor maneira, pensei eu, do que me dedicar a uma das mais belas profissões: a medicina. A energia, que me movia, nos tempos de formação, motivando-me sempre na continuação dos estudos e na concretização dos meus objetivos, foi aos poucos se exaurindo, maculada pelos repetidos ataques de professores reacionários que, ao invés de estimular o espírito criativo de seus pupilos, se esforçavam em barrar tudo de novo que ferisse os seus dogmas retrógrados. Eu vos admiro porque ainda borbulha em vós, essa mesma disposição pura e inocente, que um dia esteve palpitante em mim. Eu vos invejo porque esse espírito que vos anima, de uma forma tão viril, jamais fará parte de minha personalidade, agora deformada pelas idéias ignóbeis desses seres, que melhor fariam pelo progresso se nunca houvessem existido. Poucos de vós vos apercebestes mas, com o decorrer dos anos, vários desses colegas mais antigos, com seus interesses mesquinhos, intenções egoístas e malfadadas pretensões pessoais, tentarão incutir em vossas, ainda inexperientes mentes, os mesmos valores. Não deixeis que as rotinas egoísticas e despóticas desses doutores consumam o que há de melhor em vós; lutai, a todo custo, contra esse mal que, quando assimilado, tratará de desviar-vos do iluminado caminho do verdadeiro sacerdócio hipocrático.

Liam suspirou profundamente e continuou o seu discurso:

- Além da medicina, sempre tive em alta conta outra profissão: o magistério. Depois de formado, decidi abraçar os dois ofícios, tão admirados por mim, adentrando, por meio de concurso seletivo, o quadro de docentes dessa instituição. Poderia, então, difundir minhas novas idéias, demonstrando-as e transmitindo-as aos aspirantes. Mas, ao contrário do que esperava, todas as minhas boas intenções e desejos foram sempre frustrados. Com a nomeação do Dr. Murray para a chefia do departamento científico, após sinistro concurso, no qual perdemos um ser de altíssima relevância, o Dr. Olcott, vimos as coisas piorarem imensamente. Dr. Murray, com seu espírito conservador, avesso a qualquer boa idéia, que não fosse de sua autoria, tratou de destruir as últimas esperanças de que, um dia, as coisas pudessem melhorar. Todos que o conhecem percebem que, em verdade, ele sempre teve como meta principal, a auto promoção; sabem que nunca se importou em elevar o nome da instituição a “outros patamares”, como afirma. Ele e os seus bajuladores se dizem ofendidos por eu não ter apresentado uma pesquisa realizada nessa escola. Mas como, eu vos pergunto, seria eu capaz de realizar alguma coisa útil aqui, se as restrições me impedem ? Expus, então, sob a tutela do Dr. Hubert Méchain, atual presidente da Sociedade Internacional, um trabalho realizado no Sainte Madeleine. Falo-vos com sinceridade, o artigo foi um sucesso e renderá muitos frutos, não somente para nossa comunidade, mas para todos os pacientes que necessitarão da nova terapia. Não terá sido esse êxito inesperado, que realmente está magoando os membros componentes dessa mesa? Sei que fui declarado “persona non grata”, a esse estabelecimento, mas declaro que as portas do Sainte Madeleine sempre estarão abertas a todos que dele necessitarem, principalmente aos alunos pois, em breve, por sugestão do Dr. Méchain, estarei transformando-o num hospital escola. Como me será impedido o ingresso nessas dependências, solicito à direção que me mande um representante no Sainte Madeleine, a fim de cuidar das minhas pendências empregatícias. Como as coisas ficaram claras para todos, deixo-vos para que o Dr. Murray continue com suas acusações.

Um princípio de palmas foi logo esvanecido pelas enraivecidas feições dos médicos que compunham a mesa. Liam subiu os degraus da mesma maneira que os desceu e se dirigiu à saída, sem titubeios. Murray e os médicos que o acompanhavam, ficaram emudecidos, como se alguma força oculta os detivesse. O reitor, pela primeira vez em anos, sentiu algum constrangimento moral, como se aquelas palavras de intensa verdade, tivessem conseguido tocar o seu íntimo, despertando-lhe inéditos sentimentos de remorso. Mas, depois de pouco tempo, ele, voluntariamente, ignorou os apelos de sua alma e, rispidamente, se dirigiu aos alunos:

- Não são esses clamores, baseados em fatos inverossímeis, que alterarão alguma decisão por mim tomada. Mantenho as deliberações anteriores e declaro encerrada essa reunião.

Todos os que não faziam parte do grupo de Murray se levantaram com uma impressão favorável a Liam; os acadêmicos vinham realmente notando, há vários anos, a falta de tolerância com as novas descobertas e tratamentos médicos, o que os tornava, sobremaneira, insatisfeitos. Liam seria considerado, pelo corpo de estudantes, daquele instante em diante, um mártir, vítima inocente de uma parte perversa da turma de docentes, que integrava o corpo diretor da época.

Capítulo XIII

Depois daquela ocasião, Liam não mais retornou à Faculdade de Bornester. Os dias se passavam celeremente e as contrariedades com Murray haviam cessado. Ficou ocupado, tão somente, com os pacientes do Sainte Madeleine e com a elaboração dos planos de transformação do mesmo, em hospital escola e, nesse intento, era ajudado pelo seu caro amigo, Edward Lowell. O tempo que dedicava anteriormente à escola médica da cidade, ele usava agora para tratar de assuntos relativos à Sociedade Médica Internacional. Eram calhamaços de correspondências que chegavam cotidianamente e que lhe ocupavam várias horas do dia.

Diversos alunos e jovens médicos o visitavam regularmente, em seu ambiente de trabalho, participando altruisticamente das atividades filantrópicas e incrementando seus conhecimentos com os tratamentos inovadores e com o funcionamento singular daquela instituição médica de assistência a crianças, que estava se tornando um modelo, inclusive tendo sido citada, elogiosamente, em algumas publicações científicas de alcance mundial.

Rotineiramente, de dois ou de três em três meses, Liam se ausentava por uma semana para ir até à sede da sociedade em Paris, tratar de assuntos protocolares, referentes à avaliação de novas terapêuticas e planejamento de novos eventos em sua área. Nessas ocasiões, ficava hospedado no castelo de Victor, onde confabulavam durante horas, expondo, reciprocamente, os planos de ação da organização. Diferentemente de antes, conseguia identificar, imediatamente, as feições do companheiro, sem que fosse necessária nenhuma cerimônia esotérica especial.

Liam não podia deixar de perceber algumas exoticidades naquela morada, durante as suas estadas. O quarto em que ficava era escassamente mobiliado, como todo o resto da construção, e ficava próximo ao corredor, onde se situava a porta, que lacrava a entrada para a escada, por onde subira, tempos atrás, e que dava para os cômodos reservados, nos quais Victor se revelara. Este acesso ficava constantemente trancado por um grande cadeado. Barulhos obscuros, oriundos de lá, acompanhados freqüentemente de odores insólitos e inebriantes, eram percebidos à noite, quando o anfitrião desaparecia e não era mais visto pelos ambientes habituais da habitação. Aquilo despertava uma grande curiosidade em Liam que, um dia, durante uma conversa informal, indagou à Victor:

- Desculpa-me amigo, se me torno inconveniente ou abusado, ao perguntar-te tão francamente, mas essa curiosidade está quase a me matar. Sempre à noite, sou privado de tua companhia, quando te ausentas e vais fazer algo, que ainda não consegui descobrir, nos cômodos superiores. Que mistérios escondes lá em cima, meu estimado colega ?

Victor parecia aguardar por essa interpelação e não se mostrou surpreso. Respondeu, portanto, calmamente:

- O enigma que oculto tão cuidadosamente, naquelas salas altas, faz parte dos segredos que me fizeram tornar o que sou hoje, meu caro Liam. É assim denominado, somente enquanto a humanidade comum não atingir o grau de maturidade moral necessário para que se torne de conhecimento geral. Tenho todo desejo do mundo em te colocar a par de tudo, companheiro, mas na hora certa. Uma precipitação de minha parte poderia fazer-te mais mal do que bem, pois teus sentidos despreparados poderiam se ressentir com experiências que exigiriam por demais deles. O preparo necessário seria impossível efetivar-se agora, já que demandaria muito tempo, e tens família, além de incontáveis tarefas por realizar, no âmbito profissional que, no momento, se fazem mais importantes. Cada coisa a seu tempo Liam e, tem certeza, que sou eu o mais interessado em que essa hora não tarde.

Liam se mostrou um pouco contrariado, mas a sobriedade e a objetividade madura, constantes em Victor, o convenceram. Mesmo assim, Liam deu prosseguimento ao assunto:

- Victor, se assim o dizes, concordo plenamente; aguardarei então o momento oportuno para me por a par dessas peripécias sobrenaturais que executas assim, tão na surdina.

Nessa hora, impôs um estilo mais descontraído à conversa e soltou uma breve risada, continuando, em seguida:

- Me esclareça somente uma coisa...por que, todas as vezes que aqui me hospedo, tenho a sensação constante de vislumbrar sombras se movendo, sem que nenhuma criatura viva esteja presente. Outra coisa me aconteceu depois do congresso: quando me vejo em frente a alguma dificuldade, sinto-me envolvido, invariavelmente, pela nítida impressão de estar sendo inspirado por algo invisível...

Victor respondeu:

- O ambiente requerido para minhas “peripécias sobrenaturais” - nesse momento riu-se - exige uma preparação específica, e envolve o uso de muitas essências e substâncias especiais que, a seu turno, agem em todos os que estiverem presentes nesses locais. Tens o agravante de possuir um psiquismo desenvolvido que, em sintonia com as fórmulas usadas, sensibiliza-te os sentidos sutis e coloca-te em contato com planos existenciais ainda por ti desconhecidos. Afirmo-te, apenas, que não se tratam de alucinações semelhantes às de um ébrio e sim um leve despertar de tua percepção etérica, que normalmente encontraria-se adormecida. Quanto à sensação, que tens, de que seres invisíveis te inspiram e acompanham, estás certo. Após o congresso, nossos Mestres e Confrades de altas hierarquias, te analisaram, e resolveram te colocar na corrente, como um de nós, em seu estágio inicial. Sente-te realmente um protegido pois é o que realmente és.

Liam ouviu as declarações atento e ficou profundamente emocionado, ao saber que agora fazia parte daquela Nobre Fraternidade. Não conseguiu explicar o porque mas, a partir daquele dia, a porta, que guardava a misteriosa ala do castelo, foi deixada aberta, nos horários noturnos. Dessa maneira, os esquisitos sons e odores, originados dos ambientes de acesso proibido, se amplificaram, aguçando progressivamente o espírito curioso de Liam. Numa dessas noites, ele não pode se conter e, contrariando os conselhos de Victor, pôs-se a subir vagarosamente a escada. À medida que ascendia, os aromas ficavam cada vez mais fortes e o som baixo de uma conversação, ia, mais e mais, se tornando claro e audível. Ao chegar na sala repleta de livros onde, tempos atrás, aguardara, antes do primeiro encontro com Victor, sentiu uma sensação estranhíssima, entorpecente. Seus sentidos começaram a se alterar e todos os móveis que compunham o lugar passaram a apresentar uma aura brilhante. A porta lisa e sem detalhes, que dava passagem aos aposentos mais interiores, passou a ostentar uma estrela dourada de cinco pontas, da qual emanava uma maravilhosa luz própria. Símbolos incompreensíveis passaram a ser percebidos por Liam, em paredes que, anteriormente, possuíam uma pintura unicolor. Em suma, tudo mudara, como se ele houvesse sido transportado a outro lugar. Apesar do receio inicial, que as alterações de suas percepções provocaram, continuava ouvindo um diálogo ainda indefinido, oriundo de algum ponto, localizado mais adiante. Recompondo todas as suas forças e decidido a satisfazer o seu desejo por respostas, ainda insaciado, girou a maçaneta e entrou um curto corredor, que dava acesso a quatro salas. Ao percorrer o primeiro metro, desagradável sensação de mal estar apoderou-se de si, pois passou a sentir uma forte náusea; depois de se deter alguns segundos, prosseguiu. O colóquio se tornara inteligível e Liam podia agora distinguir perfeitamente a voz de Victor, que discutia com alguém, que ele não sabia ainda quem era. A porta do aposento estava entreaberta mas, na posição em que se encontrava, era possível apenas ouvir e não ver os participantes da palestra. Ateve-se, então, na fala de Victor:

- Aqui vos evoquei, após anos, Era Rubra das Profundezas, para reafirmar-me diante de vós. Quiséramos nós controlar completamente o destino inexorável, que nos reserva um encontro inevitável num futuro brevíssimo. Embora não seja a minha vontade, vos colocareis, mais uma vez, em meu caminho e fareis parte do meu porvir e do de muitos que me são caros. O vosso poder resume-se na aguda inteligência, adquirida através dos milênios, mas nada, nesse globo, supera a iniciação nas cinco pontas da estrela; portanto, aguarda, oportunamente, as minhas ordens.

Victor imprimira uma autoridade magistral ao seu discurso e a resposta veio logo a seguir, por intervenção de uma estridente e voluptuosa alocução feminina:

- Meu estimado Victor, finalmente nos encontramos outra vez, meu nobre oponente da Fraternidade da Tríplice Aliança. Transformaste-te em um Mestre, não é mesmo, meu querido? Lembro-me ainda como recusaste, em tua fase inicial da senda, as minhas propostas tentadoras e suportaste o meu assédio, combatendo-me com tua vontade determinada. Pois sabe que nada mais és, do que um pobre inocente, permanentemente manipulado pelos líderes do teu tedioso e utópico grupo. Aguardo, pacientemente, aqui do meu lado, que se abra alguma fenda de sensatez em teu espírito cauteloso, para que possa mostrar-te as delícias inimagináveis, das quais te absténs voluntariamente. Lembra-te que já estive também onde estás, e que o enfado insuportável, de fazer parte dos desígnios dessas personalidades que se julgam superiores, e que brincam conosco, como se fôssemos seus joguetes, em uma peça teatral sem fim, me tornou o que sou hoje. Concientize-te, meu nobre, sinto-me infinitamente mais feliz hoje.

Liam se conteve para não desfalecer; a personagem, que havia se pronunciado, lhe afetara imensamente a sobriedade, já alterada pelos eméticos odores. Grande mal estar o atacou de novo, só que com maior intensidade. A voz era entoada com uma agudeza irritante, recheada de tanta luxúria e de todos os ingredientes degradantes e infinitamente torpes, despertando uma reação que jamais experimentara, em nenhuma outra ocasião. Ao mesmo tempo, expressava uma personalidade tão persuasiva e uma vontade tão grande, que imprimiam um grande medo em quem a escutasse. As desagradáveis sensações só foram amainadas quando Victor tornou a falar:

- Contrariais o Criador e a criação, minha cara. Sei que tendes papel definido nesse infinito universo, mas o pó que sois, comparado às grandezas maiores, que renegastes, tira-vos completamente a razão. Deixemos de divagações inúteis. Dispenso-vos e aguardo, em seu devido tempo, o nosso impreterível momento.

Liam, que se encontrava lateralizado, em relação à entrada, não se conteve e tomou uma posição mais centralizada, a fim de visualizar a personagem, a quem Victor se dirigia. Ao mudar de lugar, viu-se de frente a uma cena estarrecedora: uma criatura bizarra, coberta por um grande manto vermelho e que, pelo formato externo que delimitava, parecia esconder um corpo animalesco. Aquela coisa horrenda começou a se deslocar, no exíguo ambiente e, ao invés de andar, serpenteou pela sala, realizando movimentos vermiformes, deixando atrás de si um rastro hemático ocre, de um odor repulsivo. Inesperadamente, o ente dantesco desviou-se do seu curso e efetuou uma guinada repentina, em um ângulo de cento e oitenta graus, se colocando de frente à Liam e encarando-o. Se todo o arrependimento do mundo fosse o suficiente, para que aquela cena não tivesse acontecido, Liam teria contido a sua malfadada abelhudice. O que ele viu naquele momento é difícil de se descrever: um ser de feições grosseiras, como se sua face houvesse sido esculpida pelo mais grosseiro cinzel; assemelhava-se a uma bruxa, que nenhum desenhista talentoso tivesse sido capaz de reproduzir, na mais horripilante estória de terror. Os olhos profundos, penetrantes e completamente negros expressavam, por si só, uma gama indescritível de sentimentos negativos. O corpo escuro era difícil de ser visualizado mas, com alguma dificuldade, via-se que possuía apêndices bestiais, sem predicados para defini-los. O odor lascivo, exalado por essa entidade infernal, sufocava-o intensamente. Poucos segundos, depois do espectro se postar diante de Liam, moveu o que pareciam ser os lábios, soltando uma gargalhada sibilante. Nesse momento, não pode se segurar e desfaleceu.

Dois dias depois, em um quarto do castelo, duas pessoas conversavam, ao lado de um leito, no qual repousava Liam, em um sono profundo.

- Hector, creio que é chegada a hora para que o nosso paciente recobre os sentidos. Acho termos dado tempo suficiente para que ele se recuperasse do trauma que sofreu.

- Sim Victor, as essências por ele inspiradas, cessarão o seu efeito em breve, mas Liam ainda sentirá suas conseqüências durante alguns dias. Além disso, as portas do seu psiquismo, estão protegidas pelo seu atual estágio moral.

Enquanto a conversa se desenrolava, Liam acordou do seu sono, com as feições alteradas, como se houvesse despertado de um pesadelo.

- Victor, estás aqui, não deixes que aquela abominável criatura se aproxime de mim novamente, proteje-me, prefiro a morte a cruzar o olhar com o terrível ser.

Victor se aproximou de Liam, dirigindo-lhe a palavra:

- Acalma-te amigo. Foram tomadas todas as precauções para que nada de mal te aconteça. Preveni-te contra uma coisa que poderia ser evitada, mas insististe em dar apoio à tua incontida curiosidade. Agora sabes quem guarda a passagem de uma das pontas da estrela de nossa Fraternidade. Compreendes, finalmente, ao que eu me referia, quando te falava dos perigos que envolvem tais práticas. A Era Rubra, com a qual te deparaste, já foi a responsável pelo insucesso e até a desgraça de muitos e, enquanto não estiveres preparado, nem penses em enfrentá-la.

- Estimado Victor, peço-te infinitas desculpas. Minha teimosia e ignorância confundiram os fatos. Menosprezei teus afazeres sobrenaturais, cedendo ao apelo dos meus caprichos infantis. Mas companheiro, agora que sei dos perigos que se escondem atrás do Véu de Ísis, prometo-te nunca mais incomodá-lo com esses assuntos. - falou Liam, com verdadeiro arrependimento.

- Não te aflijas tanto assim, meu caro. Sei que o que me dizes é sincero e chegará o teu tempo de levantares esses véus também. Aqui está ao meu lado um Grande Frater. Quero que o conheça, chama-se Hector e muito me ajudou, durante a tua recuperação.

- Então o nosso novo aspirante encontra-se um pouco melhor. É um prazer conhecer-vos. Estarei sempre ao vosso inteiro dispor.

Liam, mais tranqüilo, cumprimentou o novo conhecido, mas não prolongou muito o diálogo, pois estava muito envergonhado para fazê-lo. Sentia-se como uma criança traquina que realizara os seus malfeitos e se dera mal. Não podia se desculpar por haver sucumbido aos apelos de seus tolos instintos, traindo a confiança do amigo, que lhe era tão caro.

Liam nunca mais iria esquecer a cena, na qual se deparara com o horrendo fantasma. Durante meses teria pesadelos repetidos, acordando sobressaltado e assustando Laura. Mas faltou-lhe coragem para contar o acontecido à esposa.

Três meses depois, Liam estava de volta à Paris, para uma nova reunião da Sociedade. Àquela altura, já se recuperara do tremendo susto da vez passada; mesmo assim, a mínima lembrança do acontecido, despertava calafrios em seu espírito despreparado. Se não fosse a confiança, que depositava no amigo Victor, dificilmente Liam continuaria a se hospedar na sua residência e teria preferido se alojar em um hotel na cidade.

A reunião da Sociedade transcorreu sem anormalidades, como habitualmente, mas, num dos últimos dias, quando Liam preparava a sua volta a Bornester, Victor, assim que se viu a sós com o companheiro, em seu castelo, falou-lhe com seriedade:

- Caro amigo, mudanças de plano serão realizadas num curto espaço de tempo. Tenho coisas inadiáveis por resolver e, para isso, terei de me mudar para Bornester, onde ficarei instalado em minha antiga morada, durante alguns meses. Em breve, estarei enviando um representante, que cuidará de todas as formalidades necessárias. Peço-te que lhe preste todo o auxílio possível e prepara-te, pois a breve calmaria dará lugar a uma nova tempestade. Mas não te preocupes, tudo sairá bem ao final.

- Assusta-me assim falando, Victor. Mas confio demais em ti para questionar-te. Será com imensa satisfação que darei todo a assistência necessária ao teu enviado. Quanto a tempestade, não te preocupes; depois do que passei naquelas plagas, e com ajuda dos meus novos amigos invisíveis, duvido que alguma coisa me afete.

Liam riu-se discretamente e, após um curto intervalo, Victor completou:

- Os mesmos afazeres que realizo aqui, Liam, serão também executados em Bornester. Para que isso seja possível, levarei alguns meses para preparar e restaurar minha velha casa mas, creio eu que, antes da nossa próxima reunião, já estarei habitando a minha futura vivenda.

Conversaram mais alguns instantes sobre o assunto e Victor se despediu cedo, como sempre. Liam, por seu lado, ficou muito feliz de ter o companheiro, mais uma vez, próximo de si e mal pôde esperar para retornar a Bornester e contar a novidade à esposa.

Capítulo XIV

Três anos se passaram e Victor ainda não retornara à Bornester, como afirmara.

Em razão do grande número de alunos que continuaram mantendo relações com Liam, Murray não pôde cumprir suas ameaças de represália. Muitos desses aprendizes, a despeito de freqüentarem assiduamente o Madeleine, em busca de complementação acadêmica, nunca sofreram punição do seu reitor. Na verdade, Murray mudara bastante depois do último encontro com Liam; o ar ameaçador e altivo, que lhe era próprio, esmaecera; sua pompa e maneiras pretensiosas também. Parece que as derrotas sucessivas, sofridas após os repetidos insucessos de seus planos pessoais, deixaram grandes seqüelas em sua personalidade, acostumada, no passado, a ver sempre triunfar as suas mal-intencionadas ações.

A faculdade local havia perdido sua imponência, bem como o espírito científico de tempos atrás, e tinha agora um certo ar de decadência. A má gestão do atual reitor, prejudicara demasiadamente o surgimento de novos talentos; as coisas pioraram, mais ainda, com as restrições das verbas destinadas a pesquisa, extirpando-se, em conseqüência, o que aquela academia médica oferecia de melhor e o que lhe gerava a fama, ou seja, os laboratórios experimentais. Parte do corpo docente, descontente com os rumos a que foi levada a antiga instituição de ensino, havia migrado para outros distantes centros de instrução e até mesmo para o Madeleine de Liam. A velha casa hipocrática de Bornester, anteriormente próspera, clamava por alguém que a salvasse da atual penúria.

Por outro lado, as obras de transformação do Sainte Madeleine em hospital escola estavam quase findas. Com o apoio da Sociedade Internacional, Liam pôde recrutar o que havia de melhor, em termos de material humano, para integrar o corpo clínico do novo nosocômio. As doações de indivíduos altruístas e abastados, ligados à Sociedade, permitiram realizar uma grande reforma em suas instalações. Além da restauração, construiu-se outro grande bloco de prédios, para compor a ala das salas de ensino. O Madeleine atual, nem de longe refletia a estrutura acanhada de dez anos atrás.

A única carência que deveria ser sentida, ao longo do tempo, era a falta de uma área específica para o tratamento de adultos, a fim de suprir a parte letiva nesse campo. Para resolver esse problema, Liam firmara um convênio com uma faculdade médica, situada em Paris, no qual os alunos fariam estágio posterior.

A inauguração estava marcada para breve, dentro de três meses, e contaria com a presença de Méchain e de vários membros da diretoria da Sociedade Internacional. Naquele momento, Liam e Edward Lowell conversavam em frente a uma grande edificação, que se encontrava em suas últimas etapas de construção:

- O prédio destinado à internação dos pequenos pacientes, em estado mais grave, encontra-se em sua fase de acabamento, mas os equipamentos de diagnóstico e de laboratório estão para chegar nessa mesma semana. Será que as obras findarão, a tempo de recebe-los, Dr. Penley?

- Claro que sim Lowell; não te aflijas, conversei a respeito com o engenheiro chefe e ele me garantiu que, mesmo que os aparatos estejam instalados nos seus cômodos, os últimos retoques de pintura não serão prejudicados.

Dr. Lowell, ainda preocupado, manifestou-se de novo:

- Mas só nos restam três meses e todos os eventos comemorativos da inauguração encontram-se inadiavelmente marcados.

- Acalma-te Lowell, não decepcionaremos os integrantes da Sociedade. Tudo, a seu tempo, estará pronto.

Nesse ponto do diálogo, foram interrompidos por uma enfermeira, que se dirigiu a Liam:

- Perdão Dr. Penley. Dois doutores querem vos falar e aguardam na vossa sala. Identificaram-se como Drs. Pertz e Dr. Tosh!

Quando a enfermeira mencionou os nomes dos dois colegas que tanto o haviam prejudicado, em cooperação com Murray, Liam ficou intrigadíssimo. Sem mais delongas, e movido por sua curiosidade, se despediu de Lowell e se dirigiu ao seu gabinete. Lá chegando, ainda em situação indagativa, encontrou os dois antigos desafetos sentados em frente à sua escrivaninha. Assim que adentrou o ambiente, ambos, solicita e respeitosamente, se levantaram e o cumprimentaram com olhares e atitudes que beiravam o servilismo. Sem jeito com a situação inesperada, Liam sentou-se em sua cadeira e fez sinal para que os visitantes também se acomodassem. Pertz foi o primeiro a quebrar o silêncio:

- Dr. Penley, constrangidos, eu e Dr. Tosh sentimos muito incomodar-vos nessa vossa preciosa hora de labor, mas não nos foi possível esperar mais. Viemos aqui, humildemente, pedir-vos desculpas por todo o mal que vos causamos no passado e dizer do grande arrependimento que nos abarcou, nesses últimos tempos. Nossos objetivos mal orientados foram os responsáveis pelas atitudes tão anti-éticas que, gratuitamente, desenvolvemos contra vós. Na época, estávamos submetidos à má influência do nosso superior, Dr. Murray; ele, por meio de sua ascendência, nos incutiu falsos ideais e aspirações.

Pertz inspirou profundamente, fazendo uma pausa. Sua postura cabisbaixa e embotada não alterou a atitude que Liam adotara desde o início da conversação; ele continuava reticente e desconfiado. Como se as palavras houvessem escasseado, Tosh intercedeu, dando continuidade ao assunto:

- A Faculdade de Bornester não é mais a mesma. Tudo que havia de positivo foi extinto pelo nosso atual diretor. Quando o corpo clínico se deu conta da situação, já era tarde demais. Ontem, esse mesmo corpo clínico, que tantas vezes fechou os olhos para o verdadeiro estado da nossa instituição, e que por incontáveis momentos se fez cega diante da incompetência do Dr. Murray, se reuniu numa tentativa derradeira de reparar os sérios danos infligidos. Desse encontro decidiu-se, por unanimidade, que só havia uma solução para o nosso problema e foi justamente essa decisão que nos trouxe aqui.

Nesse ponto do relato, Tosh foi interrompido por Pertz que, ansioso, continuou:

- Durante o encontro dos professores, fizemos uma retrospectiva histórica da nossa escola e, infelizmente, pudemos concluir que sua qualidade de ensino piorou muito nos últimos anos e que teríamos que tomar medidas urgentes para que esse fato se revertesse. Decidimos, então, destituir o nosso atual reitor, Dr. Murray, e vir aqui vos suplicar para que assumais o cargo, Dr. Liam.

Liam, por meio de prévias colocações de alunos, sabia do total desmazelo com o qual o estabelecimento vinha sendo administrado e das conseqüências desse mal gerenciamento mas, jamais esperaria que o espírito pretensioso da atual direção da Faculdade de Bornester fosse domado algum dia. Adotou uma atitude circunspecta, durante alguns segundos e, após essa pausa, ponderou:

- Apesar dos inúmeros motivos que tenho para me manter ressentido e prevenido contra todos os colegas daquela instituição de ensino que, há poucos anos, me declararam “persona non grata”, sou compelido, por alguma força interna, a acreditar na sinceridade de vós ambos. Me entristece grandemente ver a decadência de uma organização que ainda é por mim querida. Vontade não me falta de ajudar mas impossível se torna agora qualquer assistência de minha parte, pois inúmeros compromissos me prendem ao Sainte Madeleine e à Sociedade Internacional.

Tosh, sem deixar que Liam continuasse, interrompeu-o:

- Isso não será problema. Sabemos da iminente transformação do Hospital Sainte Madeleine em hospital escola e, temos certeza de que vos seria útil, nessa nova empreitada, contar com um setor de atendimento e prática clínica na área de adultos. Isso a faculdade poderá oferecer e muito bem, Dr. Liam. A exclusão do Dr. Murray do nosso quadro diretor já está definida e é irrevogável, independente da vossa decisão de assumir ou não o posto que, em breve, se tornará vago. Além disso, vos asseguramos total autonomia e poder para modificar os quadros das diretorias secundárias como bem vos aprouver. Pensai bem no assunto, pois o futuro da nossa escola médica está em vossas mãos.

Liam, um pouco mais preparado, fez sua oratória final:

- É bem verdade que me dói muito ver a Faculdade de Bornester nessa penúria atual, mas, nos meus planos presentes, não estava incluída uma mudança assim tão brusca, fusionando o Madeleine a uma instituição de tão grande porte. Necessito de tempo para pensar e organizar minhas idéias. Amanhã, sem falta, prometo-vos uma resposta.

Pertz, proferiu o último comentário, mantendo uma inflexão suplicante em sua fala:

- Todo o corpo docente aguardará ansioso por essa resposta, caro Dr. Penley e, verdadeiramente, rezaremos para que ela seja positiva.

Depois disso, se retiraram, deixando Liam estupefato, a pensar no que acabara de lhe acontecer. Realmente, refletia Liam, seria conveniente poder oferecer ali mesmo, na própria Bornester, o ensino médico da parte adulta, sem necessidade de enviar seus pupilos para Paris, a fim de complementar os estudos. Mas Liam não conseguia mais se ver em meio daquelas pessoas que, por tantas vezes, se mancomunaram com Murray em seus intentos ferinos. Temia muito, a possibilidade de contaminar o espírito puro, de seu tão caro Madeleine, com as velhacarias e malícias dos integrantes do grupo letivo da faculdade. Estava ele inclinado, naquele momento, a não aceitar o convite.

Foi com essa determinação, que Liam retornou ao lar, após terminar todas as tarefas que o restante do dia lhe exigira. Logo na sala de estar, foi detido por Sofia que, com um envelope na mão, falou-lhe:

- Dr. Penley, há mais ou menos uma hora, o carteiro entregou este telegrama, endereçado ao senhor.

Liam apoderou-se do escrito e, sem mais delongas, passou a lê-lo; eis o que continha:

“Caro amigo e confrade,

Por meio de fontes pessoais, tomei conhecimento da oferta que recebeste dos membros da faculdade. Sei que tens a intenção de recusar tal encargo mas recomendo que o aceites. Somente esta alternativa se faz viável para a redenção daquela que foi nosso querido ponto de labor. Nada temas, pois as intenções dos proponentes são honestas. Esquece também as desavenças de outrora. Cumprimento-te por hora,

Méchain, Hubert”

Quão admirado ficou Liam depois da leitura do manuscrito. Como ele soubera do fato? Mas, em seguida à cena fantástica que presenciara, tempos antes, na morada de Victor, nada mais o surpreendia. Depositava tanta confiança na nobre figura de seu amigo e em seus dons sobrenaturais, que aquelas linhas bastaram para dissipar qualquer dúvida sobre os novos rumos do seu querido Madeleine. O telegrama transmitiu, pois, a confiança exigida para que mudasse seus planos e decidisse aceitar a proposta.

Após uma longa conversa noturna com Laura, Liam foi dormir tarde da noite, arquitetando a nova estrutura, que se encarregaria de administrar. De manhã, mal acabara o seu desjejum, Liam recebia a visita de Pertz e Tosh em sua casa. Sofia os recepcionou e os acomodou na biblioteca e Liam foi até lá ter com eles. Chegando ao recinto, Pertz se adiantou, mesmo antes dos cumprimentos:

- Deculpai-nos novamente Dr. Penley, mas a diretoria aguarda ansiosa a vossa decisão para que novos rumos sejam dados à nossa entidade de ensino e nos foi incumbida a tarefa de, o mais cedo possível, levá-la ao conhecimento de todos.

Liam, percebendo a ansiedade dos dois, respondeu;

- Meditei muito sobre o assunto e percebi o quanto seria útil, para todos os alunos, a união de duas instituições tão importantes da nossa medicina. Decidi aceitar, portanto, o encargo a mim oferecido, mas somente com uma condição: a de me darem total liberdade e autoridade para a nomeação das chefias de departamentos e para alterar as regras, imperantes na faculdade, que não estiverem de acordo com as modernas rotinas médicas.

Tosh se antecipou e falou-lhe:

- Foi justamente para isso que estamos vos pedindo que assumais a reitoria. Nós vos asseguramos o livre arbítrio para combater, a vosso gosto, todos os vícios que acabaram colocando a nossa instituição no lugar deplorável em que se encontra agora.

- Sendo assim, aceito de bom grado a incumbência - falou Liam de uma maneira mais animada.

- Asseguro que não vos arrependereis de vossa resolução. Daremos logo as boas novas ao corpo clínico e, em breve, estaremos vos procurando com a finalidade de acertar os detalhes da vossa posse. Agradecemos antecipadamente a vossa intenção de ajudar, que sabemos ter caráter puramente altruísta.

Falando isso, Tosh dirigiu um olhar satisfeito na direção de Pertz e saíram, sem disfarçar o entusiasmo, em um ritmo apressado.

À tarde, na Faculdade de Bornester, uma cena inusitada aconteceria no gabinete do reitor, até então representado por Murray. Um grupo, formado por mais de vinte médicos, todos componentes do corpo docente do estabelecimento e, na maioria, chefes de departamentos, ingressaram na sala de Murray, para uma audiência, marcada com pouca antecedência. O reitor não sabia do que iriam tratar mas o seu olhar grave demonstrava, intuitivamente, o temor do que estava para acontecer. Pertz foi quem primeiro se pronunciou:

- Dr. Murray, estamos aqui para vos falar sobre um assunto de extrema importância e gravidade. Todos nós, aqui presentes, representantes da hierarquia maior dessa instituição, viemos, de comum acordo, vos relatar a nossa grande insatisfação com os rumos que, ultimamente, a nossa querida faculdade tomou. Vemos, gradualmente, nosso ensino teórico e prático se degradar, diante de atitudes isolacionistas, que nos colocaram à parte do desenvolvimento da medicina global. A nossa oposição, frente à gama de recursos que, nos últimos anos, aquilataram a ciência médica de outros centros educacionais, vem prejudicando, continuamente, a formação dos nossos aspirantes que, cada vez mais, tendem a procurar outros núcleos para aperfeiçoarem seus conhecimentos. Em reunião prévia, todos nós aqui, concordamos que esse espírito exclusivista só surgiu depois da vossa posse como reitor dessa entidade e, por isso mesmo, decidimos, de acordo com o poder a nós transmitido pelo estatuto da Faculdade de Bornester, destituir-vos do cargo, nomeando um outro colega para ocupá-lo, em caráter definitivo.

Para a surpresa geral do grupo, Murray ouviu toda a prolação, sem manifestar uma só reação; seu semblante céreo nada demonstrou além de resignação. Seguiram-se cinco segundos de silêncio, Murray inspirou profundamente e falou:

- Quem os senhores nomearam, em substituição a mim?

Um dos doutores respondeu:

- Resolvemos agregar a faculdade que, como já dissemos, encontra-se em estado calamitoso, ao Sainte Madeleine Children Hospital, recém transformado em hospital-escola, e oferecer o cargo da reitoria ao Dr. Liam Penley, revogando, dessa forma, o título de “persona non grata”, injustamente a ele conferido por vós.

Todos esperaram uma reação explosiva de Murray, mas o que se seguiu, contrariou todas as expectativas. O reitor deposto reagiu com calma, continuando impassível às declarações ofensivas, dirigidas à sua pessoa, por seus colegas. Foi dessa maneira que ele fez a sua derradeira e última manifestação:

- Ainda existe alguma função, a mim reservada, nessa instituição?

- Podereis continuar, se assim o desejardes, como professor auxiliar, na área de infectologia - respondeu Tosh com rapidez.

Murray, mantendo suas feições imutáveis, se levantou, pegou algumas coisas em sua escrivaninha e se dirigiu à porta de saída. Um certo mal estar imperou nos circunstantes ao verem uma figura que, por tanto tempo, imperara absoluta naquela dependência, deixá-la em uma situação tão humilhante. Depois de alguns segundos, todos saíram mudos, sem pronunciar uma palavra sequer, cada qual se dirigindo aos seus respectivos afazeres.

Uma grande transformação atingira Murray. Vencido pelas lições que a vida lhe impusera, ele perdera completamente a vontade determinada de atingir os seus objetivos egoístas a qualquer custo. Percebera que sua conduta, durante toda a vida, havia se firmado sobre mal compostos alicerces. Nunca soubera o que era ética, e agora era esmagado pela mão firme da justiça natural e inexorável, que o punia por seus atos amorais. Pela primeira vez, sentiu um princípio de remorso, por conta das maldades hediondas que praticara e, principalmente, pelo que fizera com Victor. Mas de qualquer forma, pensava ele, jamais poderia remediar, tão tardiamente, tudo o que perpetrara; estava tudo perdido, o melhor seria se conformar e se preparar para as agruras que o aguardariam dali em diante.

A posse de Liam foi programada para um mês depois daquela data e se daria, durante uma solenidade, no mesmo auditório onde Liam tivera sua última discussão com Murray, três anos antes. Nesse tempo, praticamente todas as obras realizadas no Sainte Madeleine acabaram, e tudo estava preparado para a vinda da cúpula diretora da Sociedade Internacional.

Os dias se passavam agilmente e Liam se fortaleceu progressivamente, durante esse período, por meio do franco apoio dos colegas e da sua esposa. Grande número de alunos também compareceram ao Madeleine para parabenizá-lo e desejar sorte no novo empreendimento. Até os antigos desafetos passaram a tratá-lo com uma deferência não contumaz.

No dia da posse, Liam, acompanhado de Laura, subiu no seu coche e se pôs a caminho da Faculdade de Bornester. Chegando ao pátio de entrada, qual não foi sua surpresa, quando se deparou com uma grande multidão de estudantes, a saudarem-no carinhosamente, aos gritos de vivas e de urras. A emoção foi tanta que Liam teve que conter seus ímpetos naturais e se esforçar para não chorar. Foi com uma extrema energia interna, que Liam superou esses momentos e adentrou a instituição, que deveria administrar dali em diante.

Foi difícil conter o ânimo dos seus futuros pupilos e, com muita dificuldade, Liam e Laura finalmente ingressaram no auditório, onde se daria a solenidade. Liam foi recepcionado com igual entusiasmo pelos colegas médicos e professores que o aguardavam. Os alunos se aglomeraram nas cadeiras e nos corredores.

Assim que Liam se acomodou, num lugar reservado a si, na parte central da mesa, doutor Malcolm, o vice-reitor, se levantou e começou o seu discurso, diante de um silêncio súbito da platéia:

- A Faculdade de Bornester hoje se rejubila, e com razão; em seguida a incontáveis anos, nos quais a mesma se fez cega aos novos avanços da medicina moderna, depois de longos períodos em que a instituição viu bloqueado, de todas as formas, o seu espírito experimentalista, que foi o seu forte em tempos idos; enfim, após ver seu corpo docente enclausurado em seus próprios e falsos conceitos, que ouso qualificar como reacionários, eis que surge uma luz. Um brilhante momento que nos pode trazer não a glória ou a fama, mas o verdadeiro ensino e prática da medicina de Hipócrates. Estamos aqui, ao lado do nosso novo reitor, Dr. Liam Penley, que estará encarregado de nos resgatar desse período de retrocesso; foi com uma grande soma de altruísmo que o Dr. Penley superou antigas e justificáveis mágoas, para aceitar, estoicamente, esta incumbência. É com grande satisfação que eu passo a palavra agora a este nobre colega, para que faça as suas considerações.

Sucedeu-se uma salva de palmas e o reitor recém-empossado fez o seu discurso:

- Colegas professores e queridos alunos. Às vezes me interrogo sobre a verdadeira causa da queda de qualidade e produção de nossa querida faculdade. Temos, usualmente, a inclinação de atribuir a culpa a esse ou àquele indivíduo pelos males de que, por vezes, somos todos responsáveis. O médico experimentado tem, por tendência, a vocação de se tornar mais e mais insensível ante o pobre paciente que, com seu intenso sofrimento, se torna nada mais que um objeto de estudo e de geração de proventos. Sejamos menos impassíveis ante esse padecimento, soframos com a dor alheia, façamos que a aflição de nosso resignado doente nos torne ávidos por uma solução e nos alimente uma vontade incontrolável de acabar com a patologia malsã, que é a causadora de todo esse infortúnio. Creio que nossa falha está na frieza ante o tormento alheio e nos interesses mesquinhos que, na maioria das vezes, vem nos invadindo lentamente, com o passar de nossos anos de labuta. Curemos, inicialmente, em nós mesmos, essa mórbida enfermidade que, com o correr do tempo, fará com que pereçam em nossa personalidade, os mais nobres princípios de nossa excelsa profissão. Resolvido esse problema, de ordem estritamente pessoal, as conseqüências benéficas advirão naturalmente. Da minha parte, prometo fornecer-vos os meios necessários para que se ativem, outra vez, as pesquisas e para que todos tenham acesso às modernidades, que vêm enriquecendo a medicina atual para que, com isso, possamos, de alguma forma, contribuir para o desenvolvimento dessa excelsa ciência. Que Deus nos auxilie nos nossos intentos.

Uma nova salva entusiasmada de palmas, seguida de inúmeros cumprimentos, sucedeu o belo discurso de Liam. Em meio às ovações, por um instante, Liam pôde divisar a fisionomia de Murray, perdido na multidão, na terceira fileira de cadeiras. Suas feições não ostentavam o perfil desafiador de outrora e, pelo contrário, externavam um ar de humildade, misturado a um intenso sofrimento interno. Foi justamente por causa dessa sua expressão que Liam não conseguiu manifestar nem raiva, nem desprezo pelo antigo desafeto; ao invés disso, sentiu um pouco de compaixão por Murray, em função da sua degradante posição atual. Todos foram cumprimentar Liam, com exceção de Murray que, por conta da extrema vergonha que experimentava, não foi capaz de encarar o recém empossado.

Capítulo XV

Faltavam exatamente quatro semanas para a inauguração do Hospital Escola Sainte Madeleine. Um evento que marcaria a data pois celebraria também, a fusão das duas grandes instituições de ensino superior. Tudo teve que ser replanejado, pois agora o contingente de pessoas participantes seria bem maior.

Em um domingo, por volta das dezenove horas, na casa de Liam, o dia corria com a sua regularidade costumeira quando, subitamente, a campanhia tocou. Sofia atendeu a porta e, depois de alguns segundos, veio falar com o casal Penley, que se encontrava reunido na sala de estar:

- Dr. Penley, um senhor de aparência estranha, vestido com trajes muito exóticos, deseja falar convosco. Diz ele ser enviado do Dr. Méchain.

- Conduza-o à sala de visitas, por gentileza Sofia. - respondeu.

Automaticamente, Laura, curiosa, também se levantou e foi se arrumar, para ver de quem se tratava. Após alguns minutos, desceram a escada e foram ter com o visitante. Depararam-se com Jarish, o discípulo de Méchain que, antecipando-se ao casal, iniciou o diálogo:

- É um grande prazer rever-vos, Dr. Penley, e essa deve ser a Sra. Penley; sou Jarish, humilde pupilo do nosso querido Dr. Méchain.

Liam e Laura retribuíram os cumprimentos efusivamente e, antes que pudessem indagar alguma coisa sobre Méchain, o insólito personagem novamente se adiantou:

- Vim aqui, a pedido do Mestre, com o fim de providenciar a execução de uma reforma na sua antiga residência. Alguns preparativos urgentes devem ser providenciados para que a vivenda esteja apta a recebê-lo uma vez que, após a sua chegada, por ocasião da inauguração do novo Hospital Sainte Madeleine, ele intenta permanecer instalado aqui em Bornester, por algum tempo.

Liam, com feições de grande júbilo, ao saber que, finalmente, o companheiro lá se estabeleceria, respondeu:

- Será com grande alegria que receberemos o amigo e eminente figura, aqui em nossa Bornester. Ponho-me à disposição para ajudar em tudo o que for preciso para que os reparos estejam concluídos a tempo.

Laura acompanhava o diálogo fascinada. Realmente, como Liam descrevera anteriormente, o enviado de Victor tinha uma aparência completamente singular; o Sr. Jarish, apesar das feições forasteiras, não possuía qualquer sotaque que o denunciasse; pelo contrário, demonstrava grande fluência e desenvoltura na lida com a língua inglesa. Mesmo tendo ímpetos de indagar sobre Méchain, conseguiu contê-los, aguardando o desfecho da conversa. Em seguida à fala de Liam, Jarish finalizou o colóquio:

- Fico muito grato com a atenção dispensada, Dr. Penley, mas tudo o que necessito já foi providenciado, apenas peço, por determinação do Dr. Méchain que, com a finalidade de conter a especulação da classe médica local, digais a eles que o Mestre se instalará na residência dos Olcott por oferta vossa, e lá ficará, para poder melhor analisar e anotar dados, à respeito da fusão, que está para acontecer, entre as duas instituições médicas daqui, e que esse trabalho, depois, poderá ser implantado em outros pontos do globo, se o resultado for positivo.

- Perfeitamente, Sr. Jarish. Reforço apenas que se precisardes de algo, estaremos aqui à disposição ! – disse Liam, encerrando o diálogo.

Liam e Laura despediram-se e passaram a confabular alegremente, durante muito tempo, animados com a possibilidade de, outra vez, conviverem, lado a lado, com o antigo afeto. Ao mesmo tempo, discutiram os motivos que poderiam levar Victor a retornar ao lar, passados tantos anos. Mesmo depois de demorada especulação, isso permaneceu um mistério para os dois.

Nas três semanas que se passaram, foi grande a movimentação na velha morada, até então abandonada. Liam passava em frente às obras assiduamente e observava o entrar e sair dos operários, sempre comandados por Jarish. Nenhum dos rostos lhe eram familiares, o que denotava que todos eles haviam sido contratados em uma outra região. Jarish não fez mais, durante aquele período, qualquer nova visita aos Penley, intrigando-os por conta da sua maneira enigmática de proceder.

A uma semana da inauguração do novo complexo de ensino médico, uma cena nos atém na vivenda de Victor. Por volta das dez horas da noite, uma carruagem, com viseiras escuras, estacionou em frente à construção. Jarish, rapidamente, se postou diante da condução, abrindo a sua porta para um indivíduo que, ligeiramente, adentrou a casa. Lá dentro, pudemos reconhecer o enigmático vulto que, após tirar o chapéu, mostrou sua fisionomia. Tratava-se de Méchain, que se virou para o discípulo e falou:

- Vejo que executaste bem a tempo os meus desígnios, estimado confrade. Os meus apetrechos cerimoniais encontram-se na condução, peço que cuides pessoalmente deles e os acomodes na câmara reservada. Nescessitarei de algum tempo para harmonizar o padrão vibratório local e preparar-me para o importante evento final de um ciclo que, consigo pressentir mas não divisar, nas minhas perscrutações.

Jarish, com extremo cuidado, transportou cinco grandes baús lacrados para o porão, que agora fora modificado com a reforma, tornando-se uma sala secreta. Méchain o acompanhou e, logo que Jarish se viu a sós com Ele, desabafou:

- Mestre ! pela primeira vez, desde o nosso primeiro encontro, sinto-me assustado. O fato de não saberdes com certeza o que vos aguarda, me causa receio. Estais certo que se faz necessária uma permanência mais longa nesse local, que vos traz lembranças tão desagradáveis? – falou, de uma maneira apreensiva.

- Não te preocupes tanto! O destino, às vezes, nos toma as rédeas dos acontecimentos mas, sempre que estivermos imbuídos dos ideais que a nossa querida Fraternidade apregoa, nada deverá nos atormentar ou assustar. No momento, devo iniciar os preparativos para a implantação das cinco pontas no local, pois sinto que essas paredes ainda estão etericamente impregnadas pelos fatos desastrosos, que aqui se desenrolaram, anos atrás.

Transcorridos cinco dias desse diálogo, inesperadamente, Jarish fez uma nova visita aos Penley. Depois dos cumprimentos e de se acomodar no mesmo lugar, se dirigiu ao casal:

- Finalmente, as obras terminaram. Venho aqui, a pedido do Dr. Méchain, para avisar-vos que ele já se encontra lá, e que pretende vir visitar-vos hoje à noite, se não houver problema.

Quando mencionou o fato de Méchain estar na cidade, um síncrono sobressalto acometeu os Penley. Foi Laura quem respondeu:

- Não há qualquer inconveniente, diga ao Dr. Méchain que estaremos esperando-o aqui, às oito horas, e que nos dará muito prazer a sua visita.

- Sendo assim. Agradeço mais uma vez a recepção e volto, imediatamente, para transmitir o recado – finalizou Jarish.

A fim de evitar qualquer imprevisto com Sofia, que poderia se assustar com a visita, dispensaram-na mais cedo, por volta das sete horas da noite. Laura, pessoalmente, iria cuidar da recepção a Victor. Às oito horas, pontualmente, ouviu-se o tinir da campainha e a anfitriã apressou-se em atender. Jarish, que estava postado ao lado da carruagem, abriu sua portinhola. De lá, ela viu descer o mesmo Victor de treze anos atrás. Não teve dificuldade alguma em reconhecê-lo, visto que o mesmo não envelhecera nem se alterara em nenhum ponto, como se houvesse deixado aquelas paragens ontem mesmo. Notou apenas uma diferença em seu semblante, que agora expressava uma marcante fleuma, mesclada a uma insólita dignidade. Foi essa Laura, momentaneamente emudecida, que se deparou com o amigo, há tanto tempo ausente. Ela continuou emocionada, sem ser capaz de proferir palavra alguma; Victor, ou Méchain, como queiram, quebrou o silêncio, cumprimentando-a, de uma maneira informal:

- Até que enfim, tenho o prazer de rever a amiga e esposa de meu mais nobre companheiro. Não te assustes, preciosa Laura, sou eu mesmo quem se encontra diante de ti, em carne e osso.

Laura, rompendo o silêncio, finalmente conseguiu falar:

- Victor, que imensurável alegria tenho em rever-te, depois de tantos anos de exílio. Não sabes a falta que fizeste a nós dois. Mas entre, elidamos as saudades de tantos anos.

No interior da residência, encontrou Liam, que também o recebeu efusivamente, e começaram um diálogo, semelhante aos que proferiam nos tempos idos. Decorrida mais de uma década, estavam ali reunidos, a conversar frivolidades. Apesar de ter feito vários quitutes para agradar o convidado, Victor, não se sabe por qual motivo, recusou-se a beber ou a comer durante o agradável período. Mesmo assim, a prosa se desenvolveu com uma animação informal. Numa pausa oportuna, Victor aproveitou-se, e deu um rumo mais sério a sua fala:

- Laura, a despeito da obrigação, que me era imposta, de relatar os fatos que me levaram a desaparecer por tão longo tempo, da nossa querida Bornester, sinto que sou dispensado de tal dever, pois Liam deve tê-los pormenorizado a ti. Sei que estais curiosos para saber o verdadeiro porque do meu retorno ... tentarei esclarecer-vos. Na senda, da qual todos nós somos caminhantes, por vezes, certos obstáculos se opõem ao nosso avanço, uns menores, outros maiores. Pois vos digo que, na minha senda pessoal, em breve, enfrentarei um dos maiores deles, aqui em nossa cidade. Os detalhes desse acontecimento, nem a mim mesmo ainda foram revelados mas, tenho certeza de que estarei envolvido por sua teia, quando menos esperar.

- Caro amigo, me causam espanto e receio essas tuas afirmações. Tu que passaste por tantas agruras, nessa difícil vida, ainda tendo que te submeteres a algum sacrifício. Isto não é aceitável, por meu alvitre seria melhor então que te afastasses dessa região, que te oferece perigo, mesmo com o dissabor de não ter-te por perto. – falou Liam seriamente.

- Não vos preocupeis tanto. As boas intenções sempre triunfam, sobre tudo e sobre todos. Não devo, de maneira alguma, fugir desses obstáculos, a que acabei de referir-me, e sim transpô-los. Mas... voltemos ao nossos frugais assuntos de antes.

Para mudar o rumo formal que a conversação tomara, todos passaram a abordar outros temas, retornando aos motivos fúteis e às matérias relacionadas ao Sainte Madeleine e a sua fusão com a faculdade. Mesmo assim, a profunda impressão que deixaram as frases de Victor, iria tirar o sono do casal, que considerava findos os tempos de tempestades.

No dia seguinte, Liam recebeu a visita de Victor, esotericamente disfarçado em Méchain, nos prédios do Sainte Madeleine, pois o chamara com o objetivo de mostrar ao amigo, os progressos efetuados nas instalações. Todos os prédios novos foram construídos baseados nas mais recentes normas técnicas, que exigia a moderna medicina. Méchain cumprimentou o amigo e também a Edward Lowell pela brilhante realização.

Toda essa alegria, reinante entre os nossos protagonistas, contrastava com o misto de modorra e ressentimento, predominantes em um habitante de uma casa, um pouco distante dali. A alguns quilômetros da faculdade, do lado oposto ao que habitavam Liam e Victor, podíamos divisar uma grande mansão, ostentosa e demasiadamente ornamentada. Os seus grandes jardins, outrora floridos, careciam agora de alguns cuidados. Tratava-se residência dos Murray. No seu interior, na sala de estar, víamos Murray sentado em uma espreguiçadeira, enquanto lia um romance volumoso. Suas feições, malgrado a concentração que o momento lhe exigia, demonstravam uma tristeza profunda. Sua carga horária de trabalho se reduzira muitíssimo, desde que fora dispensado da função de reitor e, no momento, se resumia a algumas horas diárias de aula sobre infectologia, ministradas a uma turma específica da faculdade.

Murray cuidava pessoalmente da educação da filha. Ela encontrava-se nas fases finais da adolescência e se tornara um modelo de beleza feminina; possuía longos cabelos cacheados dourados, uma pele alva como o leite e feições delicadas e proporcionais; corroborando com a singular formosura, sua personalidade era amável e doce. Murray a considerava o seu maior tesouro na terra e a ela dedicava os seus mais sinceros cuidados. Na realidade, Murray havia sido um pai protetor e afetuoso, diferente da figura algoz, que ocupou tanto tempo a cadeira da reitoria da faculdade.

Ele ainda se encontrava lendo, quando foi interrompido por Dorothy, que entrou na sala e lhe falou, com a voz trêmula:

- Papai, sinto-me apreensiva e amedrontada. Os sonhos aos quais me referi, dias atrás, continuam a se repetir, perturbando-me. Sempre me vejo em um jardim maravilhoso, onde plantas e flores multicores se fazem presentes aos milhares; passeio por esse lugar indescritivelmente belo, por alguns minutos, experimentando uma sensação por demais enlevante quando, de repente, o sol que brilhava forte, iluminando aqueles campos, se escurece repentinamente, como se se eclipsasse, e uma escuridão medonha se segue, tomando conta de todo o belo recanto. As flores multicores se transformam em plantas exóticas, de cores purpúreas e negras. Assustada, nesse dantesco ambiente, passo a correr sem rumo até que um espectro negro, terrivelmente assombrador, aparece diante do meu ser, abarcando-me completamente em um desagradável amplexo e, nessa hora, eu me desperto com o coração disparado. Apesar de acordada, ainda sinto, nos primeiros instantes, alguma coisa me envolver. Papai, é terrível, não quero mais que esses sonhos maus se repitam – nessa hora começou a chorar.

Murray levantou-se e, percebendo a gravidade da situação, enlaçou a filha, com um abraço carinhoso, falando:

- Acalma-te filhinha, isso faz parte de uma fase passageira, comum à tua idade. Todos nós, vez ou outra, temos pesadelos inexplicáveis; faz parte da psiquê humana. Mas não te preocupes, eles vão findar, quando menos esperares.

- Ah papai, que o senhor tenha razão, pois não posso mais suportar essas imagens assustadoras. Hoje irei rezar muito para que meu anjo protetor venha em meu socorro.

Após proferir essa frase, a pequena princesa saiu preocupada e retirou-se para os seus aposentos. Murray dissimulou sua inquietação; estava muito apreensivo com os enfermiços sonhos da filha, que se repetiam, continuamente, há dois meses e haviam alterado o apetite de Dorothy, fazendo-a perder alguns quilos. A filha de Murray possuía uma saúde delicada e, por diversas vezes, adoeceu gravemente, atacada por patologias, que normalmente não causam mais que um contratempo fugaz, na maioria das pessoas. Com a imunidade assim, tão débil, ele sempre temia que contratempos, como esses, pudessem torná-la vulnerável a uma doença de maior letalidade.

Era difícil reconhecer Murray, na posição de pai aflito. Ele, nos seus momentos de lucidez moral, fizera uma análise de sua vida e, após essa reflexão, sentiu-se descontente com tudo que plantara e com a conseqüente colheita. Ali, derrotado em seus ideais e desprezado por todos, concluíra, extemporaneamente, que havia se firmado em propósitos espúrios. Só depois de perder tudo o que conseguira, na sua carreira vulgar, é que pôde enxergar o mal que deixou em seu caminho. Nada produzira, nada deixara, nem mesmo um nome honrado, do qual seus descendentes pudessem se orgulhar. Mas era tarde, pensava ele, o que poderia ele gerar de bom agora, tão tardiamente. Até o ódio mortal que sentia por Liam se transformou, de certo modo, em admiração. Murray podia ser mau, mas possuía uma inteligência privilegiada, o suficiente para analisar os fatos, e perceber que as boas intenções e a retidão dos atos de Liam haviam vencido, de todas as formas, as suas condutas condenáveis.

Murray, apesar de sua retrospectiva negativa, era dotado de uma forte determinação, e intentava enfrentar o seu passado preparando-se, diante disso, para comparecer à inauguração do novo complexo de ensino médico, que aconteceria no dia seguinte, e lá encarar aqueles que agora o menosprezavam.

Capítulo XVI

Finalmente, o dia da inauguração, do complexo de tratamento e ensino médico, formado pelo novo Sainte Madeleine e pela Faculdade de Bornester reestruturada, havia chegado.

Por ser uma cidade relativamente pequena, Bornester não estava preparada para um evento de tamanhas proporções e, por conseguinte, vários membros da Sociedade Médica Internacional, se instalaram, nos dias anteriores, nas casas dos Penley, dos Lowell e até mesmo na de Méchain. Vários outros médicos, oriundos dos mais diversos rincões, se estabeleceram em pequenas pensões, ou nas residências de alunos que, cordialmente, as cederam, no intuito de ajudar a concretização do acontecimento.

Um grande auditório, construído em um novo bloco do Madeleine, iria servir de palco para as solenidades. Malgrado a amplitude, esse ambiente do Sainte Madeleine não competia em tamanho e pompa com o da faculdade e, a despeito dos apelos repetidos dos colegas, para que as comemorações se realizassem lá, Liam, por motivos pessoais, preferiu efetuá-las no Madeleine.

Logo cedo, uma hora antes do início das festividades, começaram a chegar os primeiros estudantes de medicina que, depois de se posicionarem, passaram a conversar, animadamente, sobre o futuro promissor que teriam, incrementando seus conhecimentos em tão moderno estabelecimento de ensino que, mesmo antes do princípio de suas atividades, conquistara a atenção de vários outros países, fato esse, comprovado pelo grande número de personalidades estrangeiras, que ali estariam presentes. Na realidade, uma fusão como aquela jamais havia sido efetuada antes, e a experiência era motivo de muita atenção, dedicada por médicos de outras nações.

Pouco depois, o casal Penley adentrou as novas instalações. Liam e Laura foram logo se posicionando, na entrada do salão, a fim de recepcionar todos os doutores e acadêmicos que se aproximavam. Após algum tempo, o casal Lowell se postou ao lado dos dois, ajudando-os nessa tarefa.

Não tardou muito e marcaram também presença, a maioria da diretoria da Sociedade Internacional, bem como os membros dirigentes do novo conglomerado de ensino de Bornester.

Méchain foi um dos últimos a aparecer, quarenta e cinco minutos antes do discurso inicial, se colocando à direita de Penley e de Lowell. Todos que chegavam ao recinto, atiravam olhares perscrutadores aos ambientes do Sainte Madeleine, admirando-se, nesses momentos, com as esmeradas edificações e com a organização do evento. Sem sombra de dúvida, as amplas salas de estudo, os grandes anfiteatros cirúrgicos e a modernidade das instalações, fascinavam os visitantes, que se detinham, grande parte do tempo, analisando os seus detalhes.

Liam, em um determinado instante, planejando dar início à solenidade, se dirigiu aos corredores do Madeleine, a fim de sugerir aos colegas dispersos, que se reunissem no auditório. Percorreu corredores e mais corredores avisando a todos, até chegar aos jardins da frente, onde percebeu uma figura encabulada, parcialmente escondida em meio às arvores. Mediante um grande esforço, Liam pôde divisar a fisionomia do misterioso vulto: era Murray que, acanhadamente, ensaiava uma aproximação. Liam teve que se conter pois, por um breve momento, teve ímpetos de ir ao encontro de seu antigo desafeto. Moderando seus bons instintos, fingiu não vê-lo e retornou ao interior do prédio.

A cena inesperada mexera um pouco com os sentimentos de Liam. Jamais esperava ver um ser, antes orgulhoso e pleno de pretensão como Murray, numa posição tão vexatória e humilhante como aquela. Mesmo com todas as maldades que Murray engendrara, no passado recente, era difícil ter uma atitude completamente fria diante de tal passagem. Mas o perdão seria impossível, pensava Liam, como esquecer a morte do pequeno Phill que, sem dúvida, tivera relações indiretas com as ações maquiavélicas daquela pessoa. Procurando não mais pensar no ocorrido, percorreu o caminho de volta.

Era um Murray aparentemente diferente, quem estava ali. Um ser que internamente se arrependia de todos os atos pretéritos cometidos e que ansiava, não um perdão, mas arrostar, de frente, a situação, que ele mesmo criara. Mesmo assim, naqueles momentos iniciais, ele titubeara um pouco, atrasando-se em relação aos outros colegas, ao perceber que não poderia encarar Liam e, quem sabe, ter que ouvir algum desabafo. Esperou alguns minutos, depois da entrada de Liam e, só após, aventurou-se porta adentro.

Examinava cada pormenor, impressionado com o bom gosto da obra. Detinha-se em toda porta entreaberta para visualizar aquilo que ele mesmo poderia ter concretizado, não fosse sua cupidez. Enraivecia-se consigo mesmo por ter sido tão cego durante tantos anos. Caminhava pausadamente, quando se deparou com uma placa que apontava o auditório à direita. No propósito de ver outras partes do prédio, Murray, ao invés de se desviar rumo ao local do evento, seguiu reto, por onde continuava o corredor. Passou por duas portas e se deteve em uma terceira, da qual partiam alguns sons. Não contendo seus antigos maus hábitos, aproximou o ouvido rente à mesma, conseguindo escutar o seguinte diálogo:

- Meu estimado Liam, não tive a oportunidade de falar-te anteriormente a respeito da nova chapa diretora da Sociedade que, em breve, deverá ser eleita, em substituição à nossa atual, que tem quase por terminado o seu período de atuação. Tenho firmes intenções de que seja continuado o trabalho atual, que ainda não se deu por concluído, e para isso, necessito que alguém, de minha inteira confiança e consideração, assuma, na nossa futura chapa, a posição de presidente, e quem melhor que tu, meu caro amigo, que demonstraste obstinação em teus projetos altruístas, para que esse meu último desejo se torne real. Peço-te esse derradeiro favor, sabendo, de antemão, que apenas o árduo labor te aguardará, nessa nova empreitada.

Era Méchain quem falava, num tom mais solene que o habitual e com uma certa emoção destinada àquelas palavras. Liam, demonstrando surpresa, se dirigiu ao camarada, que aguardava sua resposta:

- Mas como, meu caro? Se ainda existem coisas inacabadas, tu mesmo as finalizarás. Não me sinto, nem merecedor, nem capaz de assumir tal posto, o qual tens abrilhantado nesses últimos anos. Aceito sim, se for útil a tua nobre causa, assumir uma função subalterna, na chapa em que te reelegeres presidente.

- Não te subestimes e deixa a modéstia de lado, Liam! Tua competência é inegável e não aches que fui somente eu quem sugeriu o teu nome para encabeçar a nova chapa, mas também vários dos nossos colegas, das outras diretorias de áreas médicas da Sociedade Internacional. Nem imaginas o quanto eles te tem em alta conta. Por isso mesmo, tomei a liberdade de convidar-te, aqui mesmo, antes da inauguração, para que saibas por mim, e não por meio de outro. Agradeço muito a referência feita à minha pessoa, Liam, mas sinto que o meu período de atividades está se dando por concluído, enquanto a obra está apenas começando, e, por isso mesmo, a batuta deve ser passada para outro membro de comprovada capacidade, e a ti deverá ser confiada essa nova fase da missão, meu inestimável amigo.

A emoção tomou conta de Liam, primeiramente, devido aos elogios proferidos por uma pessoa tida em tão alta conta e, depois, por não entender o que Méchain pretendia dizer com a frase “o meu período de atividades está se dando por concluído”; aquilo era totalmente inesperado para ele. Sem conter a comoção, na qual se viu envolvido, Liam, impulsivamente, se dirigiu a Méchain:

- Victor, o que queres dizer com isso? Como assim? Não vais mais continuar na Sociedade? Vais nos deixar de novo sozinhos ?

- Acalma-te Liam, nem sempre somos donos de nossos destinos. As situações se alteram e com elas as nossas tarefas. Apesar de, quase sempre, depois de ter assumido o lugar em que me situo na Fraternidade, poder antever o que me aguarda e manipular, à minha vontade, os acontecimentos futuros, não me está sendo possível desvendar o que me espera nesses próximos meses. Sinto apenas, que está findando um período turbulento nessa minha senda e que, em pouco tempo, abandonarei as minhas atividades atuais para, só então, assumir outras.

O Méchain introspectivo, se transformou e, de uma maneira mais alegre, continuou:

- Mas não tenhas dúvidas Liam, sempre estaremos juntos, qualquer que seja essa nova fase. Por falar nisso, sê mais cauteloso e não te dirijas a mim como Victor, senão acabarás me entregando, durante qualquer papo informal, que tivermos, na presença de terceiros.

Um Liam mais calmo e menos emotivo, respondeu:

- Desculpe-me “Méchain”, mas é que a emoção me alterou o raciocínio. Retornemos ao anfiteatro, que os nossos colegas nos aguardam para darmos início às palestras.

Nessa parte da fala de Liam, Murray, que a tudo escutara, enquanto abeirava-se da porta, saiu, apressadamente, evitando, assim, ser visto. O indivíduo aparentemente arrependido e resignado, a quem nos referimos há pouco tempo, se modificara subitamente. Seu espírito, temporariamente abrandado pela derrota, transmutara-se ao ouvir o nome de Victor. Murray, pensava entender tudo: ele, Victor, havia voltado, servindo-se de diabólicos sortilégios, para se vingar. De novo, a partir desse momento, passou a brilhar, o olhar malévolo de antes, na sua feição satisfeita. Ele, que aparentemente mudara, agora se sentia vítima de uma conspiração macabra, idealizada por Victor e Liam. Em sua pequenez moral, era incapaz de rever os fatos e analisá-los logicamente. Enfim, achara uma desculpa para toda a situação vexatória e humilhante que estava vivenciando. Decidido a reverter essa situação, Murray, que se dirigira para a parte da frente do prédio, ingressou, outra vez, no Sainte Madeleine, caminhando em direção à reunião, com um pedantismo, que há algum tempo não demonstrava.

A essa altura da noite, Liam assumira a posição central, na grande mesa do auditório, e dera início ao discurso inaugural. Sob aplausos generalizados, ele decantou o seu feito, dando ênfase à modernidade das novas instalações e aos métodos de escol, que ali seriam utilizados, não deixando de agradecer, entretanto, a ajuda dos colegas de Bornester e da Sociedade Internacional, que tanto o apoiaram. Em determinado ponto de sua fala, percebeu que Murray entrou no recinto, indo se colocar em uma das laterais, em pé, ao seu lado esquerdo. Por um momento, dando vazão a sua curiosidade, passou um resvalo de olhar em seu velho inimigo e, nesse ínterim, um gélido arrepio percorreu instantaneamente seu corpo. Percebera assustado, num lampejo de segundo, a mesma pérfida feição de outrora, a mesma malícia que há tempo não via estampada em Murray. Um receio intenso, como um mau pressentimento, o envolveu, a ponto de lhe faltarem as palavras por alguns instantes. “Porque Murray, há pouco tímido e receoso, estava ali, próximo de si, a desdenhar de si” – pensava Liam. Ele, que o conhecia por demais, sabia que algo mudara e que logo poderia esperar uma nova investida daquele ser sem caráter. Mal pôde terminar sua parte, passando, logo em seguida, a palavra para o presidente da Sociedade, Méchain. Este, após um curto intervalo, fez seu exórdio:

- Prezados colegas que aqui nos honram com as suas presenças, esse hospital-escola, ao nosso redor, significa muito mais que o simples aprimoramento do atendimento médico desse país, é um marco da modernidade e do futuro a que devemos conduzir a medicina moderna. A idealização de tamanho empreendimento, tão diferente de outros similares que temos visto e com conceitos tão diversos nas questões tidas, até então, como dogmas profissionais, significa o porvir que, com o empenho de todos os doutores de boa vontade, tratará de ser implantado e difundido em outros rincões. Essa obra também traduz a capacidade e a sensibilidade de um homem, as do nosso colega de conceituada figura Dr. Liam Penley. Sinto que uma etapa do nosso objetivo foi vencida, e, ao mesmo tempo, vislumbro uma continuidade das conquistas obtidas nesse período. O prosseguimento se faz necessário, nesse momento, para que as vitórias alcançadas, ainda em seu período de frágil adolescência, atinjam uma maturidade estruturada e duradoura. Por problemas particulares que só a mim competem, concedo-me o direito de recusar aos vários apelos para continuar no cargo que atualmente ocupo, e indicar um substituto que melhores condições terá para perseverar nessa tarefa. Que melhor oportunidade do que essa para apontar, merecidamente, o Dr. Liam Penley como meu sucessor.

Uma grande e demorada salva de palmas fez-se ouvir, em cumplicidade à vontade de Méchain. Liam fora pego de surpresa; não sabia que Méchain o indicaria tão rapidamente e, por pouco, não se conteve e foi às lágrimas. A despeito da emoção, provocada pelas palavras elogiosas, proferidas por Méchain, não pôde esquecer de Murray e, por um momento, não conteve o impulso de, novamente, encará-lo. Outra vez, viu um Murray ferino, a flertá-lo afrontosamente. Foi com algum esforço que Liam ergueu a cabeça e fez as suas ilações, dando ensejo ao início do coquetel inaugural.

Murray se retirou, logo depois da fala de Liam, absorto em seus pensamentos de vingança. Teve ímpetos de, ali mesmo, esclarecer os fatos, desmascarando Méchain e Liam, à frente de todos os convidados, mas o receio de ser tomado por louco o conteve. Precisava de provas materiais e já tinha imaginado como conseguí-las.

Enquanto isso, a festa acontecia, embalada com os ânimos da nova sociedade médica local, alegre por se ver tão prestigiada. Só mesmo em Liam não se viam tantos sinais de felicidade; a preocupação com a mudança repentina de atitude, que percebera em Murray, o levou a andar repetidamente, de um lado para o outro, durante a celebração. Em um determinado momento, Méchain, notando a aflição do amigo, chamou-o reservadamente e disse:

- Vejo estampado em ti, meu amigo, uma ansiedade por algo inesperado que aqui percebeste. Noto que essa tua apreensão tem fundamentos, mas asseguro-te que as tuas sempre retas ações te salvaguardarão de qualquer ato deste nosso conhecido desafeto. Por um momento, pude levantar ligeiramente o Véu de Ísis, que cobria o meu iminente destino, e perceber que esse indivíduo, que supúnhamos derrotado, ainda tentará usar sua última cartada, em conjunção com algo terrível, que esse rápido vislumbre, não me pôde deixar antever. Algo mais forte do que tudo que experimentei até hoje, me bloqueia parcialmente os sentidos, aguardando-me para um final inexorável, de que só me aperceberei, no seu devido tempo. Mas a calma está presente em mim e a consciência tranqüila me proporciona uma confiança inabalável. Não te preocupes, meu caro Liam, firma-te também em tua consciência sem mácula e esquece o porvir, pois tens que ser o anfitrião que todos esperam.

Liam, tocado com as palavras de Méchain, conseguiu apenas balbuciar um embargado comentário:

- Me desculpa, Méchain, é que eu pensava que essa era uma etapa vencida, e me enganei.

Logo após, Liam voltou ao convívio dos outros colegas tentando, por todas as maneiras, dissimular sua ansiedade.

Méchain, que se retirou do lugar, depois dessa conversa, chegou em casa e foi logo solicitando a presença de Jarish que, imediatamente, o atendeu. Ordenou-lhe, então:

- Jarish, amanhã à noite terei que me ausentar, a fim de me reunir com o Dr. Liam em sua residência. Quero que te recolhas aos teus aposentos às oito horas, pontualmente, e de lá não te retires mais, mesmo que ouças ruídos aqui de baixo. É muito importante, e por isso mesmo quero que ordenes aos outros serviçais, para que sigam a mesma conduta. Outra coisa, peço que, antes de ires repousar, deixes a porta, que dá acesso à minha sala secreta, entreaberta. Qualquer dúvida que tiveres, esclarece agora.

Tarefas como essa eram recebidas com naturalidade. Jarish estava acostumado com as sessões místicas que Méchain realizava em seu castelo, em Paris. Com um sinal positivo, Jarish confirmou, reverentemente, o entendimento das orientações, retirando-se logo em seguida. Méchain sentou-se em sua antiga poltrona, na biblioteca, e lá ficou estático, por várias horas, com o olhar fixo, viajando, em pensamento, a outros lugares.

Capítulo XVII

Uma sádica satisfação dominou Murray, depois da descoberta da verdadeira identidade de Méchain. Confiante em que poderia desmascarar ambos os inimigos, percorreu satisfeito os caminhos que o conduziam de volta à sua morada.

Não podia entender como Victor conseguira se disfarçar tão convincentemente em Méchain. Somente com auxílio de algum tipo de feitiçaria, poderia ele ter conseguido tal façanha – divagava Murray.

Os maus instintos haviam retornado com toda a força, impulsionando seu intelecto que, agora, buscava avidamente uma maneira de materializar o seu desejo de vingança. Pouco tempo foi necessário para que surgisse uma idéia, oriunda de sua mente perturbada.

Como conhecia a casa de Victor que, noutros tempos, sorrateiramente invadira, Murray intentava de novo penetrá-la para, de alguma forma, conseguir um indício que desmoralizasse os dois rivais. Tudo deveria ser bem planejado pois, qualquer falha, seria catastrófica para si, em razão do seu moral, que estava bem baixo, do ponto de vista de todos os colegas. Foi com esses diabólicos pensamentos, que ele adentrou o seu lar e passou a arquitetar os planos de sua revanche.

Por meio de um conhecido, também professor, ficou sabendo que todos os membros componentes da diretoria da Sociedade Internacional, bem como vários docentes do complexo de ensino recém-formado, iriam se reunir, na noite seguinte à inauguração, na casa de Liam, a fim de se confraternizarem; esse seria o momento ideal para conseguir as almejadas provas.

Fazendo-se servir de sua recidivante malevolência, saiu às vinte horas e meia, em ponto, na direção da residência do desafeto.

Chegando às suas proximidades, Murray atribuiu à sorte, o fato de a residência de Victor estar completamente às escuras, sem nenhum movimento de pessoas, que pudesse frustrar o seu projeto. Achou que tudo estava perfeito e, aproveitando o momento favorável, abeirou-se, com cuidado, da antiga janela, junto ao solo, que dava visibilidade ao porão. Para sua decepção, não mais ali se encontrava a abertura, que fora toda recoberta por alvenaria. Teve ímpetos de recuar, mas sua determinação revanchista era maior. Se dirigiu à porta da frente, girando lentamente a maçaneta. Para sua felicidade, a mesma encontrava-se destrancada, permitindo que ingressasse na sala principal, sem maiores dificuldades. Sorrateiramente, acendeu uma vela e se encaminhou para o fundo desse amplo ambiente, indo dar em um comprido corredor. Logo de início, uma coisa lhe chamou a atenção: uma parte do armário, de mogno maciço, que cobria toda a lateral da galeria, encontrava-se desalinhada. Logo notou que se tratava de uma entrada disfarçada, a mesma que Victor solicitara a Jarish para que deixasse entreaberta.

Com algum esforço, Murray puxou a estante na sua direção. Uma escada descendente apareceu à sua frente. Reconheceu o mesmo caminho que percorrera, na ocasião do furto dos trabalhos de Victor. Ao visualizar a passagem escura, um suor gélido desceu-lhe a fronte, como se um mau pressentimento o alertasse, sugerindo o retorno como alvitre mas ele, com sua obstinação irrefreável, negou-se a dar ouvidos a sua intuição e, segurando firmemente a vela à sua frente, se aventurou no sombrio ambiente.

Descia vagarosamente os degraus quando odores variados, das mais desconhecidas e exóticas fragrâncias, embeberam-lhe os sentidos, causando-lhe um estranho entorpecimento. Aquilo que experimentava, lhe era totalmente inesperado mas, sua ânsia de conseguir o que queria, o faria continuar.

Num primeiro vislumbre, viu que o pequeno cômodo de outrora, havia sido reformado e ampliado, dando lugar a um vasto salão, repleto de estantes. À sua esquerda, divisou uma cadeira majestosa, ornamentada com detalhes dourados, e à sua frente, desenhado ao solo, uma grande estrela de cinco pontas, rodeada por caracteres enigmáticos. No lado oposto, pôde distinguir uma grande seqüência de móveis, sendo que o primeiro e o segundo continham uma grande quantidade de frascos variados, com as mais diversas e coloridas substâncias. Os mais distantes, a seu turno, estavam repletos de livros antigos.

O que mais lhe prendeu a atenção foram os dois primeiros armários, que guardavam aqueles recipientes tão intrigantes. Se aproximou do primeiro e, só então, percebeu que os receptáculos estavam todos rotulados. Passou a ler as inscrições, em seqüência, sendo que não faziam o menor significado para si: extrato de hirda, essência de riga, fluído minimizado de arfídia, etc. Estava quase perdendo o seu interesse nos indecifráveis vasilhames quando um, em especial, lhe chamou a atenção: o que abrigava um líquido róseo límpido e que evidenciava, em seu rótulo, a seguinte inscrição: ELIXIR DO DESPERTAR DE CHADÂYATANA.

Murray não se conteve, apanhou a singular garrafinha, examinando-a detidamente. Em determinado momento, retirou a tampa que lhe vedava o interior e, num ímpeto natural, levou-a junto ao nariz, com a finalidade de lhe sentir o odor. Quando aspirou o vapor emanante daquele fluido, uma queimação insuportável e sufocante tomou-lhe a fronte. Aquilo impregnou-lhe os sentidos subitamente, como se uma gosma etérica houvesse lhe penetrado as vias respiratórias, comprimindo-lhe toda a face. Quanto mais tossia, para se livrar da pavorosa sensação, mais se sentia tragado pelo veneno que manipulara. A visão turva não lhe permitia mais distinguir com clareza o lugar. O desejo de se retirar era grande, mas a embriaguez, que o dominara, não permitia. Após cinco minutos de pânico, a irritação provocada pela terrível substância, começou a se amainar, mesmo assim, o porão, parecia ter adquirido vida própria, movimentando-se num lúgubre balanço pulsante. O lugar agora se tingira com tonalidades multicores, e ostentava inéditas e exóticas inscrições coloridas em suas paredes.

Malgrado não se sentir ainda dono de seus sentidos, que até então se encontravam obnubilados, Murray, cambaleante, tentou se dirigir de volta às partes superiores da construção. Nesse instante, um fato aterrorizante brecou-lhe: do fundo da sala, junto às estantes de livros mais distantes, insidiosamente e progressivamente, foi se fazendo notar, um horripilante vulto. A sombra pavorosa, rastejava lentamente na sua direção, causando-lhe uma impressão de inexprimível terror. Logo que pôde observar melhor as características do espectro, os seus temores se superlativaram.

Divisou uma criatura de um vermelho enegrecido execrável, de aspecto dantesco e de traços grotescos. A entidade tenebrosa, serpenteava vagarosamente, enquanto exalava uma fragrância nauseante, semelhante a uma mistura potencializada de inúmeros perfumes baratos. O caminho por onde passava se transformava em um abominável pântano, coberto por uma lama escarlate, escura e viscosa.

Uma pessoa normal teria desmaiado mas Murray, a despeito do caráter malévolo, possuía uma resistência incomum às adversidades. Mesmo com o horror indescritível que experimentava, naqueles seculares minutos, tentou se esquivar e correr; porém, ao dar o primeiro passo, o ser, modificando a sua vagarosidade, executou um movimento abrupto e se interpôs entre Murray e os degraus, encarando-o de frente. Depois de fazê-lo, o fantasma deixou entrever os seus pontiagudos dentes, soltando uma maliciosa risada, balbuciando, logo após, as seguintes palavras:

- É um prazer rever-te, doce Murray. Me causa imensurável felicidade poder, a partir de hoje, nos vermos reciprocamente. Nunca mais nos separaremos, companheiro de todas as horas; te despertaste, levantando a débil cortina que te tornava insensível ao meu mundo; sendo assim, poderei influenciar-te conscientemente, ao invés de fazê-lo, à revelia de tua percepção.

As palavras foram proferidas a uma distância próxima, fazendo com que Murray sentisse o seu forte e lascivo hálito. Depois desse primeiro contato, o monstro separou novamente os lábios expressando seu contentamento, por meio de outro tenebroso riso. O que era aquilo que se postava a sua frente? – pensava ele; Uma nova e potencializada indisposição fez com que Murray quase desfalecesse, mas ele, apesar do pânico que insistia em o abarcar, esforçou-se para manter o domínio da situação. Levantando a cabeça, fixou o olhar na umbralina aparição e, com a voz trêmula, respondeu:

- Quem sois vós, besta infernal? Ordeno que retorneis às entranhas de onde partistes e que permitais seguir o meu caminho. Nada tive, nem, nada tenho a tratar convosco, por isso mesmo, deixai-me sair, afastando-vos da minha frente.

O ente sobrenatural não modificou o semblante sarcástico e malicioso, replicando calmamente:

- Que memória curta tens, meu querido. Vejo que a tua nova roupagem te ocultou as recentes reminiscências. Mas acalma-te, a parceria que nos une está fortemente consolidada e eu mesma te recordarei, aos poucos, dos teus deveres para comigo.

Murray não agüentou mais, depois daquelas incompreensíveis frases ele, desesperadamente, se atirou sobre o espectro, na intenção de alcançar a escada e seguir o seu caminho de volta. Ao encostar no ser sentiu, fisicamente, uma consistência de gelatina pegajosa e fétida que ofereceu uma certa resistência à sua passagem e iria impregná-lo por um longo tempo. Mas o mais difícil, durante o momento de desespero, foi o que assimilou emocionalmente, ao penetrar na monstruosidade: percebeu, intuitivamente, a decrepitude moral que ali se encarcerava, um misto de luxúria, malícia e malignidade elevados a um grau jamais imaginável. Sem nenhuma dúvida, se inferno houvesse, aquilo só poderia ter de lá se originado – pensava ele, durante aquele turbilhão de sensações.

Com uma coragem e resistência invejáveis, ele se viu livre e conseguiu, rapidamente, subir os degraus, alcançando os jardins da propriedade. Sem mais delongas, passou a correr para sua carruagem, a qual deixara a alguma distância, em um bosque vizinho.

E foi durante a travessia dessa mata que Murray notou que algo havia mudado em seus sentidos; percebia pequenas e bizarras criaturas correndo ou voando entre as árvores. A vegetação parecia ter vida e se viam vários seres, de aspecto muito exótico, a perambularem em seus arredores. Diminutos entes alados também eram vistos com freqüência. Murray se julgava sob o efeito de um alucinógeno.

Mas o temor, que a monstruosidade abismal lhe infundira, não o deixava concatenar as idéias; tudo o que Murray queria era chegar em casa e repousar, a fim de que o efeito daquela droga malsã se esgotasse.

Enquanto percorria o trajeto de volta, ele se viu atormentado por aterradoras visões. Só pôde sentir algum alívio quando avistou sua residência ao longe. Agora – pensava Murray – poderia descansar e, após algum tempo, se ver livre daqueles delírios. De certa forma, estava satisfeito por ter conseguido escapar da armadilha que quase o engalfinhou, no macabro porão da casa de Victor.

Rapidamente, abandonou a condução e entrou na sua casa. Mas ele, que se julgava livre das tragédias daquele dia, ao penetrar na sala principal, deparou-se com sua querida filha, desmaiada ao centro. Aproximou-se e, percebendo que Dorothy ainda respirava, correu ao seu quarto, à procura de sais de amônia.

Ao fazê-la aspirar o sal contido no frasco, percebeu uma reação em Dorothy, que voltou lentamente à consciência. A delicada jovem abriu os olhos e passou a falar palavras desconexas, expressando um medo espástico com o olhar:

- Papai, estás aqui, me livra daquele horrível teratismo, que encontrei rastejando aqui na sala. Jamais vi coisa mais diabólica e repulsiva. Um ser de cor vermelha e de feições indescritivelmente medonhas. Sei que morrerei se encontrá-lo de novo. Me ajuda papai.

Uma imensurável apreensão subjugou Murray, ao ouvir as declarações, inicialmente desconexas, de sua filha. Como Dorothy pôde ter tido as mesmas alucinações que ele, se ela não aspirara a insalubre substância da casa de Victor? – indagava mentalmente.

Murray podia ser extremamente céptico, em relação a esses fenômenos sobrenaturais, mas estava impressionado com a coincidência do ocorrido. Mesmo assim, preferia atribuir àquele fato, a uma obra do acaso e, estava para proferir algumas palavras de consolo a sua Dorothy quando, de repente, seus olhos se arregalaram e ela, com uma feição que nunca vira, se afastou do pai, externando extremo pavor, enquanto balbuciava:

- Pai! Lá vem ela de novo, atrás de ti, e se aproxima! – soltou um grito desesperado e, mais uma vez, desmaiou.

Murray, atordoado, virou-se para a direção que a filha havia indicado e viu, mais aterrorizado do que antes, a mesma aberração horrenda, que contatara logo antes. Numa atitude de pai protetor Murray, com um salto, se postou entre a aparição e a sua querida e, fazendo um hercúleo esforço para manter-se firme, encarou-a. Com o máximo de firmeza que o seu ser era capaz de expressar, se dirigiu a ela:

- Demoníaca potestade, abandonai esta casa, imediatamente. O que tenha feito eu erradamente, em meus ímpetos irresponsáveis, me esforçarei por desfazê-lo. Parai de incomodar Dorothy que, por vossa causa, encontra-se em estado de choque. Em breve, estarei livre dessa maldição temporária, na qual me envolvi, ao aspirar aquela porção enfermiça ...

Ao proferir essa última frase, foi interrompido:

- Ah, Ah, Ah ... incauto Murray, não avaliaste ainda a extensão de teus atos. Agiste tal qual um irracional símio, solto por acidente em um laboratório de química avançada. Sabe pois, que o líquido que inalastes, se encontrava em uma concentração altíssima e te abriu os sentidos astrais pelas próximas vinte vidas, meu caro. Nada que faças poderá curá-lo, agüenta, portanto, a conseqüência de tuas ações.

Murray acreditava estar vivendo um pesadelo. A coisa à sua frente raciocinava demais para ser simplesmente um devaneio de sua mente entorpecida. Contendo a emoção, balbuciou a seguinte frase:

- E por que Dorothy também foi afetada, tornando-se sensível a vossa presença ?

- Nem parece o mesmo Jeremy que conheci há tempos. Olvidaste as lições primárias de tuas iniciações Murray? Por certo, ainda te recordas ou já ouviste falar em sintonia mental. Pois aí está a justificativa para a influência que exerces sobre tua filha e o porque de tua ascendência sobre os sentidos ocultos de Dorothy.

Murray, combalido e extremamente fatigado, nada compreendia da inusitada situação. Quem era Jeremy e por que a criatura se dirigira a ele sob tal denominação ? Antecipando qualquer nova indagação o espírito maligno prosseguiu:

- Vamos com calma companheiro, o que queres saber, virá em pequenas doses para que não te sobrecarregues. Mas para reavivar-te a memória, que parece tão debilitada, não te lembras do rebelde Jeremy, da Grande Fraternidade da Tríplice Aliança?

Pronunciando essa frase, se virou de costas e saiu, da mesma maneira que entrou, deixando o mesmo rastro pútrido e deletério, que impregnava o ambiente com as mais repugnantes emanações.

Murray reuniu suas derradeiras forças e colocou a filha em seu quarto, adormecendo ao seu lado, em uma poltrona. Durante toda a noite foi torturado pelos mais horríveis pesadelos.

Num desses sonhos se viu, estranhamente, ao lado de Victor, trajando ambos alvos roupões e conversando, por mais contraditório que parecesse, amigavelmente. Atravessavam um campo de beleza incomparável quando, de repente, Victor desaparecia, no meio de uma névoa, e o céu, que se encontrava límpido e claro, se tingia com o mais negro tom. A natureza, antes esplendorosa, se manifestava, agora, por meio de entidades decrépitas, de cores escarlates e purpúreas. Nesse inferno repentino, surgia a satânica figura, que, há pouco, ele tivera o desprazer de conhecer. Subitamente, acordava sobressaltado. Ao voltar a dormir, tudo se repetia.

Capítulo XVIII

Murray amanheceu alquebrado, pois não conseguira um minuto sequer de sono, durante aquela catastrófica noite. Permaneceu todo o período, ao lado de Dorothy, que continuava adormecida. Ao raiar do sol, aproximou-se, lentamente, da filha e sussurrou ao seu ouvido:

- Filhinha, filhinha ! Acorda, papai está aqui contigo.

Para sua decepção, a debilitada menina despertou com o mesmo semblante assustado de antes, murmurando frases desconexas:

- Papai, que coisa infernal, que abominação, é o fim, é o fim...

Murray se impressionou com o estado de sua querida filha. Os seus olhos expressavam um enorme pavor e, ao mesmo tempo, um certo desequilíbrio. Ele já começava a se desesperar, pois nunca a havia visto naquele estado. Enquanto isso, a donzela continuava imersa em seus delírios:

- Livra-me desses pesadelos, agora a coisa também faz parte deles, eu não posso mais suportar essa agrura. Salva-me, por favor, papai...

Ela não mais resistiu aos tormentos e perdeu, mais uma vez, os sentidos. Sem hesitar, Murray chamou sua governanta, orientou-a para que não saísse do lado da enferma e, mais do que depressa, se pôs a caminho da residência de um colega especializado em transtornos psicológicos.

Dr. Barthold habitava, a algumas milhas de distância, uma vetusta residência, que carecia, há muito tempo, de algumas reformas. Enviuvara-se há uns quinze anos e, depois desse fato, descuidou-se da casa e de sua apresentação pessoal. Partilhava com Murray as mesmas concepções reacionárias e conservadoras sobre a medicina, repudiando continuamente qualquer inovação. Por conta dessa sintonia de pensamentos é que ele foi o primeiro a ser lembrado, naquele período de aflição.

Chegando à morada do colega, Murray solicitou sua presença e foi imediatamente colocado na sala de espera. O dono da casa não tardou a aparecer, sendo, sem delongas, posto a par das circunstâncias. O velho doutor apanhou sua valise de exames, que continha, de praxe, algumas drogas já preparadas, e foi examinar a doente.

Em poucos minutos, ambos estavam em frente ao leito de Dorothy. Com um pouco de amônia, Dr. Barthold embebeu um lenço e o aproximou das narinas da paciente que, rapidamente, esboçou uma reação à substância irritante. Acordada de repente, do sono em que se mergulhara, a pequena abriu os olhos e, para surpresa de Murray, falou de um modo mais calmo, embora ainda pronunciasse frases incongruentes, na interpretação do Dr. Barthold, mas que faziam algum sentido para seu pai:

- Papai, que coisa horrível me aconteceu, que visões terríveis eu tive, não me deixes mais aqui sozinha, tenho medo. Mas, graças a Deus, agora me sinto melhor.

O princípio de recuperação, emocionou Murray que, não se contendo, abraçou carinhosamente a filha, num sincero gesto de amor paternal. Mas, para a arrebatação repentina de todos, a fisionomia parcialmente tranqüila da enferma, mais uma vez se transformou numa outra, de extremo terror, e ela, olhando para um canto da sala, repetiu a mesma cena do dia anterior, murmurando com a voz trêmula:

- Papai, é ela de novo. A aberração, a aberração ...

Foi progressivamente desfalecendo, enquanto pronunciava aqueles dizeres, suplicantemente. Murray sentiu a repulsiva presença e virou-se bruscamente para o local indicado pela filha, onde pôde perceber a besta, ali postada, zombando da triste situação. Ignorando o colega, levantou-se sobressaltado e, com o tom de voz elevado, esbravejou:

- Deixai-nos em paz, demônio inominável. Não percebeis que estás aniquilando Dorothy. Sua frágil constituição não conseguirá mais suportar a tua maléfica aproximação, ser diabólico, deixai-nos em paz, deixai-nos em paz – imprimindo um aspecto cada vez mais emocionado à sua fala, findou por se atirar ao solo em lágrimas.

A aparição, mantendo o seu sinistro sorriso, chacoalhou-se por inteira e, com a mesma luxuriante e irritante voz, pronunciou o seguinte:

- Insistes em me negar, pobre Murray? Pois saibeis que me deves e insistirei em cobrar-te. Quanto mais resistires, mais desgraças te cairão sobre os ombros. A missão que te confiei, encontra-se ainda inacabada. Pois tudo bem, oportunamente, virei ter contigo novamente e, nessa ocasião, espero encontrar-te com um outro estado de espírito !

Virando-se na direção da parede sólida, rastejou e atravessou-a, sem dificuldades. Desapareceu então, mas não sem antes deixar um insuportável odor.

Dr. Barthold presenciava atônito o bizarro fato. Como interpretar aquele delírio em família? Jamais vivenciara uma coincidência tão marcante de alucinações. Vira uma filha e um pai histéricos, dirigindo a palavra a uma parte vazia do recinto. Mantendo o auto controle, Dr. Barthold amparou o colega, conduzindo-o até o quarto contíguo, onde iniciou um breve diálogo:

- Acalma-te Murray, nunca te vi dessa maneira. A sobrecarga emocional que afeta tua menina só tenderá a piorar se coadjuvares com essas atitudes tresloucadas. Que coisa foi aquela de conversares com as paredes, alimentando os delírios doentios de Dorothy.

Murray interrompeu Barthold, dizendo, de uma maneira ainda emocionada:

- Não compreendes, meu caro Barthold, Dorothy pode estar mesmo tendo essas visões.

- Claro que pode, mas só dentro da sua própria mente abalada, pois é impossível que os dois tenham o mesmo tipo de visões. Peço que te controles e que pares com esses absurdos pois será tu mesmo, com esses gestos, que colaborarás para a piora clínica de tua amada filha. Contem-te, portanto, e não alimentes a inconseqüente imaginação de Dorothy. Tratarei de medicá-la com esse coquetel de drogas tranqüilizantes e, tenho certeza de que, dentro de alguns dias, tudo voltará ao normal. Quanto a ti, colega, receito estas pílulas, que te ajudarão a recuperar a calma que a ocasião exige.

A firmeza e a incredulidade de Barthold fizeram com que Murray se contivesse em suas declarações. Teria, dali por diante, de conviver sozinho com seus segredos. Quem sabe as drogas prescritas e o tempo não se encarregariam de extinguir aquele terrível mal e reconstituir a relativa paz, anteriormente reinante.

Suas aspirações, para seu contristamento, não se tornaram realidade; a filha de Murray, não obstante as visitas constantes do Dr. Barthold e da medicação regularmente administrada, não conseguia se restabelecer. Contrariamente, uma intensa anorexia, seguida por uma grave astenia, começaram a debilitar sua delicada constituição. A face, antes viçosa e rosada, e os proporcionais contornos físicos da bela jovem foram, aos poucos, cedendo lugar a uma pálida magreza cadavérica. Os seus curtos momentos de lucidez eram cada vez mais raros e, todos eles, seguidos por crises nervosas, de extrema gravidade.

Tal situação deprimira intensamente Murray, que também emagrecera, passando a se martirizar e a se considerar culpado pela desgraça que se instalara em seu próprio lar. Estava muito arrependido pelo que causara a sua querida, mas até esses pensamentos ele tinha que evitar, pois, todas as vezes que manifestava algum impulso elevado, ou que o desinteressado amor paterno se fazia presente, sentia que a criatura se aproximava e, por vezes, a via nitidamente em uma parte do quarto, rindo-se de sua aflição. Por isso mesmo, era impedido de ter bons pensamentos pois, sempre que assim procedia, sentia novamente a mesma companhia mórbida, vigiando-o dia e noite e bloqueando os bons instintos que lhe restavam.

Decorrido um mês de tratamento, Dr. Barthold solicitou a presença de Murray e, de forma solene, acabou com as últimas esperanças do pai aflito:

- Caro colega, lamento muito, mas a terapêutica que venho prescrevendo, não está surtindo o efeito esperado e temo pela vida de Dorothy. Acho que a melhor coisa a se fazer é transferi-la para minha clínica psiquiátrica, para que possa usar medicações mais potentes e efetivas. Lá, a enferma terá o cuidado mais intensivo da minha equipe de auxiliares e da enfermagem especializada.

Murray, procedendo a uma atitude pouco comum, passou a mão sobre a fronte, deu um pulo na direção de Barthold e bradou exasperadamente:

- Empirista, tu não passas de um empirista despreparado ! Não basta a sobrecarga de calmantes e soníferos que vem, dia a dia, depauperando minha pobre Dorothy, a ponto de reduzi-la a carne e osso, e ainda queres levá-la de mim, para que sirva de caso ilustrativo para teus famintos pupilos. Pois sabes que deverias trazê-los aqui para demonstrares justamente o que não deve ser feito num caso desses. Me recuso a ouvir-te e dispenso os teus serviços, daqui por diante.

Barthold, atordoado com o grande desaforo que acabara de ouvir, simplesmente se levantou, carregando consigo a valise médica, e saiu, sem dar nenhuma reposta. O psiquiatra, malgrado a grande indignação momentânea, sabia que, em parte, seu colega tinha razão; o tratamento que instituíra só fizera mal a Dorothy que, sedada permanentemente, se alimentava menos ainda, e ele já se havia dado por vencido. Murray, por seu lado, havia sido obrigado a submeter a filha ao mesmo tipo de terapêutica antiquada que sempre havia praticado e apregoado. Só agora percebia o quanto esteve errado em suas egoístas percepções e se culpava pela má medicina que sempre exercera.

Enquanto se torturava, envolto em suas reflexões, uma sombra fantasmagórica deslizou pela parede oposta da biblioteca, onde se encontrava. A mancha, pouco a pouco, foi tomando forma e se metamorfoseou na repugnante figura, que o atormentava seguidamente. Vagarosamente, se arrastou pelo recinto, indo se postar do seu lado esquerdo e ele, petrificado, fixara o olhar no monstro. Enquanto o suor profuso corria pela face de Murray, o ser entreabiu os lábios e se pronunciou:

- Por quê resistes? Ainda não completastes tuas obrigações para comigo. Esqueces que renegaste a Fraternidade da Tríplice Aliança, implorando-me auxílio para, logo em seguida, mudar-te para o meu lado. A oportunidade foi-te oferecida, mas estás te mostrando um fraco de personalidade. Estou eu errada?

Murray, esforçando-se para manter alguma sobriedade, diante do terror do momento, retrucou:

- Quem sois vós? Por quê falais de uma maneira tão sibilina? Fraternidade da Tríplice Aliança? Por favor, esclarecei quais são as vossas intenções, para que me ponha a par. Qualquer coisa que desejardes, eu farei, contanto que deixeis a minha querida Dorothy viver. Não mais vos façais presente diante dela e, tenho certeza de que, aos poucos, ela se recuperará.

- Tua própria insensatez causou isso a ela, meu inapto pupilo. Não venhas culpar-me pelo seguir natural das coisas, provocadas por ti mesmo. Mas se desejas cooperar como antes, farei o possível para te livrar das mazelas que te aguardam. Quanto à pobre doente, o seu destino já foi traçado, como disse, por ti mesmo, e não há mais nada que se possa fazer. – nessa última parte, a monstruosidade imprimiu um tom sarcástico às palavras.

Murray, despertando de uma letargia e mimetizando a atitude que teve, minutos antes, com Barthold, se levantou e articulou em alto volume:

- Mentis-me, desgraçada criatura ! Desejais vos livrar de Dorothy pois é a única coisa que ainda desperta em mim as boas tendências. Tenho reparado o quanto isso vos incomoda. Quereis que me torne a aberração que sois, ser demoníaco ?

- Vejo que ainda reside em ti a velha perspicácia de Jeremy, meu caro. As reminiscências devem estar se aflorando em ti. E isso é bom, pois te lembrarás então que falhaste em uma das pontas da estrela e, quando cedeste a mim, te tornaste parte de nossa legião e, com algum sucesso, no transcorrer dos milênios, obviamente terminarás ficando igual a mim. Deixa de falsos arrependimentos e ouve as minhas ordens. Não te atrevas a enfrentar algo de que não compreendes o poder, e que poderia reduzir a única coisa imortal que possuis a farrapos. – nessa hora, a calma e a ironia foram deixadas de lado e o espectro mostrou os dentes pontiagudos, em sinal de ameaça, continuando o seu discurso:

- Se queres te resguardar, eu te darei as orientações necessárias mas, como disse, Dorothy é um caso perdido e terás que te conformares. Deixar-te-ei sozinho, para que te acostumes com a perda e mais tarde virei ter contigo, esperando que estejas mais sensato.

Falando essas palavras e, antes que Murray pudesse retrucar, ela se virou e desapareceu repentinamente.

Ele, pela primeira vez na vida, recostou-se à parede e chorou copiosamente, ao tempo em que avaliava a extensão do mal que havia provocado.

Recuperou-se, depois de algum tempo, e começou a concatenar as idéias. Como desencadeara aquele desastre, teria, ele mesmo, de saná-lo, nem que para isso tivesse que dar a própria vida. O tempo, que era escasso, devido ao estado lamentável de Dorothy, teria que ser usado habilmente, a fim de que uma solução fosse encontrada.

Depois de muito pensar, se reteve na única maneira que pôde encontrar para salvar a filha; o que estava intentando envolveria um grande sacrifício de sua parte... teria que se humilhar diante daquele, a quem sempre prejudicou. Resolvera procurar Victor, pois fora em sua residência que ele encontrara a substância, que tanto havia afetado a si e a filha. Provavelmente, ele possuiria um antídoto, ou algo parecido.

Pela primeira vez, de coração aberto, imploraria perdão por todo o mal que causara ao velho inimigo. Não se importava mais com a humilhação, contanto que ajudasse, de alguma forma, a recuperação de sua preciosidade. Preparava-se, naquela noite, para sair à procura de Victor quando, de novo, a sombra maligna, abarcou o ambiente em que estava. Do lado de seu leito, em uma cadeira, pôde avistar o espectro se materializar. Diferente de antes, a atitude irônica havia sido substituída por ferozes e agressivos gestos, tornando-a mais assustadora, se é que era possível tornar mais amedrontadora, uma aberração como aquela. A boca mostrava abertamente os dentes mal-formados e a face se encarquilhara, decorando-se com uma grande quantidade de rugas. Voltando-se para Murray, esbravejou:

- Queres me trair, Jeremy ? Volta-te para aquele que sempre te humilhou e te maltratou? És realmente um débil, e eu deveria ter avaliado isso há algum tempo. Eu te proíbo de procurá-lo, cumpre o restante do trato e estaremos quites.

Ele, contendo a decepção por ter alertado, com seu pensamento, o ser, de suas intenções, retrucou em contrapartida:

- O quê ? Condenais minha querida Dorothy à morte e ainda quereis me privar da única esperança que me resta. Confundis-me com outro, não sou Jeremy, saí da minha presença pois nada me alterará a rota. Em breve estarei com Victor, ou Méchain, quem quer que ele seja, para me desculpar e solicitar alguma ajuda.

O ente bestial, mais feroz do que nunca, rodopiou pela sala, terminando de frente para Murray, olhando-o fixamente e dizendo:

- Jeremy, te achas experto, mas te esqueces de quem já te derrotou uma vez . Pois bem !

Nesse instante, um pavoroso grito foi ouvido, oriundo do corredor que interligava os quartos. Murray, assustado, saiu de seu aposento, deparando-se com a filha estendida ao solo. Para seu desespero, Dorothy, com seu aspecto moribundo, sangrava profusamente pelas narinas e pela boca e, em poucos minutos, estaria morta, se a hemorragia não cessasse. Por mais que o pai se esforçasse, o sangue insistia em esvair-se. Desesperado, Murray retornou ao seu quarto, ao encontro do demoníaco ser, que agora ostentava o seu aspecto irônico habitual. O pai angustiado, ajoelhou-se em frente ao fantasma e suplicou:

- Por favor, eu vos imploro, cessai a hemorragia que causastes e eu farei o que me ordenardes.

Ouviu-se uma larga e estridente gargalhada, partindo da aparição, satisfeita com a derrota de sua vítima. Aproximando-se mais estreitamente, sussurrou:

- Então nos entendemos, caro frater... – falando isso, se deslocou para junto da enferma, que embebera o tapete com seu sangue, e passou seguidamente as garras por sobre sua fronte, em movimentos circulares. A hemorragia parou, para alívio de Murray. Mal acabou sua seqüência de passes, virou-se para o progenitor aflito e prosseguiu dizendo:

- Terás a chance de executar a real vingança, que há tanto tempo almejas. Darás um fim ao nosso desafeto, que tantos dissabores nos tem causado. Cheguemos de meios termos, e ponhamos um ponto final nisso. Vais, brevemente, à casa de Victor. Eu o tenho observado, mas de longe, pois sei que ele me pressente, quando me aproximo em demasia, e pude notar que ele se isola em sua residência, todas as noites, a partir das vinte horas, no mesmo horário em que dispensa seus empregados. Tu também serás percebido por Victor, se lá fores sem uma preparação prévia, por isso mesmo, serão necessárias algumas medidas preliminares. Pega um papel e anota alguns ingredientes; esses elementos, manipulados de uma maneira metódica, irão criar uma solução, que te tornará imune à vidência premunitiva de Victor.

Murray experimentou um sincero arrependimento. Uma angústia extrema tomou conta de si; a convivência forçada com a aberração provocava-lhe um grande dissabor. Não queria mais vingança alguma contra Victor, desejava somente a saúde restaurada de sua amada filhinha.

A partir dali, a monstruosidade passou a ditar a fórmula, que se compunha de diversas ervas e extratos vegetais, alguns deles de uso medicinal. Logo depois, explicou, detalhadamente, a forma de preparo, que incluía alguns procedimentos exóticos, que não convém aqui relatar.

Capítulo XIX

No decorrer de alguns dias, Murray conseguiu todos os ingredientes necessários para a produção da poção, que o tornaria invisível à percepção sensível de Victor. Durante esse período, Dorothy se estabilizou, não apresentando novos episódios catalépticos, mas mostrando sempre a mesma fraqueza, que impedia sua deambulação pela casa, penalizando, sem tréguas, a mente torturada de seu arrependido pai.

Em uma determinada noite, o temido espectro voltou a se manifestar:

- Caro discípulo, amanhã será o dia do desfecho final. Irás à casa de Victor, onde encerrarás a jornada daquele que labora para o outro lado. Acabaremos com esse adversário que se julga superior e que há muito zomba perigosamente da nossa horda. Seres como esse, que tem inabalável fé nas inverdades que cultivam, não sabem o mal que fazem às forças naturais. Por isso mesmo, seus dias estão contados.

Depois desse rápido exórdio, a entidade passou a ditar os procedimentos que ele deveria realizar, durante a sua diabólica missão. No final das explanações, tirou do meio das vestes, uma caixa preta, com símbolos enigmáticos, materializada por algum sortilégio, entregando-a a Murray.

Custosas horas foram aquelas. O convívio com aquilo lhe causava enjôos constantes e, a despeito das explicações minuciosas, o que deveria fazer não fazia muito sentido para si. Desagradavam-lhe imensamente os laços de chantagem que o ligavam àquilo mas, tudo faria ao seu alcance para livrar a filha do mal que a envolvera.

Na noite seguinte, após ingerir um insosso líquido, que o ente diabólico lhe ensinara a preparar, lá estava Murray, a espreitar, mais uma vez, a morada de Victor. Às vinte horas em ponto, como dissera a criatura, os criados se retiraram e as luzes se apagaram. Era chegado o momento, para o início de suas soturnas atividades. Esgueirou-se por entre as plantas do vasto jardim e, pela porta da frente, obteve acesso ao interior da construção.

Assim que adentrou a sala principal, um sopro gélido e apavorante colheu Murray, fazendo com que experimentasse o mesmo mau pressentimento, que sentira na derradeira ocasião. Teve ímpetos de recuar, enquanto inúmeras recordações lhe vinham à mente perturbada. Voltou no tempo e lembrou o mal que fizera a Victor, inclusive causando-lhe a perda do filho querido. Sentiu-se mal e, pôde perceber, o quanto estava preso nas teias da própria maldade, que foi seu apanágio, durante toda a vida. Conteve-se um pouco, mas a vontade de salvar sua filha inocente, o fez prosseguir.

Percorreu o corredor que dava acesso à sala secreta e, silenciosamente, afastou a estante que cobria a entrada vendo-se, de novo, penetrar no cômodo, que fora palco de tantos atos maldosos seus. Passou, metodicamente, a realizar os procedimentos a ele ordenados.

Sobre o círculo central e a estrela de cinco pontas, desenhou algumas figuras. Em uma das extremidades do símbolo em destaque, grafou um círculo e uma letra. Na base oposta, traçou algumas linhas, que lembravam o sol, e também algumas letras do alfabeto hebreu. Mais algumas anotações, em suas partes laterais, também com caracteres hebraicos e estava terminada a primeira parte do sortilégio. A segunda e última parte, consistia em espalhar o pó, contido na enigmática caixa preta. Ao abrir o recipiente, intenso e embriagante odor impregnou o ambiente. Escotomas dominaram o seu campo visual, enquanto passava a perceber figuras bizarras; um indivíduo normal já haveria desfalecido mas ele, talvez pelo acostumado convívio com seres daquele tipo, ou quem sabe pela intensa vontade de livrar a sua pequena do mal que a acometia, continuou e terminou de espargir o composto, pronunciando uma última frase, num idioma desconhecido.

À medida que pronunciava as palavras, percebia que de sua boca saía uma substância vaporosa, com uma cor de espectro desconhecido. Cada som emitido gerava uma incrível repercussão nas vibrações ambientes, que, agora, se via tomado por uma intensa miscelânea de tonalidades rubras e purpúreas, gerando um verdadeiro palco infernal, indescritível a quem ali não estivesse. Quando terminou, percebeu a aproximação de um novo ser, monstruoso, difícil de encarar, tamanha a agressividade do seu aspecto. Suas vestes negras, contrastavam intensamente com a pele intensamente vermelha; um séquito de espíritos aberrantes o seguia e, a cada gesto seu, mimetizavam uma reação. As feições lembravam as da antiga figura sobrenatural, com que vinha convivendo, mas o corpo era diferente, embora não fosse visível, devido aos escuros trajes que o cobriam totalmente.

A disforme aparição, adiantando-se ao seu cortejo, volitou até próximo de si e, em seguida, envolveu-o num amplexo que quase lhe tirou os sentidos. Murray percebeu os novos amigos que fizera e sentiu que, dali por diante, jamais se veria livre dos monstros que libertara.

De repente, o fantasma modificou seu semblante, transformando a sádica expressão, em uma feição de apreensão e medo; nesse momento, a porta que dava acesso ao ambiente se abriu e, através de um corredor luminoso, que milagrosamente se abriu, em meio a névoa densa, surgiu Victor. Com uma firmeza incomum aos meros humanos, ele deambulou pelo canal iluminado, enquanto a satânica aberração se afastava de seu caminho. Lançou um olhar fixo e autoritário para a besta que, acuada, retrocedeu mais alguns metros. Tendo todas as fealdades afastadas de si, pelo menos uns dois metros, Victor dirigiu o olhar para Murray.

A esplendorosa figura mirava-o não com raiva ou ódio, mas com uma terna piedade. Naquele instante, Murray pode avaliar o poder que o bem exercia em meio àquela algazarra demoníaca e sentiu-se envergonhado pela situação que criara e por todo o mal que infligira. Guiara-se por falsos ideais e utilizara errôneos meios para conseguí-los. Observando o cenário bizarro, onde o bem, representado por Victor, acuava imponentemente o mal, simbolizado pela encarquilhada inteligência, percebeu o quanto invertera seus valores.

Curvando-se, ante a grandeza que o angelical vulto demonstrava, pôs-se a chorar fartamente. Victor, por sua vez, aproximou-se e colocou, sobre uma mesa, em um dos lados da sala, um conjunto de algumas folhas de papel. Feito isso, apontou essas anotações a Murray. O que se seguiu foi surpreendente:

Mantendo a mesma fisionomia, foi desvanecendo-se e uma translucidez tomando conta de seu corpo, gradualmente. A progressão desse processo continuou até que o mesmo desaparecesse completamente. Murray sentiu, instintivamente, que algo de grave acontecera e, numa ânsia desesperada, passou a chamar por Victor, incessantemente. Apesar do seu clamor, o que aconteceu foi aterrador, o corredor luminoso foi também se dissipando e as criaturas, que ocupavam um lugar restrito, voltaram a abarcar todo o recinto. A pestilência também invadiu todo o ambiente e o sorriso maquiavélico de antes, fêz-se novamente presente nas feições de sua nova companhia fantasmagórica.

Aproximando-se, o espectro dirigiu-se a ele, balbuciando as seguintes palavras:

- Agradeço-te por abrires as portas que nos bloqueavam a passagem para esse mundo e também por findares a jornada daquele, cujas ações tanto se contrapunham a nossa meta. De agora em diante seremos companheiros inseparáveis a laborar por nossa causa.

Murray não pôde se conter e, a despeito da fortaleza de que sempre fora dotado, desfaleceu, caindo ao solo.

Horas se passaram até que recobrasse a vigília. Antes não o tivesse feito, pois todos os seres diabólicos, ali estavam a esperá-lo. Sua primeira reação foi a de sair daquele ambiente repulsivo. Pensando dessa maneira, assim o fez. Qual não foi a sua surpresa pois logo que atingiu a parte superior, percebeu que deixava atrás de si o mesmo rastro nefasto, característico do ente malévolo que o vinha chantageando. Por esse caminho pútrido, as criaturas passavam a seguí-lo. As marcas deletérias, que deixava, tinham grande largura e se expandiam também lateralmente, à medida que caminhava. Notando que iria levar os espectros consigo, retornou ao lugar de origem.

Ao se ver de volta ao umbral sombrio, Murray se lembrou dos papéis que Victor deixara sobre a mesa. Aproximou-se do móvel e, sentando-se em uma cadeira, à sua cabeceira, pegou os escritos compostos com própria caligrafia de Victor. Foi isso o que leu:

“Ao ler esse manuscrito, terei partido e não mais nos veremos nessa vida. As rixas pessoais anteriores, que te levaram ao teu estado atual, farão parte de um passado longínquo e sem retorno. Sinto-me fracassado somente por não poder trazer-te de volta ao convívio daqueles para os quais já foste tão caro. Podes não te recordar mas, um dia, foste Jeremy, um grande amigo, trabalhando para a nobre causa da Grande Fraternidade da Tríplice Aliança. Em algum ponto da senda, confundiste teus valores, falhando em uma das pontas da estrela e te deixando seduzir pela impiedosa Era Rubra. Ainda sobrava um resíduo de vaidade em ti e isso te levou à ruína e à deplorável condição em que te achas. Firmaste um contrato com a diabólica inteligência e passaste a ser usado como um joguete, nas mãos dessa potestade maléfica. Juraste usar todos os meios para conseguir os teus intentos egoístas, mesmo que isso significasse espalhar a dor e a discórdia. Hoje, infelizmente, colhes o mal que plantaste. A lei da ação e reação é inexorável.

O que fizeste aqui na minha sala secreta foi abominável. Despejaste todo o conteúdo pestilento, dos umbrais profundos da terra, num recinto que demorou anos para ser purificado. Criaste um meio perfeito para a livre circulação desses assombrosos espíritos, que, nesse instante, te acompanham e te manipulam. Pior do que isso, transformaste-te em um canal vivo a gerar esse mesmo ambiente por onde passares. Agora sim, conseguiste te metamorfosear num verdadeiro representante dessas fossas infernais, a conduzir a tua exótica comitiva.

Se procuravas salvar Dorothy, sabe que a simples aproximação tua, será fatal para sua estrutura delicada e sensível. Tu mesmo eras o fio condutor do qual a Era Rubra se utilizava para se manifestar e agir sobre ela, exercendo suas nocivas influências. A partir desse momento, será pior, pois Dorothy verá em ti um monstro, embebido em um mal inconcebível aos humanos, digno apenas desses entes diabólicos que te acompanham.

O olhar que te lancei, antes de partir, expressa o meu total desalento com a degradação a que te submeteste. Se possuísses um espelho astral, poderias ver o monstro em que te transmutaste. Jamais um membro da Fraternidade da Tríplice Aliança se deixara cair tanto.

Deves indagar como eu pude escrever uma carta, antes dos acontecimentos terem se realizado verdadeiramente. Sabe, Murray, que os poderes sublimes, que são concedidos a quem trabalha com as energias mais sutis do bem, não se comparam aos remedos grosseiros e pesados das magias negras, praticadas por esses seres infelizes. Nada do que fizeste foi surpresa para mim e eu o havia previsto com antecedência considerável. Não me prejudicaste em nenhum ponto, já que terminei a missão que aqui deveria executar. Claro que impediste que eu aqui habite, nesse ambiente metílico que produziste; está ciente de que, em não menos de cinqüenta anos, esse lugar não será novamente habitável, em razão das energias deletérias que exala. Um tempo bem maior, talvez séculos, deverá decorrer, antes de livrar-te dessas influências demoníacas, a que voluntariamente te submeteste.

Creio que fui suficientemente claro para ti e aqui encerro a minha breve dissertação, perdoando-te por todo o mal que a mim tenhas feito nessa existência, pois, como diz um célebre ditado, há males que vêm para o bem e que nos fazem crescer um pouco mais. O local que habito, nesse instante, na convivência diária com meu querido Phil e minha adorada Camile, me faz esquecer todas as agruras e trivialidades da vida terrena.

Sinceramente,

Olcott, Victor”

Lágrimas abundantes desciam pelo rosto plastificado de Murray. As verdades foram demais para ele. Algumas horas se passaram até que ele, numa atitude decidida, se levantou e subiu as escadas, indo até a cozinha, onde encheu um grande galão de água e se apoderou de alguns alimentos. Desceu mais uma vez os degraus, que conduziam ao compartimento secreto, e depois selou, com o móvel, a entrada para o ambiente.

Postou-se atrás da mesa e, inspirando profundamente, bradou aos decrépitos circunstantes:

- Seres infernais, sei que estou aqui em decorrência de meus próprios ardis. Se pretendeis usar-me para o prosseguimento dos vossos malévolos objetivos, não conteis com isso. Não deixarei que saiais desse recinto pois aqui me confinarei até a morte. A vontade, que me impele agora, só me impulsiona no sentido da recuperação do tempo perdido, nem que para isso os séculos se gastem.

As entidades franziram as feições e mostraram os dentes, numa atitude ofensiva. Dessa maneira, se aproximaram daquele ser torturado, abarcando-o em um mirabolante abraço, enquanto vociferavam malefícios em seus ouvidos.

Murray, impassivo, tomou algumas folhas de papel, que estavam guardadas em uma das gavetas da mesa, e passou a escrever sem parar, mesmo sob aquela chuva de impropérios.

Voltando ao mesmo ponto, após um mês, vemos o nosso personagem, irreconhecível; somente a pele recobria os seus ossos, a extrema inanição, pela falta de ingestão de alimentos, deixou-o trêmulo. Mesmo assim, a caneta continuava em sua mão, caligrafando algo. Num determinado momento daquele dia, o instrumento de escrita parou, e ele, com extrema dificuldade, colocou o calhamaço de papéis em um canto da mesa, lançou um último olhar para o espectro negro, que não se afastara de si e, abrindo um sorriso, recostou-se sobre o móvel para não mais se mover. Murray estava morto.”

Capítulo XX

Quando findei, fascinado, a leitura daqueles papéis, percebi que a noite já se fizera presente. Aqueles fatos, ocorridos num passado tão recente, me despertaram um interesse marcante, fazendo com que lesse os relatos ali contidos, continuamente, sem pausa. Meus olhos se umedeceram, demonstrando uma emoção incomum para a minha fria personalidade.

Destarte das más ações de Murray, sobreveio-me uma grande simpatia pelo infeliz ser, aliada a uma vontade imensa de ajudá-lo. De alguma forma, gostaria de livrá-lo do claustro infernal, no qual se encontrava aprisionado.

Por outro lado, desejava, de modo superlativo, saber o que sucedera com os outros envolvidos naquela história impressionante. Me causava grande ansiedade, principalmente, a falta de informações sobre o que ocorrera com a pobre Dorothy.

Acostumado a ver todos os meus anseios satisfeitos, por intermédio do poder a mim conferido, por minha imensa fortuna, decidi, sem demora, obter informações sobre os personagens da trama comovente, a fim de tentar socorrer o pobre fantasma, que habitava os umbrais daquela mal-assombrada residência.

Eu, que sempre fora ateu, por incrível que me poderia parecer, há alguns dias, me via envolvido com dramas sobrenaturais que, pela força das circunstâncias, me obrigaram a mudar o modo de pensar e a acreditar nesses outros planos existenciais.

Com essa espécie de euforia, recolhi-me aos meus aposentos. Dormi mal, não por conta de novos pesadelos, mas em razão do desejo, ainda insaciado, de conhecer os fatos que se sucederam à narrativa.

Logo de manhã, decidido a começar minha investigação, peguei a condução e me dirigi à imobiliária de Kimberly. Como não fizera amigos na região, ele era o único que poderia me fornecer as primeiras pistas; intentava, portanto, interrogá-lo sobre o paradeiro dos indivíduos, que me trouxeram de volta uma reforçada motivação para viver.

Ele me recepcionou com uma certa apreensão; sabia da fuga de meus serviçais e devia estar temendo que houvesse me arrependido da compra dos imóveis, pretendendo desfazer os negócios conclusos. Logo depois de minha primeira interpelação, sua fisionomia mudou, pois percebeu se tratar de outro assunto:

- Sr. Kimberly, já ouviste falar de um médico que aqui habitou e que se chamava Dr. Murray, Dr. Stanley Murray?

Imediatamente, sem requisitar muito da memória, respondeu:

- Claro que sim, quando era adolescente, recém saído da meninice, uma tragédia que se passou com essa pessoa não me deixa esquecê-la. Lembro-me de que ele foi, durante muito tempo, reitor da faculdade de Medicina de Bornester, antes do Dr. Penley substituí-lo. O seu jeito impetuoso e contraditório gerava ódio em uns e respeito em outros. Em uma determinada época, destituíram-no do cargo que ocupava, sob a acusação de prevaricação e, a partir dessa data, uma depressão profunda o acometeu, culminando com o seu desaparecimento, há dez anos atrás. Não se sabe o que possa ter acontecido, mas ele simplesmente um dia sumiu, sem deixar pistas sobre o que teria passado.

Interessadíssimo no assunto, continuei o questionário:

- Se não me engano, o Dr. Murray possuía uma filha chamada Dorothy. O que foi feito dela?

Kimberly se mostrou um pouco desconfiado. Como poderia eu saber assim de uma figura regional, que há tanto tempo sumira e por que um interesse tão grande da minha parte nesses fatos ? Contendo suas suspeitas, prosseguiu:

- Sim, sim, Dorothy, a filha de Murray. Na época do desaparecimento do pai, ela encontrava-se muito doente, à beira da morte, desenganada pela medicina. E, coincidentemente, quem a salvou do desenlace foram os Penley. Logo depois da ausência do Dr. Murray, os Penley, sabendo do estado desesperador de Dorothy, foram ao seu socorro e, num gesto caridoso, levaram-na para a própria casa. Decorridas algumas semanas, milagrosamente, ela caminhava saudavelmente pelos bosques de Bornester. Foi nessa mesma época, que o Sr. Igor Penley se enamorou pela bela e graciosa jovem e, atualmente, ela é a Sra. Penley.

Essa última revelação causou-me uma agradável sensação de alívio, fazendo-me transparecer um reconfortante sorriso. Sem saber explicar, sentia-me extremamente feliz em constatar que tudo correra bem para a delicada menina.

Satisfeito com as explanações, pedi, como último favor, que me fornecesse o endereço de Igor Penley. Chegando em casa, apressei-me em redigir-lhe um escrito, endereçando-o para uma cidade vizinha, a algumas milhas de distância, onde ele residia atualmente. Eis o seu conteúdo:

“Prezado Sr. Penley: Saudações cordiais,

De início, apresento-me, simplesmente como aquele que comprou de vós as propriedades familiares. Uma curiosidade especial move-me a procurar-vos para um diálogo pessoal e também especial, na busca de possíveis esclarecimentos sobre fatos incomuns que vém acontecendo, naquela, que, segundo vim a saber, já fora residência de um certo Dr. Victor Olcott.

Gostaria de merecer de vossa parte, um encontro em que, informalmente, pudessemos conversar a respeito de tais acontecimentos que presumo conhecerdes, e que são de meu alto interesse.

Não se trata de nenhuma reclamação ou arrependimento de minha parte, em relação ao negócio concretizado, o meu desejo visa apenas satisfazer saudável curiosidade.

Atenciosamente,

Rockwood, Briam”

Com essas breves linhas, encerrei a carta, postando-a, no mesmo dia. A resposta não tardou a chegar e, alguns dias depois, recebi a seguinte correspondência:

“Prezado Sr. Rockwood,

Em retorno a vossa missiva, recebida a poucos dias, envio-vos esta. Terei o prazer de recepcionar-vos em minha residência no próximo dia vinte, a qualquer hora, pois estarei ausente antes dessa data.

Estou a vossa disposição para as pretendidas conversações a respeito desses ditos estranhos acontecimentos na propriedade adquirida.

Atenciosamente,

Penley, Igor”

Fiquei felicíssimo com a positividade da resposta. A ansiedade afligiu-me um pouco, nos dias que se seguiram, uma vez que estávamos apenas no dia cinco do mês. Outra coisa peculiar me aconteceu, repetidas vezes, nesse intervalo: sonhos frequentes, me faziam lembrar do pobre fantasma, enclausurado naquele porão deplorável. Malgrado as inúmeras maldades que consumara em vida, não conseguia dirigir-lhe desprezo. Uma ligação inexplicável com ele, impulsionava-me para ajudá-lo.

Finalmente o dia vinte chegara. O mais cedo possível, me pus a caminho da cidade vizinha, onde teria a tão desejada entrevista com Igor Penley. Foi fácil localizar-lhe a vivenda, porquanto o vilarejo no qual habitava, era menor que Bornester, e seus pontos de referência um tanto fáceis de reconhecer. Logo me vi diante de sua residência, uma casa ampla, em uma extensa propriedade, distante duas milhas do centro urbano.

Assim que bati à porta, qual não foi minha surpresa, quando uma bela jovem, de seus vinte e cinco anos de idade, atendeu-me, solicitamente:

- Bom dia, o senhor deve ser o Sr. Rockwood, não? Entrai por favor, meu esposo e meu sogro vos aguardam na sala principal.

Imediatamente, respondi:

- Sim, sou Rockwood, e a senhora deve ser a Sra. Penley, sinto-me honrado em conhecer-vos.

Segui-a atento e senti que, nesse primeiro encontro, a Sra. Penley simpatizou-se, de alguma forma, comigo e a mim conferiu uma especial deferência.

Pois, então, aquela era Dorothy, a filha amada de Murray que passara por tantos dissabores. A empatia reforçara-se e um sentimento de carinho paternal me envolvera, como se um membro da família, que nunca conhecera, ali estivesse diante de mim. Ficava feliz em reconhecê-la saudável e bela, como nos relatos do pai, mesmo depois de ter atravessado um período tão difícil.

A atenção dispensada, aos detalhes de Dorothy, me ofuscou a revelação que a anfitriã me fizera: Dr. Liam Penley estava aqui ? Então teria a oportunidade de encontrar aquele que fora um dos protagonistas principais dos surpreendentes acontecimentos. Envolto nesses arrebatados pensamentos, logo me vi na sala principal, onde se encontravam Igor Penley e o pai, a me esperar.

Pude reconhecer no Dr. Liam Penley, as mesmas características descritas nos velhos manuscritos de Murray. Apesar do passar dos anos, a idade não deixara muitas marcas em seu aspecto físico. Na sua primeira fala, pude notar que esbanjava cultura, envolvida esta, numa calma experiente, própria dos grandes vultos.

Efetuados os cumprimentos iniciais, me acomodei e logo Igor Penley iniciou o diálogo:

- Pois não, Sr. Rockwood, senti-vos a vontade para esclarecer qualquer dúvida, sobre a propriedade em questão.

Aproveitando a ausência da Sra. Penley, relatei tudo o que comigo ocorrera, inclusive o conteúdo dos escritos de Murray. Enquanto discorria, percebi que a fisionomia serena do Sr. Liam Penley, se transformava gradualmente, transparecendo visivelmente um ar de preocupação. Com o término da minha longa alocução, ao invés de Igor, quem se pronunciou foi o pai, agora ostentando ares apreensivos:

- Sinto-me feliz em conhecer-vos, Sr. Rockwood, mesmo em um momento tão delicado como esse. Vossa presença em Bornester, longe está de ser ocasional. Sabeis que existem motivos, ainda desconhecidos por vós, que justificam a vossa vinda para esta região. Nossa mente tem facetas ainda ignoradas que nos impelem a inevitáveis destinos, mesmo sem o nosso conhecimento consciente. No tempo certo, será retirada essa cortina, que vos separa das verdades, que ainda vos colocam sob essa miríade de interrogações.

Minha perplexidade barrava-me qualquer reação, ou mesmo qualquer interpelação. Por isso mesmo, continuava a escutar o Dr. Liam Penley, que seguia em seu discurso:

- Percebo que algumas informações preliminares se fazem necessárias para que entendais o que se passou, após o enclausuramento estóico, a que Murray se submeteu. Depois desses fatos, Dr. Victor Olcott me procurou e expôs-me o acontecido, dizendo que nada poderia ser feito para que ele se salvasse; no entanto, pediu que trouxéssemos a pobre e, então, agonizante Dorothy, para o nosso convívio. Assim procedi e Victor, com seus esplêndidos poderes, trouxe-a de volta à vida. Depois de aproximadamente três meses, fui encarregado de emparedar o acesso, na sua antiga residência, que servia de entrada ao porão secreto, agora amaldiçoado.

Parando um pouco para recuperar o fôlego, Dr. Penley logo continuou:

- Murray excedeu-se muitíssimo em suas artimanhas. O seu profundo egoísmo levou-o a tal estado. Mas o seu sacrifício final, o livrou de conseqüências mais graves. Dorothy se afligiria muito, se soubesse da atual condição, na qual o pai ainda se encontra. Sei que também intentais ajudá-lo, Sr. Rockwood mas, para isso, seria necessário alguém com extrema experiência e fortaleza de caráter, a fim de enfrentar a monstruosa potestade, que habita o local. Sugiro que passeis alguns dias aqui, em nossa companhia, enquanto tratarei de contatar um antigo e velho amigo, a quem auxiliaremos nessa difícil missão.

Dr. Liam fazia suas afirmações com tanta segurança, que era difícil para mim, interrompê-lo. Eu, que sempre fora determinado e firme durante as minhas negociações cotidianas, me via intimidado. Apanhado de surpresa pela cavalheiresca proposta, simplesmente respondi:

- Sinto-me um pouco acanhado em acolher a vossa sugestão, caro Dr. Penley mas, diante da grave situação, aceito-a de bom grado, por estar em jogo o bem estar de terceiros.

Sem saber bem o porque, aceitei fazer parte do convívio familiar daquelas pessoas estranhas. Eu mesmo estava atônito, pois sempre fora avesso a esse tipo de relacionamento. Quando dei por mim, havia aceitado o convite e o principal, não esclarecera, com Dr. Liam, a relação que eu teria com os fatos narrados por Murray.

Nos dias que se seguiram, minha curiosidade continuou insatisfeita, pois Dr. Liam Penley se ausentou, provavelmente para contatar o velho amigo a quem se referira. Descobri, nesse período, que Igor e Dorothy tinham dois lindos filhos. Uma alegria imensa, como eu jamais sentira, dominou meu ser, durante os agradáveis momentos que passei junto aos Penley. A educação e desvelo desinteressados, com que me trataram, e a cordialidade que me dispensaram, fizeram-me conhecer um ambiente familiar que nunca tivera. Havia-me identificado especialmente com Dorothy; o convívio com aquela figura angelical transformara um ser embrutecido e isolado como eu, em um indivíduo saudoso e arrependido que, por conta do próprio egoísmo, não se permitiu constituir família e, possivelmente, ter tido uma filha igual a ela. Num certo momento, em que Dorothy se viu a sós comigo, em uma das salas da casa, me indagou:

- Sr. Rockwood, perdoai-me a impertinência, mas desde a primeira vez que vos vi, senti como se já fizesseis parte da família. Vossa pessoa me lembra muito a do meu pai, já falecido, não só pela aparência física, mas também pelos gestos e pelo modo de se portar.

Aproveitando a oportunidade, dirigi-me àquela candura de pessoa:

- Fico feliz em poder falar-vos, Sra. Penley, também senti o mesmo em relação à família Penley e, principalmente, em relação à senhora. Existem fatos que nos deixam perplexos.

Não nos alongamos por muito tempo, mas a conversa me deixou em uma situação indagativa pelo resto da minha estada.

Após três dias, no retorno de uma de minhas andanças rotineiras, deparei-me, na sala de jantar, com o Dr. Liam Penley que estava acompanhado por um senhor que não aparentava mais de quarenta anos de idade. Tive dificuldades em encará-lo devido a profunda expressão de nobreza que dele se emanava. O Dr. Penley logo me apresentou o visitante:

- Sr. Rockwood, que bom que tenhais retornado, quero vos apresentar meu melhor amigo, que já deveis conhecer, por meio dos relatos de Murray. Apresento-vos o Dr. Victor Olcott.

Não pude disfarçar a comoção em conhecer o principal protagonista de fatos tão marcantes. Não conseguia entender como um indivíduo, que deveria ter bem mais de sessenta anos, mostrava ter não mais de quarenta. Mas logo me lembrei da poderosa Sociedade, a que Ele pertencia, e deduzi que para aqueles Seres, tudo seria possível. Ainda sobressaltado, estendi-lhe a mão dizendo:

- É uma honra conhecer-vos Dr. Olcott. Apesar de jamais nos termos visto, me sinto familiarizado com vossa pessoa pois, como disse o Dr. Liam, fui informado, com detalhes, de fatos anteriores, que nos trouxeram a esse ponto atual.

Dr. Olcott, solicitamente, mantendo a mesma serenidade, me respondeu:

- O prazer é todo meu, Sr. Rockwood. Sabia que, mais cedo do que tarde, esse momento chegaria e sinto-me feliz com isso, pois poderemos dar um basta a essa longa epopéia. Vós tereis uma participação muito importante nesse episódio, Sr. Rockwood, porquanto sereis o catalisador, a ajudar-me na purificação do ambiente doentio. Previno-vos de que os perigos são muitos, pois ainda não tendes o conhecimento necessário desses outros planos de existência. Mesmo que tudo corra bem, seqüelas mentais duradouras poderão atrapalhar-vos o dia a dia. Por isso mesmo, necessitarei do vosso total consentimento e cooperação para que obtenhamos sucesso.

Não obstante o respeito que dirigia àquela figura magnânima, suas afirmações repentinas despertaram todas as minhas dúvidas adormecidas, fazendo-me indagar:

- Terei todo o prazer em ajudar, mas algumas questões me intrigam: por que pretendeis ajudar Murray, depois de tudo que ele vos causou? Por que ele me despertou essa afinidade, a despeito das atitudes condenáveis que ele sempre teve em vida ? E, finalmente, por que serei eu esse catalisador? Eu que nunca o conheci e nunca tive qualquer relação com esse indivíduo ?

O emaranhado de perguntas fez com que Dr. Olcott pensasse durante alguns segundos e depois, pausadamente, respondesse:

- Vejo que estais confuso com o que se passa, Sr. Rockwood. Ajudarei Murray porque quero sinceramente vê-lo restabelecido. Que melhor recompensa terei, senão derrotar novamente a Era Rubra e ver Murray trilhar outros caminhos, sentindo que, por meio de seu arrependimento sincero, um dia ele voltará a integrar a Fraternidade da Tríplice Aliança. Quanto às outras questões, tende calma, pois as revelações precipitadas poderiam atrapalhar o nosso intento; bom que saibais, porém, que tendes ligações com Murray e que só vós poderíeis suportar o que está por vir. Um outro catalisador seria Dorothy, mas ela possui uma estrutura por demais delicada e não suportaria a pressão que o momento exigirá.

Essas explanações me avivaram ainda mais a curiosidade, todavia, em respeito ao Dr. Olcott, contive meu ímpeto e silenciei-me, enquanto ele prosseguia:

- É necessário que eu vos passe algumas instruções preliminares, para que saibais a árdua tarefa que vos aguarda e os perigos que dela advirão. Durante a nossa permanência no local, deverei pronunciar alguns mantras que, de maneira ordenada, provocarão um despertamento das forças sutis universais, que se encarregarão de drenar as pútridas emanações. Para que isso aconteça, é necessário que demovamos Murray do seu atual estado psicológico. Ele encontra-se mentalmente petrificado, supondo-se eternamente algemado àquele destino. Se conseguirmos mudar essa situação, o elo que o liga àquela irmandade infernal e àquelas paragens será desfeito e, só então, será possível banirmos as suas maléficas companhias. Esse será um momento crucial para vós, meu caro Sr. Rockwood, evitai encarar as monstruosidades, para que não sejais por elas hipnotizado; se isso acontecer, será criado outro elo e, por onde fordes, elas vos seguirão, transformando-vos num insano. Sabeis agora do alto risco que envolve essa missão e tendes todo o direito de recuar, enquanto é tempo.

Fiquei estarrecido com as revelações do Dr. Victor Olcott; não sabia que haveria tantos perigos. Mas, durante breves segundos, pensei sobre toda a minha vida e o que ela significara. Concluí o seguinte:

- Dr. Olcott, tenho refletido muitíssimo. Desde os meus primórdios, cultivei um ódio por meus progenitores, que me abandonaram em um orfanato, quando criança. Isso me tornou um ser amargo, avesso à sociedade, e que sempre teve como objetivo, a conquista cada vez maior de riquezas que, por sua vez, depois de conseguidas, nunca me trouxeram felicidade. Sei que nada de bom produzi, durante todos os meus dias, e que, agora, me é concedida a última oportunidade para que possa fazer algo de útil; não recuarei diante desse desafio. Orientai-me sobre o que fazer, pois estou a vosso dispor.

Satisfeito com a minha convincente resposta, Dr. Olcott pôs-se a explicar os detalhes da nossa futura tarefa.

Capítulo XXI

Transcorridos alguns dias, nos quais eu me preparei para o estranho ritual, fui chamado pelo Dr. Victor Olcott, que me avisou ser chegado o momento ideal, para que nós o realizássemos. Pusemo-nos, então, a caminho da sua antiga residência.

Enquanto nos dirigíamos para lá, um frio intenso percorreu-me, repetidamente, fazendo com que minhas pálidas mãos transpirassem um gélido suor. Ao mesmo tempo, dizia para mim mesmo: - acalma-te, tens que permanecer firme para enfrentar o que te aguarda.

Enfim, chegamos diante da vivenda na qual tantos dramas se desenrolaram. À medida que a adentrávamos, o temor se acentuava, a ponto de me provocar náuseas. Mas, com a determinação, que fortalecera durante as difíceis lidas da vida, tentava superar essas desagradáveis sensações, acompanhando o meu guia, que se mantinha impassível, como se vivenciasse uma situação comum para a sua experiente bagagem.

Ao chegar em frente à parede que havia demolido, Victor me dirigiu um último alvitre:

- Sê forte, pois dependo de ti para que possamos concluir, com êxito, o que aqui viemos fazer.

Com um sinal positivo, acenei para que prosseguisse e ingressasse naquele ambiente pernicioso.

Ao passo que descia as escadas, a mesma sensação de vertigem e de inebriante torpor foi novamente me abarcando; desesperadamente, passei a lutar para manter a sobriedade; a missão dependeria de todos os meus sentidos, num estado de pleno equilíbrio.

Victor, ao contrário, demonstrava uma tranqüilidade suprema, ignorando completamente as emanações nocivas. Assim que se posicionou no meio da sala, que coincidia com o centro da estrela de cinco pontas, passou a espalhar um pó de coloração azulada, e a pronunciar confusos sons, em um idioma desconhecido que, em conjunto com um odor intenso, fez todo o ambiente se transformar. O lugar que eu conhecera em sonho se fez cada vez mais real e as deformadas criaturas foram, gradualmente, se tornando visíveis à minha percepção. Victor, com um gesto autoritário, afastou as pequenas monstruosidades que, em sinal de respeito, se dirigiram para um canto e lá permaneceram. Feito isso, se virou para outro ponto do recinto e, soberanamente, falou:

- Aproxima-te Murray, não te acanhes, sou eu, Victor, que venho a ti para tentar livrar-te das terríveis agruras por que passas. Chega, já sofreste o bastante.

Depois disso, viu-se, de uma parte do ambiente, aproximar-se o espectro encapuzado, que se comunicara comigo durante o sono. Com seu aspecto beneditino, mantendo a cabeça baixa, respondeu:

- Deixa-me em paz, Victor ! Sei que estou eternamente condenado por meus erros. Basta de tanta humilhação, por acaso vieste aqui a fim de zombar de seu rival fracassado?

Victor, sem modificar sua atitude austera e confiante, disse:

- Nunca foste meu rival, Murray. Sempre foste rival de ti mesmo. Desejaste algo que nunca poderia ser conseguido à força e sim, por merecimento próprio; nisso residiu o teu grave erro. Mas se passaram muitos anos e o mundo que conheceste e que cobiçaste tanto não é mais acessível a ti. Está na hora de redimir-te e de cortares os laços que te unem a essa latrina.

Nessa hora, Murray soltou uma larga e cínica gargalhada:

- Livrar-me dessa latrina? divagas por acaso, Victor. Fui responsável pela morte de teu filho e por tua desgraça em vida. Além disso, sou também o causador do desenlace da minha querida Dorothy que, por conta das minhas atitudes, definhou no leito até que os anjos viessem buscá-la. Definitivamente, não existe perdão para tais atos, nem eu mesmo me perdôo pelo que fiz. Deixa-me em paz, Victor.

- Estás enganado. Essas entidades abismais, que te rodeiam, estão a te incutir inverdades. Dorothy ainda vive. Percebeste que trago alguém para ter contigo. Trata-se de Rockwood, que aqui me acompanha. Olha bem em suas feições e vê se não reconheces alguém nelas. – continuou Victor, com sua resoluta prolação.

O fantasma de Murray se virou em minha direção e, a despeito de não poder divisar-lhe a fisionomia, pude perceber que ele me fitou longamente. Sem saber o que fazer, acuado diante da situação constrangedora, em frente àquela figura sofredora, pronunciei o seguinte:

- Sim Dr. Murray, Dorothy ainda vive, graças ao Dr. Victor Olcott que, com seus maravilhosos dons, curou-a dos males que a consumiam, trazendo-a de volta ao nosso convívio. Encontra-se bem de saúde e está casada com o Sr. Igor Penley, com quem tem dois lindos filhos.

Minha fala causou-lhe uma alteração imediata, fazendo-o recuar abruptamente, enquanto bradava:

- Chega de ardis. Não confio em vós. Sinto-me engabelado por essas alegações de improvável veracidade. Retirai-vos do meu ninho, deixai-me sozinho.

Victor intercedeu, providencialmente:

- Recusas-te a aceitar a verdade Murray ? não descobriste algo familiar em Rockwood ? não te lembras dos dizeres finais de teu pai, junto ao leito de morte ?

Essas afirmações me deixaram extremamente confuso. Não sabia onde Victor queria chegar. Minha surpresa maior foi a de perceber a reação que teve Murray, ao ouvir as derradeiras palavras do interlocutor. Ele se afastou, dizendo:

* Como sabes das revelações de meu pai no leito de morte?

Victor respondeu:

- Não reconheces em Rockwood o irmão de quem teu pai te falou, nos seus últimos momentos ?

Essa interrogação provocou uma dupla reação: Murray se estremeceu por inteiro e eu me virei para Victor com feições indagativas. Antes que pudesse fazer alguma coisa, ele se antecipou:

- Meu caro Rockwood, eu vos havia dito que as coisas não acontecem por acaso. Vossa vinda a este pequeno lugarejo, tão distante de vossas raízes, tem um porque. Tendes em frente a vós, o irmão que nunca pudestes conhecer, devido à covardia de vosso pai, em enfrentar o começo de vida, com um pequenino, a estorvar-lhe as metas ambiciosas. Em tempos idos, forçou vossa pobre mãe a abandonar-vos em uma instituição para órfãos; isso fez com que ela morresse desgostosa, alguns anos depois. Diante de vós está o vosso irmão caçula, que veio ao mundo quando vosso pai abastado, já não mais o considerou um empecilho aos seus propósitos de angariar riquezas.

Murray, permanecia imóvel. A primeira reação que tive, depois de ouvir aquelas declarações tão contundentes, foi externar um desmedido rancor pelo que meu pai fizera a mim e à minha mãe. A medida que isso ocorria, raios de um vermelho escuro emanavam de mim, incorporando-me ao ambiente deletério. Me doía muito saber que nunca pude ter uma família, em razão do egoísmo de meu pai. De repente, uma sugestão mental, partida provavelmente do Dr. Olcott, fez com que o rumo de meus pensamentos mudasse radicalmente. Me virei para Murray e disse:

- Essas verdades me apunhalaram o peito, causando-me uma dor aguda, difícil de descrever. Mas agora vejo o quão inútil seria cultivar o rancor, que esse sofrimento lancinante, inicialmente, me motivou. Passei a vida inteira alimentando tal sentimento e, por isso mesmo, nunca fiz algo verdadeiramente útil, de que me tornasse orgulhoso. Creio estar na hora de dar um basta nisso. O destino me reservou essa oportunidade ímpar de conhecer meu irmão, de cuja existência eu nem sabia e, muito mais do que isso, o ensejo de reconfortá-lo, em frente à infeliz condição, na qual se encontra. Murray, meu irmão, acredita na nossa boa fé! Sei que erraste em vida, mas todos nós cometemos enganos e a tua maior vítima, Victor, está diante de ti, perdoando-te, e assevero-te que Dorothy está viva.

A sinceridade e a emoção, que impus ao meu discurso, foi decisiva para a reação que Murray teve em seguida. Cedendo ao apelo da lógica, ele se aproximou de mim:

- Sim, eu reconheço os traços de nossa família em tuas feições. Meu querido irmão, tão injustiçado pela vida. Talvez a convivência contigo houvesse me livrado do triste caminho que trilhei. Talvez, os teus conselhos de irmão mais velho tivessem me poupado do sofrimento por que passo. Dorothy está mesmo viva ?

Emocionado e em lágrimas, repeti:

- Sim, Dorothy está viva e feliz.

Murray, pela primeira vez, expressando um pouco de alegria, murmurou:

- Minha adorada princesa ainda vive, então eu não fui o responsável pelo seu desaparecimento, como supunha. Quisera eu poder revê-la um só segundo.

Nesse instante, Victor, com um gesto mágico, atirou um composto em uma das paredes e, uma tela etérica se formou, podendo se ver nela, Dorothy e os filhos, em sua alegre rotina habitual.

Murray, retirou o capuz e aproximou-se das imagens, enquanto, raios de um tom róseo, emanavam do seu corpo. Ficou ali extasiado, em frente àquelas imagens, durante alguns minutos quando, de repente, ela se desvaneceu surgindo, de sua parte central, uma figura monstruosa, da qual eu nunca mais me esquecerei, enquanto viver. Segundo as descrições dos relatos de Murray, aquilo parecia ser a Era Rubra. A aberração aproximou-se de si e disse, com sua voz estridente:

- Que é isso Murray, cedes aos apelos piegas desses embusteiros. Não vês que tendes diante de ti aquele que foi o responsável pela tua derrocada e um farsante que diz ser teu irmão. Esqueceste do mal que Victor te causou. Olvidaste de Dorothy, que definhava no leito quando a abandonaste.

Murray se afastou um passo da aparição, ergueu a fronte, encarando-a firmemente e disse:

- Engana-te, besta dos infernos. Não podes mais me conduzir com essas falsas premissas. Agora sei da verdade, estou ciente de que não provoquei a morte de minha amada filha. Diante de mim, tenho meu irmão que, não obstante todas as dificuldades que a vida lhe apresentou, desde a tenra idade, soube perdoar àquele que lhe causou tamanha infelicidade, e serve de exemplo para o meu proceder.

Enquanto pronunciava essas palavras, ele se envolvia em uma luz azulada que o isolava do resto do ambiente. A Era Rubra, por sua vez, percebendo a mudança de atitude do seu escravo mental, virou-se para mim esbravejando:

- Então dizes ser o piedoso irmão de Murray. Mas vejo em ti muita amoralidade. Noto que prezaste mais o dinheiro do que a vida humana, durante todos os teus dias. Não percebo em ti as qualidades que ele te atribui.

Enquanto dizia as frases, uma extrema sensação de desprezo próprio começou a me dominar. A aspereza de suas palavras doíam-me profundamente, machucando-me a alma cheia de remorsos. A maléfica personagem continuava o seu mórbido discurso:

- Viveste a vida inteira em um mar de ódio, desejando, a cada um dos teus dias, o mal aos que te trouxeram ao mundo. Achas que tua consciência, carregada de culpas, se livrará do peso, nesse curto período de arrependimento. És digno de dó, bem como esse meu desaventurado pupilo, para quem serves de exemplo.

Estava completamente subjugado por seus dizeres magnéticos. Sem dúvida, o demônio sabia como expor as minhas feridas. A hipnose dirigida a mim pela monstruosidade, me enovelara por completo. Nesse momento, por sugestão de Victor, que se abstinha de pronunciar qualquer palavra, mas que se envolvia psiquicamente em tudo que lá acontecia, lembrei-me do conselho que me dera, no instante derradeiro, que precedeu nossa entrada no porão. Imediatamente, passei a lutar contra os pensamentos que a fera tentava me incutir e, realizando um hercúleo esforço, consegui pronunciar o seguinte:

- Cala-te, não falais com uma criança e sim com um homem sofrido o bastante e calejado pelas lidas diárias. Sei que o que falas é bem verdade. Somos seres imperfeitos e vulneráveis a esses terríveis erros. Mas também sabemos progredir, não cometendo mais os mesmos enganos. Sempre fui ateu e isso me levou até a condição de irremediável desespero, na qual me encontrava dias atrás, quando supunha que não mais poderia reparar a minha vida sem propósito. Mas a posição em que me encontro, me prova o contrário, a vida prossegue, mesmo depois do desenlace físico e, por isso mesmo, se não me for dada a oportunidade de compensar o mal que fiz nessa existência, tenho certeza, terei outra chance para fazê-lo.

A despeito de meus dizeres emocionados, a potestade maligna, ao invés de se dar por vencida, gargalhou e me retrucou, mais calma do que antes:

- Te julgas adulto bastante e dizes conhecer o além vida ? Engana-te, pois serás, daqui em diante, presa fácil para mim. A oportunidade que pensas ter, para reparar teus atos faltosos, se reduzirá à efetivação dos meus domínios sobre ti, onde, então, terei o prazer em torturar-te, açoitando-te pelo atrevimento que tiveste hoje, me enfrentando. Sabe que aspiraste esse perfume fatal, que te põe em contato direto conosco e, de agora em diante, usufruirei de tua companhia diária, mesmo durante a vigília, pobre ignorante. Nunca ouviste falar em céu e inferno. Fizeste tua escolha e optaste por viver em minha companhia. Se achas ter outra chance, erraste, o pós vida te reserva uma grande surpresa sob o meu jugo. Poderei reduzir a tua pena, se cooperares comigo. Por isso, acaba logo com essa enfadonha encenação e põe-te em teu mísero lugar, infeliz Rockwood.

Percebi, nesse momento, a superioridade intelectual que estava diante de mim. Como enfrentar aquilo ? O medo me imobilizara. Não tinha mais argumentos e o receio, de me ver eternamente subjugado por aquilo, me causava arrepios profundos. Estava completamente vencido e não sabia mais como proceder. Victor, tomando, pela primeira vez, parte no diálogo, se interpôs entre mim e a monstruosidade e, fitando-a nos olhos, disse:

- Te esqueceste de mim. As tuas inverdades não ficarão sem resposta. Rockwood está aqui sob minha proteção. Não o condenes falsamente ao teu inferno virtual. Mostra-te experta, ao te sobrepor aos que não possuem o conhecimento devido desses planos sutis, mas acovarda-te diante dos que, como eu, sabem dos detalhes que se escondem por baixo desse véu enigmático.

As suas palavras me acalmaram temporariamente o espírito atribulado mas, o que se seguiu, fez com que o pavor, mais uma vez, predominasse. A inteligência diabólica sem se abalar, se pronunciou, ironicamente:

- Pela primeira vez erraste, Victor. Em meio a minhas supostas incongruências, existe uma que não podes contestar: despertaste, irresponsavelmente, os sentidos astrais de Rockwood. A não ser que ele se confine aqui como Murray, eu o seguirei por onde ele for, subtraindo-lhe a razão. Será que passarás o resto dos dias de vida de Rockwood a protegê-lo ? Pela primeira vez foste derrotado. Sinto-me feliz por teres-me trazido mais uma presa fácil.

Essas afirmações me gelificaram. Estava completamente agrilhoado pela inteligência maligna. Nem mesmo Victor, à primeira vista, conseguira efetivamente rebater os ditos do monstro. Sentia-me escravo daquela personificação luciférica. Então era esse o perigo do qual fora prevenido. Victor, ao invés de responder, se afastou, sem retrucar. Esse ato selou, definitivamente, o meu destino, pensava eu.

Mas, subitamente, algo inesperado aconteceu, mudando o rumo que os fatos tomaram: Murray que, de longe assistia a tudo, impassivelmente, intercedeu, dirigindo-se ao gênio satânico:

- Enganas-te se achas que perdemos para ti essa batalha. Sabe que nunca poderás te aproximar de meu irmão ou de minha filha. Não porque Victor, te vigiará pelos tempos que se seguirão, mas porque eu mesmo me encarregarei de fazê-lo. Perdi algumas contendas para ti, mas a guerra ainda está em curso. Cercar-te-ei por onde fores e impedirei que tenhas acesso aos que me são caros. Não me sinto mais preso a esses porões, porque sei não ter causado o mal que supunha à minha filhinha.

O espectro, pela primeira vez, se mostrou abalado e de uma maneira ríspida, retrucou:

- Insolente e desrespeitoso Murray. Acha-te capaz de bloquear o meu assédio ?

Falando isso, virou-se para mim e tentou se aproximar. Murray, percebendo a manobra, se interpôs, e, impondo a sua força de vontade, fez com que a assombrosa figura recuasse. Sentindo-se mais seguro, repetiu a operação várias vezes, enquanto mais e mais o escarnecido espírito se afastava, até sair do lugar. Durante essas manobras, o ente umbralino bradava inenarráveis vitupérios.

Victor se virou para mim e, ternamente, disse:

- Agiste bem, meu caro Rockwood. Salvaste teu irmão. Provavelmente ele agora saberá vencer essa ponta da estrela, que o atrasou tão longamente. Não te aflijas mais, pois tenho certeza de que Murray te protegerá e, de tudo fará para, de hoje em diante, trilhar o caminho correto. Eras se passarão até que ele retorne ao convívio da Grande Fraternidade, mas já me sinto reconfortado de ele estar a caminho.

Fez uma breve pausa e continuou:

- É verdade que aspiraste o pó que te despertará os sentidos ocultos e isso requererá de ti uma força de vontade intensa, para que bloqueies os maus pensamentos, por onde fores. Verás coisas imperceptíveis às pessoas comuns e serás obrigado a ignorá-las, para não seres taxado de louco. Mas, tenho certeza, não terás de aturar a companhia insuportável da Era Rubra e acabarás por aprender a conviver com teus novos dons.

Concluída a sua alocução, Victor virou-se para a sala e passou a esparramar uma nova substância que acabou por banir as horríveis criaturazinhas, que ainda permaneciam retraídas, num canto do recinto. O ambiente, antes pantanoso e mal cheiroso, se transformara, e agora ostentava uma branda tonalidade azulada com um odor deliciosamente agradável.

As lágrimas escorriam pela minha face, demonstrando uma grande satisfação, um encantamento que nunca senti durante todos os meus dias. Possuía um irmão que, a despeito de habitar outros planos, zelava por mim e pela querida sobrinha Dorothy.

Concluindo o que ali viera fazer, retirei-me do local e dirigi-me para a morada dos Penley, ansioso para contar-lhes as boas novas.

Capítulo XXII

Após longos sessenta anos eu, finalmente, me pusera a par da verdade sobre minha origem e, principalmente, o que motivara o meu abandono, por parte de meus progenitores. Os fatos, recentemente acontecidos, mudaram completamente meu modo de pensar e de agir e uma nova motivação de vida impulsionava-me.

Logo que chegamos à residência dos Penley, indescritível foi a felicidade que experimentei em compartilhar, com Liam e Igor, os difíceis momentos, por que eu e Victor passamos naquele porão. O júbilo, pelo sucesso do nosso intento, contagiou a todos, com exceção de Dorothy, que não soube de nada, por motivos óbvios.

Em pouco tempo, Liam levou ao conhecimento do filho e da nora o grau de parentesco que me ligava à sua família; a boa recepção que as revelações provocaram, ultrapassaram as minhas expectativas. Dorothy e Liam passaram a me tratar como um genuíno componente daquele lar. Agora eu dividia meu tempo entre a antiga residência de Victor, que passei a habitar depois do sucesso do ritual, e a casa dos Penley, onde principiei a repartir, alegremente, momentos de bem estar.

Nesse período, pude conhecer a irmã de Igor, Shirley, que presentemente encontrava-se casada com um nobre cavalheiro parisiense e, freqüentemente nos visitava. Com esses afáveis personagens, era-me possível desenvolver longos discursos, a respeito de meu país de origem.

As alterações provocadas pelo misterioso composto, que Victor aspergiu, durante o ritual em sua antiga vivenda, deixaram-me sensível a todo tipo de criatura etérica. Passei a vê-las em todas as partes, principalmente nos bosques, onde a vida borbulhava, com todo seu vigor. Nesses pontos, podia observar o intenso labor dos pequenos e incompreensíveis seres da natureza, que dedicavam uma atenção toda especial a todo ser mineral, vegetal e animal.

Vez ou outra, me deparava com algum espectro desagradável, mas em nada comparável à aberração, que contatara durante o ritual, do qual fiz parte. Murray, como prometera, livrara-me definitivamente do assédio da Era Rubra. Esse, por sinal, foi um dos lados bons dos efeitos que a poção me causou: era-me possível travar longas e agradáveis conversações com meu irmão, principalmente nos períodos noturnos, regozijando-me com os progressos que alcançava. Eventualmente, alguém escutava esses discursos, aparentemente solitários, e atribuíam isso, à minha já avançada idade.

Nessa época, pude finalmente planejar algo de útil com a imensa fortuna que possuía. Decorridos alguns meses, reservei o bastante para a minha subsistência e daqueles que me eram caros, e instituí uma fundação filantrópica. A maior parte de meu patrimônio seria distribuído entre universidades, hospitais e obras assistenciais. Deleguei a função de dirigir essa entidade a Igor e Dorothy; meus sobrinhos agora poderiam fazer o bem, que eu não me dispusera a executar, anteriormente.

Victor, depois daquele dia, desapareceu completamente. Anos se passaram sem que eu tivesse notícias do nobre Ser.

Transcorrera uma década, desde que passei a conviver com os Penley. E foi nessa época que recebi um convite de Liam, para que o seguisse em uma viagem especial, onde reveria o Dr. Victor Olcott, em sua atual morada. Apesar da idade, ainda possuía uma forte estrutura física e não relutei em seguí-lo nessa longa jornada, visto que a vontade de novamente encontrar aquela extraordinária Figura, fazia-me superar qualquer obstáculo.

Passei dois meses viajando rumo ao oriente, tendo como objetivo mais preciso, uma região ao sul do Tibete. Trilhamos um longo caminho, por entre cumes enormes, cobertos de neve, até atingirmos nossa meta: uma ampla casa branca, no sopé de uma grande montanha, à beira de um rio pictórico.

Liam e eu fomos recebidos por serviçais da etnia local, que se trajavam como os monges, comuns àquela região. Pareciam devotar grande respeito e admiração pelo seu Patrão. Logo nos fizeram entrar e nos acomodaram em um cômodo, que dava de frente a uma elevação circunvizinha. A residência era muito bem ventilada e, apesar das paredes simples, via-se logo serem construídas de um material bem resistente. Janelas enormes deixavam entrever a maravilhosa paisagem, moldada pelos altíssimos cumes, pela neve e pelos rios que, em certos pontos, formavam belos lagos.

Depois de alguns minutos, nos quais eu e Liam trocamos algumas impressões sobre o local, Jarish, o discípulo inseparável do Dr. Olcott, veio ter conosco, dando-nos as boas vindas:

- Saudações, caros amigos. Venho aqui para vos conduzir até o recinto onde se encontra o nosso Mestre.

Notei, que todos os que conviviam naquele local se referiam a Victor como o “Mestre”. Não foi espanto para mim que um personagem, da envergadura moral de Victor, fosse tratado como tal mas, eu mesmo, preferia referir-me à Ele, como Dr. Olcott.

Jarish nos conduziu por longos corredores, até chegarmos a uma sala maior, onde Victor se encontrava. Para minha surpresa, deparei-me com a mesma pessoa a qual tivera o prazer de conhecer, dez anos atrás; a idade não o afetara, de maneira alguma, e não lhe tirara o aspecto imutável de seus quarenta anos. Sentava-se, ao modo oriental, em algumas almofadas bem largas. Ao nos ver, levantou-se prontamente e, esquecendo os modos reservados, nos dirigiu um longo abraço. Nos acomodou em almofadas similares, que se encontravam diante das suas, e retornou ao mesmo local que ocupava. Assim que nos viu devidamente instalados, nos dirigiu a palavra:

- Caros amigos, senti-me desejoso de vos encontrar pela última vez nesse plano, no qual enfrentamos tantas atribulações frutíferas e onde angariamos inúmeras vitórias. Como não sabeis muito sobre a Fraternidade, a qual pertenço, sinto-me na obrigação de esclarecer-vos a Seu respeito, para que entendam a cerimônia que aqui vieram presenciar.

Na verdade, eu não fora informado previamente de nenhuma cerimônia e Victor falava didaticamente, dirigindo-se mais a mim do que a Liam, que já tivera a oportunidade de lá estar várias vezes, desfrutando da companhia Daquele que era o seu melhor amigo. À medida que Victor prosseguia, o meu interesse se tornava cada vez maior:

- Faço parte da Grande Fraternidade da Tríplice Aliança, na qual ocupo o posto de Mestre de um dos Raios. Não adentrarei muito nesse assunto pois isso não nos será útil no momento. Digo-vos, porém, que a Fraternidade, à qual me refiro, possui vários componentes que, além de habitar essas regiões, caminham incógnitos pelo planeta, laborando pelos nossos objetivos. Em breve, sereis também, integrantes da nossa família. Como disse, essa vossa estada, será a última oportunidade de nos encontrarmos em vida, pois, em breve, terei que assumir outras tarefas, que me privarão definitivamente do contato convosco.

Apesar da serenidade, que dignificava a sua fala e os seus atos, podíamos notar que Victor imprimia uma certa emoção em seus dizeres. Mais do que com palavras, mentalmente, Ele conseguia expressar toda a sua amizade devotada e o agradecimento, principalmente a Liam, por todo o apoio que sempre obtivera do amigo. Mantendo o tom de despedida, continuava:

- A celebração, à qual me referi, é a principal comemoração do nosso Grupo e se realiza anualmente. Nela são festejados os progressos conseguidos por cada membro. Mas, deixemos de longas conversas técnicas, que só irão entediar-vos, e passemos às amenidades.

Começamos, então, a discutir sobre outros assuntos, principalmente sobre os progressos da instituição filantrópica, dirigida por Igor e por Dorothy. O assunto muito interessou a Victor, que indagava detalhes sobre a entidade. Às vezes, sentia-se que Ele estava apenas aproveitando aqueles momentos com os amigos, educadamente, mostrando-se surpreso com as nossas pseudo novidades que, provavelmente, já eram de seu conhecimento.

Passei vinte dias de convívio agradável, aprendendo muito com os hábitos exóticos daqueles indivíduos antípodas. Não tínhamos muito contato com o nosso anfitrião pois Ele sentava-se horas e horas, solitariamente, com a visão fixa em um ponto determinado da sala, como se estivesse em transe. Nesses instantes, todos eram orientados para não interromper o enigmático estado mental em que se colocava.

Em outros períodos, sumia por dois ou três dias, para depois retornar à mesma rotina anterior. Durante toda a minha estada, me esforcei, ao máximo, para entender o seu modo de vida e o objetivo dos indecifráveis atos, que praticava habitualmente, mas não consegui.

Duas semanas depois, havia chegado o dia da cerimônia. À noite, Liam e eu fomos levados por Jarish a um grande descampado, cercado, de um lado, por um grupo de montanhas e, do outro, por um grande rio, a algumas milhas de distância, da atual morada do Dr. Olcott. Para minha surpresa, uma multidão de incontáveis monges tibetanos se aglomerava nesse imenso pátio natural. À frente deles, em um elevado, divisava-se um enorme altar, onde provavelmente deveriam se postar os que dirigiriam o evento.

No início, sete magistrais Figuras surgiram, sem que eu pudesse perceber como, da parte posterior do elevado, e ocuparam posições, separados uns dois metros, uns dos outros, ao largo da parte anterior do altar. Nesse momento, percebi que uma dessas figuras era Victor.

Os sete magnânimos Seres passaram, então, a entoar cânticos em um idioma local, dirigindo-os ao altar, que até aquele instante se encontrava vazio. Em um determinado minuto, milagrosamente, surgiu nesse espaço, um Vulto, indescritível em linguagem humana. Creio que, em razão da minha clarividência desenvolvida, foi me difícil encarar o nobilíssimo Avatar que se fez presente, tamanho o brilho que emanava de seu corpo. Pude notar que esse Ser angelical portava um bastão extremamente reluzente e que o manuseava metodicamente, realizando movimentos estudados.

As sete Personalidades, postadas à frente do Ser, ajoelharam-se e dirigiram-Lhe uma homenagem, na forma de novos cânticos celestiais. É difícil descrever em palavras um espetáculo tão belo, que parecia ser destinado à alma.

Ao final, o Ente sublime, que ainda ocupava a posição central no altar levantou uma taça de ouro, cravejada de diamantes, acima da cabeça, pronunciando alguns mantras mágicos e, logo após, ofereceu o conteúdo do recipiente, a todos os sete outros Membros que, sorveram pequenos goles do líquido.

Mimetizando o feito dos Grandes, a platéia, fascinada, retirou da bagagem pequenos cantis de barro e ingeriu a água neles contida que, pelo que pude aferir, agora estava dotada de poderes supra-físicos.

Por meio de relatos, posteriores ao excelso festival, percebi que nem todos os circunstantes foram capazes de ver o incrível Indivíduo, que havia exercido o papel principal na celebração. Só então, notei o quanto me fora útil o poder clarividente, conferido por Victor.

Em seguida à longa e extenuante viagem de volta, assim que cheguei ao lar, agradeci aos céus por ter-me proporcionado uma oportunidade tão singular, que nunca julgara merecer.

Pela primeira vez, Victor mentira, ao dizer que nunca mais o veríamos nessa existência, uma vez que Ele teria que se dedicar a outras tarefas; a verdade é que, tanto eu como Liam, nos achávamos em nossos dias finais e, um ano depois daquele último encontro, não nos encontrávamos mais nesse plano.